

ESPIRITISMO, GESTÃO DE EMPRESAS E CARREIRAS PROFISSIONAIS:

ALGUMAS REFLEXÕES E RECOMENDAÇÕES



Anselmo Ferreira Vasconcelos

**ESPIRITISMO, GESTÃO DE
EMPRESAS E CARREIRAS
PROFISSIONAIS:
ALGUMAS REFLEXÕES E
RECOMENDAÇÕES**

Anselmo Ferreira Vasconcelos

Data da publicação: 26/01/2022

PUBLICAÇÃO: EVOC – Editora Virtual O Consolador

Rua Senador Souza Naves, 2245

CEP 86015-430

Fone: (43) 3343-2000

www.oconsolador.com

Londrina – Estado do Paraná

Dados internacionais de catalogação na publicação

| | |
|-------|--|
| | Vasconcelos, Anselmo Ferreira |
| V331e | Espiritismo, gestão de empresas e carreiras profissionais : algumas reflexões e recomendações / Anselmo Ferreira Vasconcelos; revisão de Astolfo Olegário de Oliveira Filho; capa de Ana Luísa Barroso da Silva Neto. - Londrina, PR : EVOC, 2022. 206 p. |
| | 1. Espiritismo-sociedade, etc-administração. 2. Jesus Cristo- liderança do servir. 3. Espiritismo e organizações humanas- problemas e desafios. I. Oliveira filho, Astolfo Olegário. II. Silva Neto, Ana Luísa Barroso da. III. Título. |
| | CDD 133.906 19.ed. |

Bibliotecária responsável Maria Luiza Perez CRB9/703

AGRADECIMENTOS

Àquela que tem sido um verdadeiro pilar da minha vida, minha mãe, Mariana, assim como aos meus queridos amigos da espiritualidade (especialmente os da Academia) que sempre me inspiram e apoiam.

Sumário

| | |
|---|-----|
| INTRODUÇÃO..... | 6 |
| O DESAFIO DA SUBIDA ESPIRITUAL..... | 12 |
| A NECESSIDADE DE CONSTANTE ATUALIZAÇÃO E ESTUDO..... | 17 |
| CUIDADO COM O LEGADO..... | 23 |
| DEUS E CÉSAR: A QUEM SERVIMOS?..... | 30 |
| O QUE ACONTECE QUANDO SERVIMOS A DOIS SENHORES?..... | 36 |
| VIGIAR AS ATITUDES..... | 42 |
| O QUE FAZEMOS COM OS NOSSOS TALENTOS?..... | 46 |
| AS LEIS MORAIS DE DEUS..... | 51 |
| ENGAJAMENTO NO BEM..... | 64 |
| ESCÂNDALOS EMPRESARIAIS: FIQUEMOS LONGE DELES..... | 70 |
| JUSTIÇA CAMBALEANTE..... | 75 |
| ESPIRITISMO E ORGANIZAÇÕES HUMANAS: CONVERGÊNCIAS, PROBLEMAS E DESAFIOS..... | 81 |
| DISRUPÇÕES TECNOLÓGICAS: MAIS PROVAÇÕES PARA A HUMANIDADE?..... | 89 |
| LIDANDO COM A IMATURIDADE ESPIRITUAL..... | 96 |
| MOTIVAÇÃO PARA O CERTO..... | 103 |
| JESUS CRISTO: EXAMINANDO ELEMENTOS DE UMA LIDERANÇA PERFEITA..... | 108 |
| INTELIGÊNCIA ESPIRITUAL: SIGNIFICADO E IMPLICAÇÕES PARA AS NOSSAS VIDAS..... | 121 |
| NÃO DEIXE A ANSIEDADE DOMINÁ-LO..... | 128 |
| DIANTE DAS ADVERSIDADES NA CARREIRA..... | 133 |
| BATEI SEMPRE NA PORTA CERTA..... | 139 |
| COMPAIXÃO NA CARREIRA E NAS ORGANIZAÇÕES..... | 143 |
| CUIDANDO DO NOSSO AUTODESENVOLVIMENTO ESPIRITUAL | 152 |
| REENCARNAÇÃO E OS SEUS DESDOBRAMENTOS..... | 158 |
| TUDO TEM O TEMPO CERTO..... | 163 |

| | |
|--|-----|
| AS MULHERES E OS DILEMAS ATUAIS..... | 167 |
| CONSTRUINDO RESILIÊNCIA..... | 177 |
| EXTERNANDO EMOÇÕES POSITIVAS..... | 184 |
| DESENVOLVER EMPATIA..... | 191 |
| AMPLIANDO A NOSSA SABEDORIA..... | 197 |
| NOVAMENTE: O DEVER DE NOS INSTRUIRMOS..... | 201 |
| CONCLUSÕES..... | 204 |
| O AUTOR..... | 206 |

INTRODUÇÃO

Indubitavelmente, a atividade de gestão das empresas (*management*) continua sendo um dos mais importantes assuntos para a humanidade. Afinal das contas, as empresas exercem um papel cada vez mais relevante em nossas vidas. Sem elas, certamente teríamos muito mais dificuldades em atender às nossas necessidades básicas. Por esse prisma, pode-se afirmar que as organizações humanas são uma invenção extraordinária. No entanto, para fazê-las funcionar adequadamente, a figura do gestor (*manager*) capacitado é imprescindível. Ou seja, elas precisam de profissionais aptos a tomar decisões, planejar, coordenar ações, inspirar os seus subordinados e, fundamentalmente, gerar resultados positivos através das suas intervenções e trabalho.

Aprendemos com Frederick W. Taylor (o pai da administração científica) que o principal objetivo do *management* é criar riqueza e prosperidade tanto para o empregador como para o empregado.^[1] Contudo, por várias razões sistêmicas e estruturais tal desiderato ainda não foi alcançado. Com efeito, o sistema econômico liberal, sob cuja inspiração vivemos, não consegue viabilizar tal possibilidade de maneira satisfatória. Embora o conflito de interesses entre as organizações empresariais e a sociedade persista há séculos, um patamar mais elevado foi, ao que tudo indica, alcançado presentemente.^[2] Nesse sentido, cumpre reconhecer que as estratégias empresariais e políticas públicas tradicionais não dão conta de responder aos desafios ora colocados à humanidade. Algo bem mais profundo, sutil e vital, que transcende apenas a questão material, não está sendo contemplado.

Creio que o principal óbice tem sido o nosso voluntário distanciamento de Deus (o nosso principal *stakeholder*). Dito de outra forma, em nossas principais criações e elaborações estão – quase sempre – ausentes a presença do elemento transcendental. Nossa estreita visão e aguda falta de sabedoria empurram-nos para caminhos inadequados ou às soluções infelizes. Do contrário, e assim mostram as evidências com clareza meridiana, a Terra seria uma moradia melhor para todos os seus cidadãos. Desse modo, é fundamental abrir espaço para uma nova percepção e entendimento, que só o elemento espiritual pode nos dar. O pesquisador canadense Bruno Dyck, por exemplo, observa que as pessoas estão necessitando de *revelação transcendente* e *ajuda* com vistas à implementação das estruturas e sistemas calcados no reino de Deus (espiritualidade).^[3]

Tomando por base tal premissa, é preciso, então, mudar urgentemente nossas diretrizes e visão das coisas através da integração da dimensão espiritual em nosso dia a dia. Pela relevância que tal aspecto – lamentavelmente, ainda negligenciado – representa, esse esforço deve ser a verdadeira mudança de gestão (*change management*), ou seja: a inserção de Deus em nossas vidas. Com efeito, os esforços empreendidos para educar os gestores a agir de maneira mais responsável raramente vão além das preocupações instrumentais.^[4] Mais ainda, a noção de responsabilidade gerencial – entendida aqui fundamentalmente como a busca pela eficiência e eficácia – tende a desdenhar o terreno da ética, o que não tem sido bom para a própria humanidade e o planeta.^[5]

Deduz-se, assim, que algo mais profundo está faltando na formação do gestor moderno. Em minha visão, a complexidade do seu trabalho requer a incorporação do aprendizado transcendental (calcado ou não nos pilares religiosos). Nesse sentido, ao desenvolver a sua própria espiritualidade, ele(a) poderá transformar suas criações

(incluindo sociedade, organizações e instituições).^{[6],[7]} Portanto, nada mais consentâneo, já que, conforme explicou Allan Kardec, o elemento espiritual permeia todo o universo.^[8]

Entretanto, enquanto lentamente cresce o interesse a respeito da espiritualidade, pouco se fala ou escreve sobre assuntos correlatos tais como Espírito(s), Deus ou um poder maior ^[9], particularmente enfatizando-os como aspectos subjacentes à gestão. Segue daí a minha iniciativa de escrever um livro focado nessa temática, sob a perspectiva da Doutrina Espírita, tendo-se em vista que “Detendo tão copiosa bagagem de conhecimentos, acerca da eternidade, o cristão legítimo [cumpre esclarecer que o Espiritismo é considerado, fundamentalmente, como o Cristianismo redivivo, atualizado, depurado, enfim, dos lamentáveis enxertos que nele foram inseridos ao longo dos séculos a fim de atender nefastos propósitos] é pessoa indicada a proteger os interesses espirituais de seus irmãos na jornada evolutiva...”^[10] Não quero, ao recorrer a tal afirmação do Espírito Emmanuel, desmerecer o trabalho e enfoque de nenhuma outra religião ou doutrina. No entanto, também não posso me furtar a reconhecer que as questões da eternidade e espiritualidade são as matérias-primas principais do Espiritismo. Dito de outra maneira, são a sua *raison d'être*.

Posto isto, o presente trabalho tem por objetivo mostrar que o Espiritismo, dado o seu escopo doutrinário e interesses, pode nos dar ajudar na direção de desenvolvermos e aperfeiçoarmos nossas organizações, instituições e sistemas de gestão, atrelando-os a princípios espirituais saudáveis. Ademais, ao longo da vida somos instados a tomar importantes decisões. E nossas escolhas e ações têm considerável efeito sobre a nossa evolução. Todavia, nem sempre ponderamos adequadamente seus efeitos. No calor do momento ou da situação fazemos – não raro – opções infelizes, que podem nos custar muito em termos de perda de harmonia e paz interior.

Definitivamente, não fomos colocados no mundo para fazer ninguém sofrer. Dito de outra forma, a nossa missão não é prejudicar quem quer que seja. As dificuldades que nos atingem devem ser sempre vistas pelo lado positivo, isto é, oportunidades de autoaperfeiçoamento e autoiluminação.

Como a Terra é, metaforicamente falando, uma escola, os testes e avaliações são partes integrantes de nossas experiências. Em outras palavras, temos que mostrar a Deus que estamos aprendendo as lições, desenvolvendo virtudes e sabedoria para encetarmos voos ainda mais altos. Como afirmou Jesus Cristo, nós somos Deuses. Deixamos, então, o DNA divino ecoar plenamente em nossas atitudes e pensamentos diários.

Aos leitores que começam a travar contato com o Espiritismo, cabe inicialmente destacar que se trata de uma doutrina relativamente nova, visto que ela existe há pouco mais de um século e meio. Apesar disso, seus princípios e ensinamentos são disseminados em todo o mundo, especialmente na América Latina, América do Norte e Europa.

Ao contrário de outras religiões tradicionais, seus pontos basilares são fortemente apoiados: (1) na fé da vida após a morte; (2) no fenômeno dos Espíritos e nas suas mensagens e ensinamentos por meio de médiuns; (3) nos ensinamentos de Jesus Cristo (o Evangelho) e seu comportamento paradigmático (modelo de perfeição) a ser seguido por todos os seres humanos; (4) e na prática da caridade. Por tudo isso, é uma doutrina cristã por excelência, e, desse modo, em perfeitas condições de nos aparelhar para a conquista da felicidade. Mais ainda, dada a sua ampla perspectiva transcendental – alicerçadas concomitantemente nas lentes da ciência, filosofia e religião –, nos ajuda a desvendar o que realmente importa considerar em nosso trabalho.

Por outro lado, os textos aqui reunidos, consoante os

objetivos acima delineados, focam basicamente em cinco grandes áreas, a saber: *gestão, trabalho, organizações e instituições, cidadania e desenvolvimento humano*. O elo comum é a necessidade de vigiarmos o nosso comportamento, a fim de não sermos seduzidos pelas sombras. De modo geral, são artigos que convidam à reflexão e autoanálise. A esmagadora maioria são ensaios e crônicas inéditas. Os poucos textos republicados (5) foram acrescentados devido à sua pertinência temática.

Com isso, não aspiro e nem pretendo assumir o papel de “guru” de ninguém. Não me vejo nesse papel! Sou apenas um observador que vê nas interações humanas o seu material de trabalho. Também não sou “dono da verdade”. Aliás, meu conselho é que o leitor(a) sempre tome muito cuidado com aqueles que assim se posicionam (aliás, não é difícil reconhecê-los). Na essência, sou apenas um esforçado estudioso da verdade divina, já que para mim é essa a única que conta. Descobri-la está em nosso roteiro rumo à luz. Nesse sentido, tenho me empenhado em tal tarefa. Por conseguinte, aqui busco interpretá-la – em algumas dimensões da vida – com base na minha experiência e trabalho como pesquisador. Como afirma o Espírito Joanna de Ângelis, “Tudo é válido na economia do Bem, na Casa do Pai Celestial, em que, por enquanto, transitamos entre as vibrações da estação terrena”.^[11]

Por fim, devo ainda acrescentar que a presente obra, primeira minha no gênero, busca oferecer material ao autoexame, a fim de que os seus acertos sejam predominantes. É, em suma, a visão de um espírita que enxerga na vida uma benção divina. Desse modo, creio firmemente que estamos aqui nesta dimensão material para atingir alguns bons propósitos.

Espero do fundo da minha alma que as minhas percepções e entendimentos possam ajudá-lo(a) em sua jornada.

Anselmo Ferreira Vasconcelos

Notas bibliográficas

1. Taylor, F.T. (1995), *Princípios da Administração Científica*, 7ª edição, Atlas, São Paulo, SP.
2. Edmans, A. (2020), *Grow the Pie: How Great Companies Deliver Purpose and Profit*, Cambridge University Press, New York, NY.
3. Dyck, B. (2013), *Management and The Gospel: Luke's Radical Message for The First and Twenty-First Centuries*, Palgrave Macmillan, New York, NY.
4. Pirson, M.A. (2020), Humanistic narrative for responsible management learning: an ontological perspective, *Journal of Business Ethics*, Vol. 162 No. 4, pp. 775–793.
5. Ibid.
6. Vasconcelos, A.F. (2017), “The scope and implications of spirituality: a dual approach”, *Organizações & Sociedade*, Vol. 24 No. 83, pp. 600-617.
7. Vasconcelos, A.F. (2010), “Spiritual development in organizations: a religious-based approach”, *Journal of Business Ethics*, Vol. 93 No. 4, pp. 607-622.
8. Kardec, A. (1984), *A Gênese: Os Milagres e as Predições Segundo o Espiritismo*, 27ª edição, Federação Espírita Brasileira, Brasília, DF.
9. Dyck, B. (2013), *Management and The Gospel: Luke's Radical Message for The First and Twenty-First Centuries*, Palgrave Macmillan, New York, NY
10. Xavier, F.C. (Pelo Espírito Emmanuel). (1977), *Vinha de Luz*, 4ª edição, Federação Espírita Brasileira Rio de Janeiro, RJ, pp. 191-192.
11. Franco, D.P. (Pelo Espírito Joanna de Ângelis). (2000), *Leis Morais da Vida*, 11ª edição, Livraria Espírita Alvorada Editora, Salvador, BA, p. 224.

O DESAFIO DA SUBIDA ESPIRITUAL

É desapontador constatar que a criatura humana – em pleno terceiro milênio da era cristã – ainda não tenha se proposto a entender a sua essência espiritual. Lamentavelmente, ainda vivemos numa civilização cheia de conflitos e decisões equivocadas. Apesar dos enormes e profundos desajustes mundiais – que sinalizam claramente os equívocos em nossas escolhas –, persistimos nos erros. Enquanto apenas 1% da população planetária abarca 50% da riqueza mundial, a esmagadora maioria padece de necessidades básicas e elementares. Não obstante os impressionantes avanços no campo da tecnologia e da inteligência artificial, milhões estão alijados da obtenção de um emprego digno. Como bem observa o acadêmico Ladislau Dowbor, “[...] O mundo político e social está se desarticulando. Nenhuma política funciona a partir de certo nível de desigualdade.”^[1]

A tão propalada *gig* economia, a propósito, significa apenas e tão somente precarização do trabalho. Por isso tudo, a vida na Terra torna-se cada vez mais complicada. Aliás, as constantes e aparentemente sem controle disrupções do mundo moderno trazem mal estar e insegurança generalizadas. Em outras palavras, é chegada a hora de nos voltarmos para algo mais profundo e equilibrado. Em minha visão, esse é o momento mais apropriado para buscarmos conhecer as nossas reais origens, assim como desenvolvermos outras competências para melhor lidarmos com tantas agruras individuais e coletivas.

O que sou? O que estou fazendo aqui? O que Deus espera de mim? Essas são algumas questões que merecem profunda meditação de nossa parte. Afinal de contas, suas

respostas podem nos trazer paz e lucidez para suportarmos as duras experiências do caminho. Mais do que isso talvez: dar sentido às nossas vidas e, quem sabe ainda, nos impulsionar no engajamento de soluções para os problemas e dificuldades atuais, que nos causam tanta aflição e mal-estar. Lembremos que – gostemos ou não – a Terra é uma morada de muito sofrimento, dor, desigualdades e violência. Não estou querendo, ao fazer tal constatação, fazer a apologia da desgraça ou da inação. Muito pelo contrário. Mas é notório que estamos muito longe de vivermos num paraíso. E se tal acontece é porque não fomos capazes – enquanto civilização – de construir um mundo melhor, pelo menos até agora, apesar de termos todas as ferramentas ideais para isso.

Assim sendo, precisamos de mudanças – e creio que a maioria irá concordar com isso – em nossas concepções, valores, estilos de vida e aspirações. A obsessão pela aquisição e acúmulo de coisas materiais está longe de nos proporcionar o verdadeiro bem-estar. Desse modo, tornou-se imprescindível a adoção de outro paradigma, que contemple o *ser* em lugar do *ter*. Posto isto, eu sugiro que o nosso foco seja no aspecto espiritual. Reconheço que não há nada de novo nisso, já que a realidade espiritual sempre permeou a humanidade. No entanto, muitos passam – inacreditavelmente – toda uma vida sem ao menos cogitá-la. Ao sucumbirem sob o imperativo da morte orgânica – que a todos atinge inexoravelmente cedo ou tarde –, chegam à dimensão espiritual em estado de mendicância, pois não souberam ou desejaram cultivar valores e objetivos mais elevados.

A Terra é – pelo menos por ora – um orbe de muita miséria social e maldade. Bilhões de almas encarnadas passam pelo cadinho de amargas existências. Há muitos livres-pensadores que cogitam que Deus brinca conosco – se é que existe tal entidade conforme conjecturam em suas tacanhas opiniões – ou não dá a menor importância para as nossas vidas. Aliás, também assim se manifestou há algum tempo atrás uma

celebridade do mundo musical demonstrando abissal ignorância no assunto. Outros ainda não conseguem encontrar respostas minimamente satisfatórias para tanto caos. Seja como for, a realidade de milhões de seres no planeta é cáustica e de dolorosa penúria. Pergunte-se: quantas pessoas você conhece que são, de fato, bem-sucedidas? Com quantos indivíduos você convive que conseguiram, por assim dizer, se dar verdadeiramente bem na vida? Se você não pertence a uma família de elevada classe social, é provável que sejam muito poucos ou mesmo nenhum. Arrisco-me a afirmar que a grande maioria das pessoas e respectivas famílias tentam se equilibrar – e estou propositalmente usando um eufemismo – sob o peso de grandes dificuldades.

Portanto, levando-se em conta as transformações e mudanças radicais em curso, como destaquei acima, é provável que considerável parte da humanidade não alcance significativos progressos materiais no decorrer de todas as suas vidas. Essa é a realidade nua e crua à qual estamos presentemente submetidos. Não nos iludamos! Dito de outra forma, a humanidade – exceto uma camada altamente privilegiada – provavelmente enfrentará enormes problemas para ganhar o seu pão de cada dia, para se sustentar e, enfim, sobreviver. Diante das evidências, se o futuro humano aparenta ser obscuro, é preciso redefinir prioridades e construir suficiente fortaleza de ânimo (resiliência) para o enfrentamento da boa luta.

A minha conclusão é que chegada a hora de desenvolvermos a nossa capacidade espiritual. Não podemos mais tergiversar sobre essa tarefa. Só adquirindo a sabedoria daí advinda estaremos equipados para suportar os dissabores e decepções da nossa jornada e, ao mesmo tempo, termos a serenidade e confiança para trabalhar rumo a um futuro melhor – mesmo que não seja nessa vida. Se repararmos no noticiário cotidiano, verificaremos que se quer consenso construímos para solucionar nossos mais graves problemas coletivos.

Também não há sinal de que o alcançaremos em breve tempo. Ao que tudo indica, deveremos bater, nessa toada, no fundo do poço para acordar e fazer algo concreto, palpável...

Não obstante esse amargo cenário, nós temos de prosseguir com as nossas lutas individuais – carregando as nossas cruces com humildade e fé. Apesar de pesadas e incômodas, elas estão burilando – tenhamos a certeza – os nossos Espíritos. Talvez estejamos desenvolvendo – sem perceber – certas qualidades espirituais que não possuíamos ou que estavam apenas em estágio embrionário dentro de nós. É certo também que a escalada da evolução espiritual exige mais esforço do que a material. Na primeira, o indivíduo busca respostas e inspirações benfazejas através da meditação, preces e leituras edificantes. Em outras palavras, ele tenta se conhecer, se desvendar e dialogar com Deus ou outra entidade espiritual da sua predileção. Na segunda, contudo, uma boa ideia, um *insight* ou sacada pode levar a pessoa, dependendo das circunstâncias, a amealhar riqueza rapidamente.

Afinal, quantas ideias aparentemente absurdas são transformadas em grandes negócios enriquecendo os seus idealizadores (empreendedores)? Milhares. Hoje vivemos a febre das *startups*, dos unicórnios e assim por diante. No entanto, apesar de tamanha sofreguidão pela riqueza e criatividade, somos extremamente pobres de Espírito haja vista as disjunções e anomalias acima observadas. Diante disso, é preciso entender que há um propósito muito maior destinado às criaturas humanas, ou seja, a de colaborar com a Criação Divina. Jesus Cristo não disse: “*Sois deuses?*” (João, 10: 34). Deixemos, então, a divindade brotar dentro de nós. Sintonizemos com ela diariamente pelo pensamento arejado para recebermos as inspirações mais consentâneas às nossas decisões e necessidades. Abracemos verdadeiramente a luz para extinguir as sombras que jazem em nosso interior, e ela nos guiará, com segurança, pelos caminhos retos.

Não tenha dúvidas, por outro lado, de que a subida espiritual é altamente desafiadora e difícil. Como esclarece o Espírito Emmanuel: “Toda modificação para melhor reclama luta, tanto quanto qualquer ascensão exige esforço.”^[2] Seguramente, é trabalho de uma vida inteira. Recordemos que as grandes figuras e avatares, sem falar de Jesus Cristo, que habitaram esse mundo enfrentaram duríssimas trajetórias. Os reconhecemos, no entanto, pelo seu legado de amor, solidariedade, fraternidade e desprendimento. As suas vidas foram marcantes e seus exemplos de conduta inesquecíveis. Temos, assim, a referência deles, que ascenderam espiritualmente, para nos espelhar. Certamente não será diferente conosco. A estrada da vida é repleta de problemas e obstáculos. Mas, antes de mudar o mundo, precisamos mudar a nós mesmos.

Notas bibliográficas

1. Dowbor, L. (2020), *O Capitalismo de Desloca: Novas Arquiteturas Sociais*, Edições Sesc, São Paulo, SP, p. 17.
2. Xavier, F.C. (Espírito Emmanuel). (1977), *Vinha de Luz*, 4ª edição, FEB, Rio de Janeiro, RJ, p. 261.

A NECESSIDADE DE CONSTANTE ATUALIZAÇÃO E ESTUDO

Se há algo que o mundo moderno nos coloca como desafiador, é a necessidade de acompanharmos *pari passu* o ritmo frenético das mudanças e transformações. Na verdade, o avassalador avanço tecnológico tem gerado alterações profundas e radicais em nosso meio, em nossa forma de viver e de como nos relacionamos, e até mesmo na geração de conhecimento. Praticamente tudo que envolve a vida humana na atualidade sofre a pesada influência dessas alterações desenfreadas. Como não poderia deixar de ser, tal quadro nos impõe obrigações e deveres adicionais, que devemos considerar se, de fato, não desejarmos nos tornar criaturas atrasadas ou obsoletas.

Uma delas diz respeito à maneira como buscamos nos atualizar, já que o conhecimento e as descobertas, impulsionados por esses ventos irrefreáveis, ocorrem numa velocidade absolutamente espantosa. Consequentemente, inúmeras áreas do saber humano estão sendo literalmente chacoalhadas e, de um momento para o outro, novos paradigmas e práticas se materializam abalando crenças e percepções arraigadas.

Por sua vez, os indivíduos, para não ficarem completamente defasados, precisam se empenhar fervorosamente. De certa maneira, tudo isso já era esperado. O avanço sempre traz em seu bojo coisas inesperadas e inquietantes, pelo menos num primeiro momento, mas também inevitáveis. Conforme ponderou Allan Kardec, “[...] todas as ciências que nos fazem conhecer os mistérios da natureza são revelações e pode dizer-se que há para a humanidade uma

revelação incessante”.^[1]

Se as revelações e descobertas são insopitáveis, não nos cabe, então, outra coisa a fazer a não ser trabalhar assiduamente por assimilá-las. É uma questão de sobrevivência. Ademais, crescer em entendimento e compreensão em relação à criação e sabedoria divina pressupõe dedicação permanente. Portanto, desde a tenra idade – quando as nossas crianças são alojadas em escolinhas maternas onde aprendem os primeiros passos da vida, inclusive em consonância com os ditames da lei – até a implacável velhice, os indivíduos têm a missão permanente de aprender para melhor viver num mundo em constante mutação.

Nesse sentido, uma nova era está agora inaugurada para os humanos, em profundo contraste com as anteriores, na qual o viver e aprender são deveres adicionais de certa maneira impostos ao cidadão. Esse parece ser o único meio de garantir um futuro mais próspero e produtivo. É algo impossível de se realizar? Aparentemente não. Basta estarmos atentos às oportunidades, sintonizados com as mudanças e imbuídos de uma vontade incansável de entesourar novos conhecimentos e informações.

Cito dois casos abaixo de pessoas dotadas desse perfil. O primeiro refere-se ao acadêmico Robert Wilson, professor de Economia da prestigiosíssima Universidade de Stanford, dos EUA. Aos 83 anos de idade ele ganhou o cobiçado Nobel de Economia junto com o seu colega Paul Milgrom. O prêmio foi-lhes concedido devido ao trabalho de ambos na elaboração da teoria de leilões. Mais especificamente, o modelo por eles desenvolvido, em que todos os itens à venda são oferecidos simultaneamente, prevê que, se houver produtos iguais com preços distintos, ninguém pagará mais por eles. O modelo, utilizado pela primeira vez naquele país em 1994, acabou por moldar a compra e venda de licenças da indústria de telecomunicações em todo o planeta.^[2]

O professor Wilson admitiu que dedicou incansáveis horas da sua vida ao estudo das teorias e modelos matemáticos, o que lhe subtraiu considerável tempo do convívio familiar. Mas também alegou que não se arrependia do esforço empreendido. Ao contrário, declarou que continuava estudando sem parar e tampouco vislumbrava em abandonar a rotina de trabalho na universidade. Outro exemplo admirável foi protagonizado pelo Professor John Bannister Goodnough. Aos 97 anos de idade, ele e outros dois outros colegas foram laureados com o Nobel de Química de 2019 pelo trabalho que realizaram no desenvolvimento das baterias de íons e lítio.¹³¹

Na sua página da web, no site da Universidade do Texas, em Austin, onde trabalha pode-se ler, entre outras coisas, que o Professor Goodnough atua como Virginia H. Cockrell Centennial Chair of Engineering na Escola de Engenharia da referida universidade. Em parceria com outros cientistas de materiais e engenheiros do departamento de Engenharia Mecânica de Walker, ele continua se dedicando a pesquisar materiais para baterias. Mais exatamente, os seus estudos focam nas relações entre as propriedades químicas, estruturais e elétricas de sólidos, a fim de projetar novos materiais que possam habilitar uma função de engenharia.¹⁴¹

Vê-se, assim, que há uma necessidade imperiosa de se absorver mais conhecimento e, por extensão sabedoria, a fim de maximizarmos a nossa existência. Além de ser algo saudável, há ainda a questão da insuficiência dos proventos da aposentadoria. Afinal, muito poucos têm hoje o privilégio de receber uma remuneração condigna. Por outro lado, tal resultado (a empregabilidade e o exercício da atividade profissional com significado) provavelmente não será alcançado se a *agenda do Espírito* – fator espiritual se preferir – não for devidamente endereçada. Desenvolver conhecimento e entendimento nessa dimensão parece-me imprescindível considerando a nossa atual condição, isto é, a de Espíritos momentaneamente reencarnados. Nesse sentido, temos o dever

espiritual de nos familiarizarmos com as revelações e conhecimentos daí decorrentes. Ao fazê-lo certamente iremos nos desenvolver mais ainda e, acima de tudo, nos alinhar a Deus e aos seus sublimes desígnios.

Cabe esclarecer que o conhecimento disseminado pelo Espiritismo advém de entidades engajadas em promover o progresso humano. Assimilá-lo adequadamente requer exercícios de introspecção de nossa parte, uso intenso da lógica e do bom senso e especialmente comportamento adequado. Conforme explicou Allan Kardec:

“[...] A verdadeira Doutrina Espírita está no ensino que os Espíritos deram, e os conhecimentos que esse ensino comporta são por demais profundos e extensos para serem adquiridos de qualquer modo, que não por um estudo perseverante, feito no silêncio e no recolhimento. Porque, só dentro desta condição se pode observar um número infinito de fatos e particularidades que passam despercebidos ao observador superficial, e firmar opinião [...]”^[5]

Ao elaborar esse verdadeiro tratado sobre a realidade espiritual, *O Livro dos Espíritos*, Kardec recebeu uma interessante mensagem a respeito do tema sob apreço dos Espíritos mensageiros de Deus:

“[...] O corpo é a cepa; o espírito é o licor; a alma ou espírito ligado à matéria é o bago. O homem quintessencia o espírito pelo trabalho e tu sabes que só mediante o trabalho do corpo o Espírito adquire conhecimentos”.^[6]

Eis aí bem colocado a relevância da atividade laboral como meio de aquisição de conhecimentos. Como há enorme desconhecimento acerca da vida espiritual e do que nos compete entender nesse particular, vale recordar que:

“Deus criou todos os Espíritos simples e ignorantes, isto é, sem saber. A cada um deu determinada missão, com o fim de esclarecê-los e de os fazer chegar progressivamente à perfeição, pelo conhecimento da verdade, para aproximá-los de si. Nesta perfeição é que eles encontram a pura e eterna felicidade. Passando pelas provas que Deus lhes impõe é que os Espíritos adquirem aquele conhecimento. Uns aceitam submissos essas provas e chegam mais depressa à meta que lhes foi destinada. Outros só a suportam lamentando e, pela falta em que desse modo incorrem, permanecem afastados da perfeição e da prometida felicidade.”¹⁷¹

Desse modo, portanto, é preciso estudar a nossa origem para melhor compreendermos as finalidades sagradas da vida, inclusive as relativas ao nosso trabalho abençoado. Infelizmente, a pletora de afazeres e compromissos quase sempre nos afastam da necessária meditação. Escravos da vida moderna, pouco tempo alocamos – se é que pelo isso fazemos – para refletir mais amiúde, enfim, em relação às coisas do Espírito imortal. No entanto, também nesse aspecto da vida necessitamos nos empenhar para aprender os conhecimentos aí produzidos de modo a (1) cooperarmos mais eficazmente na obra divina, assim como (2) colhermos os benefícios espirituais daí advindos. Nesse sentido, é importante frisar que o tema espiritualidade *per se* passou a ganhar crescente relevância à medida que *scholars* de inúmeras áreas do conhecimento têm a ele se debruçado, culminando, assim, na publicação de considerável quantidade de artigos, estudos e livros a respeito. Mais promissor ainda é o fato de já haver jornais científicos inteiramente devotados ao desvendamento do assunto. Pode-se prever que não tardará o dia em que espiritualidade tornar-se-á objeto de estudo do chamado *mainstream* científico. Em síntese, tal assunto não é mais visto como devaneio da fé religiosa. Com base em tal constatação, é pertinente lembrar que *o consolador* prometido por Jesus – o Espiritismo – veio

para despertar a mente humana para temas vitais. Em consequência disso, o profissional da era moderna tem algo mais para dominar: o desafio de se autodesenvolver em termos espirituais através da realização do seu trabalho.

Notas bibliográficas

1. Kardec, A. (1984), *A Gênese: Os Milagres e As Predições Segundo o Espiritismo*, 27ª edição, Federação Espírita Brasileira, Brasília, DF.
2. Wilson, R. (2020), “Fui tomado de emoção” *Veja*, No. 2710, 24 de outubro, pp. 54-55.
3. John Bannister Goodenough. (2020), disponível em: https://pt.wikipedia.org/wiki/John_Bannister_Goodenough (acessado em 06 de novembro de 2020).
4. John Goodenough. (2020), disponível em: <https://www.me.utexas.edu/faculty/faculty-directory/goodenough> (acessado em 06 de novembro de 2020).
5. Kardec, A. (2013), *O Livro dos Espíritos*, 93ª edição, Federação Espírita Brasileira, Brasília, DF.
6. Ibid.
7. Ibid.

CUIDADO COM O LEGADO

De modo geral, as evidências sugerem que a maioria das pessoas não reflete ou se interessa pelo seu legado, isto é, como serão lembradas posteriormente pela história e pelos outros. Definitivamente, o que deixarão associado aos seus nomes, representará, em tese, o seu maior patrimônio e a sua marca. Mas, infelizmente, não há na mente de muitos tal preocupação, embora todos nós deixaremos uma lembrança – oxalá positiva.

Jesus Cristo, por exemplo, certamente a alma mais evoluída a pisar nesse mundo de intensas provas e expiações no qual os seres humanos estão submetidos a fim de se aperfeiçoarem moralmente, deixou um legado extraordinário, já que “... *aonde quer que ele fosse, povoados, cidades ou campos, levavam os doentes para as praças. Suplicavam-lhe que pudessem pelo menos tocar na borda do seu manto; e todos os que nele tocavam eram curados*” (Marcos, 6: 56). O Espírito Emmanuel, por sua vez, acrescenta que, no dia do Calvário, apesar de haver cumprido diligentemente a sublime lei do amor, obviamente a serviço do Pai Celestial, entrega-se cabalmente à sua vontade sem cogitar dos seus próprios interesses.^[1] Como se sabe, a sua conduta ilibada influenciou fortemente o pensamento e a percepção das pessoas em relação à divindade e a vida espiritual. É indubitável que Jesus foi um extraordinário visionário, totalmente devotado ao bem das criaturas humanas.

Por outro lado, a data de 7 de novembro de 2020, um sábado, será marcada pela história não apenas pelos irradiantes e esplendorosos raios que o astro-rei, o Sol, nos proporcionou – pelo menos aqui onde moro na minha querida São Paulo. Por

volta das 12hs desse dia, os veículos de comunicação anunciavam estrondosamente a vitória da chapa Joe Biden-Kamala Harris nas eleições presidenciais americanas. Com efeito, aquela fora uma semana duríssima para aquela nação cujas complexidades do seu sistema eleitoral não têm paralelo em parte alguma no planeta.

À noite do mesmo dia, os vencedores, amparados por 74.039.152 de votos, fizeram um empolgante discurso no Estado de Delaware no qual a união do povo americano, a eleição da primeira mulher (negra) para a função de vice-presidente e o fim da obscura era da demonização, entre outras coisas, foram destacados. Seguiu-se, como sói acontecer em tais circunstâncias, muita emoção, alegria e esperanças. Aos 78 anos, portanto, Joe Biden, um político altamente experiente endereçava à nação um discurso competente e conciliador, coisas que se sempre esperam de um candidato vencedor de qualquer pleito político.

Em contraste, o mesmo não poderia ser dito sobre o então presidente Donald Trump, candidato derrotado à reeleição. Apesar da sua estridência verbal e inconformismo em relação à apuração e aos resultados a ele desfavoráveis, a sua era no poder do mais rico país do planeta chegava ao fim de maneira melancólica. Afinal, nem mesmo a elegância, que se espera sempre de um político nessa hora, de reconhecer a derrota, ele foi capaz de manifestar. Muito pelo contrário. A sua recusa demonstrou-se patética, aliás, como foi o seu governo, de modo geral.

Trump perdia, antes de mais nada, para ele mesmo, isto é, sua conduta errática e agressiva claramente manifestada desde o seu primeiro dia de governo. O ocaso do seu governo foi marcado por decisões estapafúrdias eivadas de mentiras e comentários desrespeitosos. Para o seu azar, a Covid-19 foi decisiva para o resultado inesperado. Naquele mesmo dia, as estatísticas agregavam mais 126.000 novos casos de

contaminação, alcançando a extraordinária marca acumulada de 9.870.018 (a maior do planeta) e 237.154 mortes.^[2] Ou seja, Trump ostentava resultados em sua administração nada positivos ou elogiáveis, principalmente nesse aspecto.

Dito de outra maneira, a mais poderosa nação do mundo chafurdava em uma tragédia coletiva sem precedentes. Seu presidente, no entanto, mostrava-se incapaz de lidar adequadamente com os efeitos de uma pandemia, que ele relutou de todas as formas possíveis em admitir e, o que é pior, levou muitos a nele acreditar. Não há dúvida que a sua insistência em não reconhecer a pandemia levou muitos à morte. Quantos? Só Deus sabe. Mas o fato é que a sua conduta inconsequente – fruto da sua negação sistemática quanto ao uso de máscara e falta de declarações mais incisivas quanto aos perigos das aglomerações e distanciamento social – inspirou muitos à adoção de comportamentos letais.

Na reta final da campanha eleitoral – pouco depois da sua recuperação, já que fora igualmente contaminado – comparecia aos comícios (*rallies*) sem os devidos cuidados, insuflando, assim, os seus simpatizantes às atitudes negligentes diante do quadro geral do país. Não é difícil imaginar que muitos que ali compareceram vieram a ser contaminados, e possivelmente a óbito, sem falar da provável disseminação em seus próprios lares e locais de convivência social. Triste exemplo para um líder!

Não sem razão, naquela data espocavam aqui por meio da imprensa mundial adjetivos a ele associados tais como: mentiroso, contumaz, mau caráter, petulante, torpe, inescrupuloso, manipulador, briguento, líder tóxico, racista e por aí vai. Trump demonstrara ainda durante todo o seu governo um comportamento truculento e desrespeitoso, especialmente em relação aos seus desafetos. Quanto aos seus auxiliares, assessores e membros do governo, o tratamento não foi diferente.

Afinal de contas, as críticas públicas a eles endereçadas – embora não devidamente destacada pela imprensa – mostraram-se claramente beirar o repugnante assédio moral. Nas semanas que antecederam a eleição, por exemplo, ele se engajou ferozmente em desancar o seu mais graduado funcionário da área da saúde, o Dr. Anthony Fauci^[3], que buscava por todos os meios possíveis alertar a população sobre a necessidade do uso da máscara e o perigo das aglomerações. Decretada a sua derrota nas urnas, num editorial, a Folha de São Paulo observou:

“Sabotador de primeira hora das melhores práticas sanitárias e disseminador de falsidades sobre origens do vírus e recursos terapêuticos, o presidente concorreu para transformar o seu país num exemplo de descontrole da epidemia.

Perdeu apoio de eleitores mais velhos e viu a infecção espalhar-se por seus redutos conforme o pleito se aproximava. Como se fosse pouco, ajudou, com provocações e afagos a grupos supremacistas, a mobilizar massas urbanas contrariadas com o abuso recorrente da força policial contra negros”.^[4]

Trump também se excedeu no front externo ao demonstrar uma enorme arrogância e desprezo em relação aos tradicionais aliados europeus. O seu discurso de colocar a América sempre em primeiro plano, e a sua cantilena calcada apenas nos aspectos econômicos, azedaram, sem dúvida, as relações diplomáticas. Em alguns encontros multilaterais do G20, os comentários desairosos dos líderes mundiais em relação a sua figura foram capitados pelos microfones da imprensa presente.

Apesar do acerto do seu governo em patrocinar os acordos de aproximação de Israel com outros países da região, e os avanços da economia do seu país (derruído pela pandemia)

não conseguiram lhe evitar a derrota até certo ponto acachapante. Enfim, para muitos analistas Donald Trump foi um ponto fora da curva, algo absolutamente desproporcional e fora dos padrões do que se espera de um presidente americano. Outro aspecto que merece igualmente atenção é o fato de que ele reuniu os atributos mais indesejáveis atribuídos a um líder.

O mínimo que se pode dizer, nesse sentido, é que a sua conduta se assemelhou a de um típico líder tóxico. Tais líderes, a propósito, tendem a exibir considerável: falta de integridade, cinismo, hipocrisia, ambição insaciável, autoglorificação, egoísmo, arrogância, incapacidade de reconhecer os próprios erros, amoralidade, avareza, desrespeito, incapacidade de compreender a natureza dos problemas relevantes e agir com eficiência em situações críticas.^[5] Além disso, líderes tóxicos normalmente destilam comportamentos destrutivos que levam à diminuição do moral, motivação e autoestima dos seus seguidores.^[6] A constante fricção entre o líder americano e a imprensa, sem falar nos seus ataques à oposição, em nada lhe ajudaram. Em vez de construir pontes à governabilidade do país, Trump foi, em muitas ocasiões, para o embate fortuito. As suas ações de governo, especialmente a construção do muro entre os EUA e o México, bem como a sua perseguição aos imigrantes, em nada ajudaram a sua imagem.

Por tudo isso, Donald Trump foi defenestrado do poder. Mais grave do que isso, o seu legado foi obscuro e estilo contendor. Cabe esclarecer que ao me fixar essencialmente na sua figura para escrever este capítulo, procurei me ater aos fatos sobre os quais há elevada concordância. Na verdade, o seu exemplo é extremo. No geral, penso que lhe faltou uma formação mais sólida do ponto de vista moral. Aferrado às suas crenças e opiniões deixou-se embriagar pelo poder efêmero.

E quanto a nós? Claro é que todos deixaremos igualmente um legado: o de nossas vidas. Se acertarmos em nossas decisões e deliberações tanto melhor pra nós, pois

teremos efetivamente um. Por via das dúvidas, e consoante a proposta deste livro, é mais prudente tomar *sempre* Jesus como nossa inspiração de vida. Como corretamente afirmou o Espírito Emmanuel, “*Ninguém reuniu sobre a Terra tão elevadas expressões de recursos desconhecidos quanto Jesus*” (minha ênfase). Desse modo, focar no bem em todas as nossas intervenções, inclusive no campo do trabalho, parece ser a alternativa mais prudente para termos, no final, um legado digno e, assim, na hora certa, nos reapresentarmos perante a espiritualidade. Como bem ensina Emmanuel: “É compreensível que o discípulo estude e se enriqueça de energias espirituais, recordando-se, porém, de que, antes do nosso, permanece o bem dos outros e que esse bem, distribuído no caminho da vida, é a voz que falará por nós a Deus e aos homens, hoje ou amanhã”.^[7]

Notas bibliográficas

1. Xavier, F.C. (Pelo Espírito Emmanuel). (1978), *Caminho Verdade e Vida*, 7ª edição, Federação Espírita Brasileira, Rio de Janeiro, RJ.
2. Johns Hopkins University & Medicine. (2020), “COVID-19 dashboard by the center for systems science and engineering (CSSE) at Johns Hopkins University (JHU)”, disponível em: <https://coronavirus.jhu.edu/map.html> (acessado em 8 de novembro de 2020).
3. Laughland, O., (2020), “Donald Trump threatens to fire Anthony Fauci after US election”, *The Guardian*, 2 novembro, disponível em: <https://www.theguardian.com/world/2020/nov/02/donald-trump-threatens-to-fire-anthony-fauci-after-us-election> (acessado em 9 de novembro de 2020).
4. Folha de São Paulo. (2020), “Já vai tarde. Derrocada de Trump pune ataques à civilização e carrega lições para Bolsonaro, 8 de novembro de 2020, disponível em:

<https://www1.folha.uol.com.br/opiniaio/2020/11/ja-vai-tarde.shtml> (acessado em 8 de novembro de 2020).

5. Lipman-Blumen, J. (2005), *The Allure of Toxic Leaders: Why We Follow Destructive Bosses and Corrupt Politicians and How We Can Survive Them*, Oxford University Press, New York, NY.
6. Pelletier, K.L. (2010), “Leader toxicity: an empirical investigation of toxic behavior and rhetoric”, *Leadership*, Vol. 6 No. 4, pp. 373–389.
7. Xavier, F.C. (Pelo Espírito Emmanuel). (1978), *Caminho Verdade e Vida*, 7ª edição, Federação Espírita Brasileira, Rio de Janeiro, RJ.

DEUS E CÉSAR: A QUEM SERVIMOS?

“Disse-lhes então: Dai, pois, a César o que é de César, e a Deus o que é de Deus”. Jesus (Lucas 20: 25)

A prestigiosa revista *Veja* trazia na capa de sua primeira edição do ano de 2020 a palavra *instabilidade* para referir-se ao período que se encerrava.^[1] Naquele momento histórico, a turbulência climática, política e social varria várias partes do planeta (na verdade, elas têm se intensificado ano após ano). Ou seja, as inexplicáveis criminosas queimadas na Amazônia, o aquecimento global, o 1º ano do irrequieto Presidente Jair Bolsonaro na condução do Brasil, os preparatórios dos ingleses para o Brexit, o proclamado *impeachment* (que acabou não ocorrendo) do presidente Donald Trump pela Câmara americana etc. De modo geral, as criaturas humanas e as lideranças mundiais não estavam conseguindo equacionar os problemas humanos satisfatoriamente. Cumpre lembrar que, pouco tempo depois, eclodiu a pandemia da coronavírus, expondo dolorosamente ainda mais as nossas deficiências sistêmicas e morais.

Evidenciava-se, com muita clareza, que o principal *stakeholder* do mundo, Deus, estava sendo colocado cada vez mais no limbo das decisões e cogitações humanas. E a minha explicação para tamanha negligência é que o seu mais destacado missionário, Jesus Cristo, ainda não conseguiu penetrar o suficiente no coração das criaturas inteligentes desse orbe. Dito de outra maneira, deixamos nos seduzir quase que inteiramente por “César” e seus apelos mundanos, e simplesmente esquecemos de Deus.

César, na acepção ora sugerida, representa os nossos

deveres e conexões com as coisas de um mundo atrasado ética e moralmente. Nesse sentido, cumpre lembrar que o famoso tribuno foi, sem dúvida, uma grande figura histórica: inteligente, corajoso, audacioso, extremamente ambicioso e violento. Cumpriu com proficiência o seu papel de líder de um povo conquistador (valor altamente cultivado à época). Suas façanhas e gênio militar ecoaram pelo tempo.

Entretanto, era um homem do seu tempo, isto é, de uma era em que predominavam a barbárie e o domínio pela força. César não foi certamente um homem sábio – muito menos espiritualizado. Não há qualquer evidência sobre isso. Viveu pela espada e por ela morreu. Por outro lado, o império romano não poderia ser o que foi sem a presença e influência de Caio Júlio César (100 a.C. – 44 a.C.). Mas, como tudo que se apega ao poder efêmero e a violência, César e Roma sucumbiram às suas próprias fraquezas e imperfeições morais, assim como outros povos.

Na época de Jesus, o pagamento dos tributos e respeito a César (Roma) era um dever de todo cidadão do mundo conhecido. Na atualidade, contudo, a ideia de César toma outras feições e papéis. Ou seja, César engloba todo um sistema arcaico, cínico, desumano e carcomido que nos subjuga exatamente como outrora. Por causa dele tornamo-nos escravos do consumismo desenfreado, dos ambientes organizacionais emocional e espiritualmente tóxicos, das ideias e vícios doentios vigentes em nosso meio e da vida sem qualidade, por fim.

Em vez de construirmos uma civilização mais harmonizada, equilibrada e assentada em valores mais sólidos, optamos por viver em uma sociedade de *workaholics* e exploradores. Nela, a vida sem as empresas (verdadeiros discípulos de César obstinados pelo lucro crescente e domínio dos mercados) torna-se quase inviável tal a nossa dependência delas. Como recompensa somos, paradoxalmente, cada vez

mais maltratados e explorados. Damos a elas o melhor de nossas vidas (isto é, tempo, dedicação e saúde) e recebemos, em troca, decepções, a demissão – ao menor sinal de qualquer alteração mais crítica no cenário –, e assim por diante.

Em resumo, a nossa excessiva devoção aos postulados e interesses de César tem trazido apenas degradação e sofrimento coletivo. O acadêmico americano Jeffrey Pfeffer, professor e pesquisador da Universidade de Stanford, escreveu coisas muito preocupantes a respeito da nossa relação com o trabalho na atualidade. Embora ele se refira predominantemente à realidade dos EUA, seus raciocínios valem igualmente para outras culturas e contextos. Por exemplo, na sua respeitada opinião:

“Muitos locais de trabalho têm abraçado um enfoque transacional com a sua força de trabalho – as pessoas são vistas como fatores de produção e a ênfase é no comércio do dinheiro pelo trabalho, com não muita conexão emocional entre elas e os seus empregos”.^[2]

Pfeffer fez uma interessante e abrangente pesquisa para abalizar as suas conclusões. Ele menciona vários casos e estudos de pessoas que morreram devido ao excesso de trabalho. Ou seja, o *stress* e o *burnout* (extrema exaustão) estão matando as pessoas. Nesse cenário macabro quanto mais o indivíduo ascende na carreira, mais ele perde espaço pra si mesmo. Analogamente aos tempos da Revolução Industrial, nós estamos vendo, em pleno século XXI, as pessoas sucumbirem de tanto trabalhar. Esse tem sido o “prêmio” de tanta devoção a César. Tornamo-nos escravos da ambição empresarial. O que importa, nessa estreita visão, é, essencialmente, a conquista econômico-financeira.

As duas grandes potências mundiais da atualidade (EUA e China) são os protagonistas desse paradigma material frio e autodestrutivo. Assim sendo, estamos longe de vivermos

numa sociedade que contemple o ócio criativo, conforme idealizado pelo sociólogo italiano Domenico De Masi.^[3] Para ele, a propósito, há a necessidade premente de um plano reeducativo que vise a construção de um amplo pacto social que faculte a melhor redistribuição da justiça no trabalho, da riqueza, do saber e do poder.

Enquanto isso não ocorre, observa-se o indivíduo trabalhador perdendo a guerra para a automação industrial, para os sofisticados programas de inteligência artificial, para, enfim, a tecnologia fria e insensível que alija o seu criador, isto é, nós humanos. No mundo do César hodierno não há consideração, respeito e reconhecimento pelos indivíduos. E a cada dia fica mais patente a incivilidade das organizações. Nesse quadro distópico passamos a servi-las em vez de sermos por elas servidos. Em nossa relação com elas somos forçados a ficar permanentemente atentos, pois elas podem nos iludir, enganar ou explorar a qualquer momento através de seus produtos ou serviços defeituosos, sem falar dos seus discursos nem sempre sinceros.

Grandes corporações multinacionais têm dado imenso vexame nos últimos tempos simplesmente porque preferiram seguir uma via tortuosa, sagaz e mesquinha. Um caso emblemático, que vale a pena citar, é o da empresa Boeing – gigante mundial da viação comercial. O lançamento do seu jato 737 Max foi, além de um fiasco empresarial perfeitamente evitável, um produto mortal. Exatamente 346 pessoas foram vítimas fatais de um avião, que apresentava gravíssimos problemas no seu software MCAS, responsável pelos controles vitais de navegação.^[4] Ao que tudo indica, a empresa negligenciou os alertas e sinais de que algo estava profundamente errado com a aeronave.

Um homem que perdeu toda a sua família num dos fatídicos voos, acusou a Boeing de “completo preconceito e desrespeito”, além de focar apenas no preço das ações e na

lucratividade “às custas da segurança de vidas humanas”, sem falar no seu relacionamento nada convencional com a agência reguladora americana (FAA).¹⁵¹ Embora a empresa tenha demitido o seu CEO tempos depois (aparentemente o executivo embolsou algo em torno de US\$ 60 milhões no pacote de desligamento), o fato é que o estrago já estava feito: prejuízo financeiro, produção interrompida, encomendas suspensas, imagem comprometida e, o pior de tudo, mortes. Nada mais devastador para uma organização humana. Todavia, é um preço merecido por quem optou por seguir César em detrimento de Deus. Na presente literatura de ética e gestão empresarial abundam casos e situações de flagrante omissão moral.

Com efeito, tenho dedicado uma parte considerável do meu trabalho como pesquisador em mapear essas organizações vassalãs aos interesses de César¹⁶¹, bem como o que a elas falta para desenvolver algo mais nobre.¹⁷¹ Em síntese, no mundo perverso e insensível de César não há – como evidenciado acima – lugar para o respeito humano. O outro, na verdade, é apenas um número no cadastro. Baseado nessa realidade, recorro ao inspirado pensamento do Espírito Emmanuel: “Não somente o corpo da criatura humana padece a obsessão de Espíritos perversos. Os agrupamentos humanos e instituições dos homens sofrem muito mais.”¹⁸¹

Portanto, falta nessa distorcida idealização entrelaçada aos ideais de César o compromisso com o amor, a vida, a saúde e a alegria. Falta-lhe sobretudo Deus – o maior *stakeholder* – para guiar as decisões e ações humanas num sentido mais nobre. Falta, enfim, seguir a inspirada regra de ouro: *fazer aos outros o que desejamos igualmente para nós*.

Notas bibliográficas

1. Edição 2667 de 1 de janeiro de 2020.

2. Pfeffer, J. (2018), *Dying for a Paycheck*, Harper Collins Publishers, New York, NY, pp. 183-184.
3. De Masi, D. (2000), *O Futuro do Trabalho: Fadiga e Ócio na Sociedade Pós-Industrial*, 3ª edição, José Olympio, Rio de Janeiro, RJ; Ed. Da UFB, Brasília: DF.
4. Gelles, D. and Kitroeff, N. (2019), “Boeing to temporarily shut down 737 Max production” *The New York Times*, December 16, disponível em:
<https://www.nytimes.com/2019/12/16/business/boeing-737-max.htm> (acessado em 17 dezembro, 2019).
5. Rushe, D. (2019), “Man whose family died in 737 Max crash accuses Boeing of ‘utter disrespect’”, *The Guardian*, July 17, disponível em:
<https://www.theguardian.com/business/2019/jul/17/boeing-737-max-congressional-hearing-testimony> (acessado em 18 julho de 2019).
6. Leia, por exemplo: Vasconcelos, A.F. (2018), “The lack of spiritual perspective on organizations: an exploratory study”, *International Journal of Organizational Analysis*, Vol. 26 No. 5, pp. 915-940.
7. Vasconcelos, A.F. (2021), “Corporate social responsibility, corporate citizenship and Spiritism doctrine: examining the common linkages”, *Texto em Processo de Submissão*.
8. Xavier, F.C. (Pelo Espírito Emmanuel). (1978), *Caminho, Verdade e Vida*, 7ª edição, FEB, Rio de Janeiro, RJ, p. 304.

O QUE ACONTECE QUANDO SERVIMOS A DOIS SENHORES?

O capítulo precedente enfatizou a necessidade de cuidadosa reflexão sobre o dilema Deus x César. No entanto, as evidências colhidas sugerem, infelizmente, que continuamos optando por seguir um caminho no mínimo sinuoso à nossa evolução espiritual. Com efeito, ao depositarmos todas as nossas energias, capacidades e aspirações nos interesses puramente materiais, muitas vezes em flagrante desconsideração e desrespeito aos nossos semelhantes, pouco ou mesmo nada acrescentamos à nossa espiritualidade. Por isso, com acerto indaga o Espírito Emmanuel: “Como conciliar o conhecimento de Deus com o menosprezo aos semelhantes?”^[1]

Contudo, observa-se tal incoerência no terreno da fé por toda a parte. A maioria das pessoas afirma acreditar em Deus, mas, paradoxalmente, nega-o em momentos capitais. Como menciona o Evangelho: “*Confessam que conhecem a Deus, mas negam-no com as obras, sendo abomináveis, e desobedientes, e reprovados para toda a boa obra*” (Tito 1:16).^[2]

O Espiritismo vem nos esclarecer através do uso de argumentos lógicos, de modo a evitarmos desnecessários enganos e percepções. Como observa o Espírito Emmanuel: “*O Espiritismo, em sua feição de Cristianismo redivivo, tem papel muito mais alto que o de simples campo para novas observações técnicas da ciência instável do mundo*” (ênfase minha).^[2]

Além disso, Jesus Cristo foi muito preciso ao nos

alertar: *“Ninguém pode servir a dois senhores; porque ou há de odiar um e amar o outro, ou se dedicará a um e desprezará o outro. Não podeis servir a Deus e a Mamom”* (Mateus 6:24). Nesse sentido, é importante frisar que Mamom é uma palavra de origem hebraica que significa literalmente *dinheiro*. Desse modo, portanto, infere-se aqui que Jesus nos recomenda muita atenção quanto às nossas decisões relativas às questões de valor econômico-financeiro. Analisando esse assunto, o Espírito Emmanuel destaca:

“O aprendiz menos centralizado nos ensinamentos do Mestre acredita que pode servir a dois senhores e, por vezes, chega a admitir que é possível atender a todos os desvairamentos dos sentidos, sem prejudicar a paz de sua alma. Justificam-se, para isso, em doutrinas novas, filhas das novidades científicas do século; valem-se de certos filósofos improvisados que conferem demasiado valor aos instintos; mas, chegados a esse ponto, preparem-se para os grandes fracassos porque a necessidade de edificação espiritual permanece viva e cada vez mais imperiosa. Poderão recorrer aos conceitos dos pretensos sábios do mundo, entretanto, Jesus não ensinou assim.”^[3]

Na sua extraordinária passagem pelo mundo, Jesus deixa claro, aliás, que a posse de vultosos haveres monetários não deve ser vista como um fim em si mesma, mas, fundamentalmente, como um meio à realização de um propósito maior, de elevado significado e alcance espiritual. Do contrário, ele não teria sido tão enfático ao também nos alertar: *“Mas, buscai primeiro o reino de Deus, e a sua justiça, e todas estas coisas vos serão acrescentadas. Não vos inquieteis, pois, pelo dia de amanhã, porque o dia de amanhã cuidará de si mesmo. Basta a cada dia o seu mal”* (Mateus 6: 33-34).

Para Jesus os nossos esforços devem sempre ser canalizados e/ou alinhados à vontade de Deus. Em outras palavras, as coisas espirituais devem ser vistas como

prioritárias ou ainda como uma bússola a ser seguida. Por conseguinte, as iniciativas de cunho material devem estar subordinadas à consecução do bem maior, à construção de bem-estar e felicidade geral. Tomando-se por base tal perspectiva, temos e teremos sempre condições e liberdade para mostrar, de fato, nosso alinhamento com o plano superior da vida. Independentemente da nossa posição hierárquica no organograma das empresas ou instituições, bem como da natureza do nosso trabalho e profissão, sempre ocorrerão momentos adequados para mostrarmos a nossa real fidelidade aos ideais mais elevados da vida.

Desse modo, quando exibimos qualidade, empatia, boa vontade, cooperação e atenção, por exemplo, estamos ajudando a implantar – tenhamos consciência disso ou não – o reino de Deus na Terra. Afinal, todos nós possuímos algum tipo de recurso ou possibilidade de tornar isso real. Para ilustrar o raciocínio tenhamos em mente que inúmeras situações por nós enfrentadas no exercício de nossas tarefas diuturnas criam tal condição – ou seja:

- quando um atendente se esmera em resolver o problema de um cliente;
- quando um chefe ouve com respeito as solicitações de um subordinado ou as suas sugestões;
- quando um gari efetua a limpeza da rua com dedicação;
- quando um operário conserta o asfalto da rua ou a calçada esburacada com zelo e qualidade;
- quando um professor elabora/ministra uma aula com amor;
- quando um médico ou enfermeiro se empenha com denodo em diminuir o sofrimento alheio;
- quando o policial se dirige ao cidadão com respeito

e assim por diante.

Enfim, não nos faltam oportunidades de mostrar o nosso alinhamento com Deus através do nosso trabalho e responsabilidades. Como Jesus é o governador espiritual da Terra, ele deve ser o nosso modelo a ser imitado. Como explica o Espírito Emmanuel:

“Ele é o Senhor único, depois de Deus, para os filhos da Terra, com direitos inalienáveis, porquanto é a nossa luz do primeiro dia evolutivo e adquiriu-nos para a redenção com os sacrifícios de seu amor.

Somos servos dele. Precisamos atender-lhe aos interesses sublimes, com humildade. E, para isso, é necessário não fugir do mundo, nem das responsabilidades que nos cercam, mas, sim, transformar a parte de serviço confiada ao nosso esforço, nos círculos de luta, em célula de trabalho do Cristo.

A tarefa primordial do discípulo é, portanto, compreender o caráter transitório da existência carnal, consagrar-se ao Mestre como centro da vida e oferecer aos semelhantes os seus divinos benefícios.” (ênfase minha).^[4]

Cumprir destacar que, em hipótese alguma, as minhas ponderações devem ser entendidas como um convite à rebeldia ou ausência de comprometimento com o empregador. Afinal de contas, tal atitude revelar-se-ia um ato de irresponsabilidade de nossa parte. Devemos, sim, fidelidade a quem nos paga e dá condições de desfrutarmos de uma existência digna. Tenhamos muito cuidado em separar “o joio do trigo”, bem como contextualizar as nossas interpretações de maneira apropriada. Mas há, infelizmente, diretrizes que estão acima de nós, e que não raro se chocam com as proposições aqui defendidas.

Por isso, devemos ter, sim, cuidado com o que nos pedem. Às vezes somos convocados a participar de projetos ou

tarefas extremamente lesivas aos outros, e não nos damos conta disso. Tomar parte de atividades ou iniciativas ilegais, maléficas, imorais ou em flagrante desrespeito às leis vigentes podem nos trazer enormes dissabores. Imaginem se pudéssemos, por exemplo, entrevistar os executivos das mineradoras brasileiras corresponsáveis pelas tragédias humanas e ambientais ocorridas no Estado de Minas Gerais nos últimos anos.

Ou alternativamente, se pudéssemos dialogar com os policiais militares envolvidos na greve da classe acontecida no ano de 2017 em Vitória, Espírito Santo, que culminou com a morte de mais de 219 pessoas, sem falar dos enormes prejuízos financeiros gerados aos comerciantes.^[5]

É preciso considerar que no calor das emoções no trabalho e do suposto dever a ser cumprido, às vezes tomamos parte de decisões ou ações que nos infelicitarão por longo tempo ou até mesmo pelo resto dos nossos dias. Portanto, tenhamos muito discernimento em nossas deliberações – mesmo que, eventualmente, venham a nos custar o emprego. Afinal de contas, se servimos a Deus e Jesus não devemos temer pelo amanhã, especialmente se estivermos fazendo a coisa certa... Um eventual prejuízo pessoal num primeiro momento pode-se revelar uma sábia decisão a posteriori. Segue daí a pergunta: o que estão querendo de mim me aproxima mais de Deus ou me afasta dele? Estou fazendo algo moralmente aceitável ou não?

Pensemos a respeito de quem, de fato, servimos.

Notas bibliográficas

1. XAVIER, F.C. (Pelo Espírito Emmanuel (1978), Caminho, Verdade e Vida, 7ª edição, FEB, Rio de Janeiro, RJ, p. 247.

2. Ibid.
3. Ibid., pp. 333-334.
4. Ibid., p. 300.
5. Vasconcelos, A.F. (2020), “Analyzing the effects of incivility beyond workplaces”, *International Journal of Organizational Analysis*, Vol. 28 No. 5, pp. 1069-1093.

VIGIAR AS ATITUDES

A agenda do Espírito é muita inquietante e, em certos momentos, dolorosa. Não podemos nos iludir com relação a isso. Não mentirei a vocês que tal escolha demandará ingentes esforços de sua parte meu(minha) caro(a) leitor(a). O próprio Jesus foi muito claro a respeito ao afirmar: “*E quem não toma a sua cruz, e não segue após mim, não é digno de mim*” (Mateus 10:38). Segui-lo, portanto, é decisão altamente desafiadora, pois estamos normalmente acostumados à comodidade. Preferimos, convenhamos, quase sempre as coisas previsíveis e de fácil alcance. De certo modo, somos inclinados a evitar aborrecimentos ou desconfortos de qualquer natureza. Desse modo, tendo a exata dimensão das coisas facilita, de modo geral, a nossa existência.

Por que, então, nos incomodar com assuntos transcendentais? No entanto, se tomamos, de fato, os ensinamentos de Jesus Cristo como nossa referência de vida, então, para absorvê-los precisamos inevitavelmente de mudar as nossas concepções na forma de ver a vida. Não há outro jeito. As suas ideias e recomendações são inquestionavelmente preocupantes à nossa paz interior. Afinal de contas, elas nos convidam a uma catarse (reforma íntima), e isso é algo que a maioria das pessoas não está disposta a fazer. No entanto, tal processo é vital à transformação espiritual do indivíduo.

Lembremos que o Mestre dos Mestres nos incitou a nada mais nada menos do que à busca da perfeição, já que o Pai Celestial é perfeito. Vê-se, assim, que se trata de algo profundamente desestabilizador – pelo menos num primeiro momento – para nós que tendemos a aceitar – quase sempre – com muita benevolência os nossos defeitos de personalidade e

comportamento. Desse modo, a busca do aperfeiçoamento na conduta pessoal requer intensa determinação de nossa parte, diria até certa obstinação. E é por essa via – conforme esclarecem os Espíritos mensageiros de Deus – que se alcança outro patamar de evolução espiritual ou, dito de outra maneira, sendo atentos ao que aspiramos, dizemos, articulamos e primordialmente fazemos.

Visto por esse ângulo, o alerta proferido pelo Messias para que vigiássemos e orássemos para não cairmos em tentações soa como providência essencial (Mateus 26: 41). Afinal de contas, de posse desses poderosos recursos espirituais, ou seja, (1) a firme capacidade de auto-observação, autoexame e autoconhecimento, que habilitam o indivíduo a compreender melhor as suas fraquezas, assim como (2) a utilização do instrumento da prece, que nos dá a real possibilidade de conexão com o mais alto, e, a partir daí, obter a benéfica inspiração e intuição às nossas deliberações na vida ordinária, estaremos devidamente equipados para o acerto nas atitudes.

Dada a sua especialíssima condição de enviado do Criador, Jesus, obviamente, sabia do impacto que as suas ideias causariam na humanidade do seu tempo e até mesmo da atualidade, já que esta continua abraçando sobejamente disposições malsãs. Dito de outra maneira, o livre-arbítrio praticado pelos humanos continua sendo empregado de forma infeliz e, o que é mais lamentável, em seu próprio detrimento. Os seus alertas e recomendações ainda continuam sendo desprezados. Não é por outra razão que a agenda espiritual tem progredido tão lentamente no mundo.

Antevendo os enormes obstáculos que cercam o aprendizado humano devido à sua rebeldia e desinteresse em entender temas capitais que tangenciam a existência, Jesus nos alertou: “*E bem-aventurado é aquele que não se escandalizar em mim*” (Mateus 11:6). A busca do entendimento concernente

à nossa espiritualidade, particularmente pela via esclarecedora do seu Evangelho, não deve ser causa de embaraço para ninguém. Ao contrário. Pessoas que enveredam por esse caminho dão, na verdade, fortes demonstrações de que desejam algo mais da vida do que as concepções e teorias hodiernas não conseguem explicar.

Posto isto, é preciso ser muito cuidadoso nos tempos atuais – onde vigora tanta patrulha ideológica – para não nos excedermos em nossas manifestações. Explicando melhor, é de amplo conhecimento, por exemplo, as consequências negativas causadas por jornalistas que foram além dos limites em seus comentários e observações. Se de um lado as amplas possibilidades tecnológicas de interação e contato entre as pessoas oferecem flexibilidade e variedade, do outro também há riscos consideráveis de sermos mal interpretados em nossas intervenções.

Por isso, como bem salientou Jesus: *“O que contamina o homem não é o que entra na boca, mas o que sai da boca, isso é o que contamina o homem”* (Mateus 15:11). É prudente não esquecer que as pessoas se prendem cada vez mais aos guetos culturais devido a saliente diversidade demográfica, religiosa e de hábitos/costumes. Neles predominam visões e percepções muito específicas e de alta suscetibilidade, aliás, como nunca se viu antes. A primeira vítima nesse mundo multifacetado foi o humor, já que qualquer observação ou anedota pode, eventualmente, desencadear protestos veementes. Em outras palavras, o que era absolutamente normal falar ou escrever no passado não muito distante tornou-se agora, por força das trincheiras criadas, motivo de ofensa.

No ambiente de trabalho devemos estar muito atentos para não infringir as tênues linhas demarcatórias da boa convivência social. Podemos e devemos praticar a empatia permanentemente. Colocando-nos no lugar dos outros podemos ter uma ideia do que eles sentem e valorizam. As pessoas

carregam, muitas vezes, dentro delas sentimentos e experiências desagradáveis devido à cor da sua pele, opção sexual, idade, gênero etc. A formulação espírita-cristã está alinhada ao pleno exercício do respeito como base à construção de sólidas relações.

Por isso, devemos respeitar para também ser respeitados. Aceitemos a diversidade e inclusão como meio de legitimar a presença de todos. *Vigiemos nossa fala, nossos textos e comunicações para que espelhem sempre equilíbrio e alteridade.* Não geremos desentendimentos através da nossa agressividade ou radicalismo. Reconheçamos que todos têm o direito de ter o seu espaço e opiniões. Se Deus concede tal possibilidade por que nós haveríamos de fazer o oposto? A noção de inclusão passa necessariamente pela obrigação de aceitar o que é diferente.

Que de nossa boca possa sair apenas coisas construtivas e positivas. Deixemos que o ácido seja expelido apenas pelos inimigos da luz, que veem defeito e maldade em tudo. Em assim procedendo estaremos trabalhando efetivamente na melhoria de nossa espiritualidade e nos ambientes onde nos situamos.

O QUE FAZEMOS COM OS NOSSOS TALENTOS?

Não é mais novidade pra ninguém que viver no Brasil atual é estar sob a intensa conjuntura de duras e permanentes experiências. Estamos muito longe de desfrutar um ambiente de paz, segurança e prosperidade generalizadas, e não há indícios que tal estado será alcançado em breve. Infelizmente, a tão propalada religiosidade do nosso povo ainda não foi capaz de mudar substancialmente – como se espera, aliás – valores e condutas fundamentais. Por conseguinte, daí derivam as conhecidas dificuldades e aflições que tornam a vida, de modo geral, mais complicada – pelo menos nesta parte do mundo. Diante disso, é no mínimo curioso ver que muitas nações, onde a questão da fé ainda não é vista como prioridade ou sequer cogitada, conseguiram, mesmo assim, ter alcançado patamares admiráveis de desenvolvimento, progresso, ordem e, sobretudo, atenção com os cidadãos e as suas necessidades mais prementes.

Mas em absoluto contraste, é notória as agruras do nosso povo, especialmente quando necessita de algo do Estado. Nesse sentido, creio que cabe a indagação: por que não aplicamos a beleza da fé em nosso dia a dia? O que nos faz tão incoerentes? Afinal, se aceitamos Jesus Cristo como nosso modelo – creio que não haverá muita polêmica neste aspecto – então, por que não espelhamos seus ensinamentos em nossas atitudes diuturnas? Embora o Estado seja laico, nada impede que levemos a ele nossa bagagem no campo da espiritualidade e na crença em ideais superiores.

Nestes tempos de duras provações coletivas vimos (esse texto foi escrito quando estávamos em plena pandemia), aliás, muitos serviços públicos serem suspensos ou funcionarem

parcialmente. Tal medida, teve, sem dúvida, a sua justificativa dada as enormes possibilidades de contaminação. Nada a contestar, portanto, tendo-se em vista que as aglomerações deixariam as pessoas ainda mais vulneráveis. O que me chamou a atenção, no entanto, foi ver repartições, como as agências do INSS, não terem se preparado minimamente a contento para a retomada da prestação dos seus serviços à população. Mais lamentável ainda foi ver o órgão – no qual milhares de pessoas geralmente recorrem pelas mais variadas razões e necessidades – não ter prestado um atendimento condigno às pessoas num momento tão crítico da história.

Ora se Deus é “brasileiro”, como afirmam alguns, pode-se imaginar, então, que ele, que é só amor, deve estar muito decepcionado exatamente pelo desamor e falta de empatia de boa parte dos seus filhos. Convenhamos, depois de um longo tempo inoperantes as agências abriram sem pessoal qualificado para fazer perícias, atendimento e cumprimento, enfim, do seu papel institucional. Seguramente criaram um caos na vida de muitas pessoas, que esperavam um tratamento humano e digno.

Triste Brasil que ainda não consegue pôr em prática o segundo mandamento externado por Jesus, ou seja, “amar o próximo como a si mesmo”. As carências da nossa população são incomensuráveis, já que o país é profundamente desigual. Para piorar, elas foram fortemente agravadas pela depressão econômica advinda da Covid-19. Os dados mostraram com clareza absoluta as consequências nefastas ao povo, que ficou, assim, sob mais uma dolorosa provação coletiva envolvendo: desencarnações em massa, a perda de renda e de recursos, inflação elevada, fechamento de negócios, desemprego etc.

Não bastasse isto, continuamos tendo a geralmente humilhante experiência de precisar do apoio do Estado em muitas outras áreas. Para ilustrar vou citar uma história que chegou aos meus ouvidos. Determinado amigo da terceira idade recorre mensalmente ao posto de saúde do seu bairro –

administrado pela prefeitura – para obter alguns remédios indispensáveis à sua saúde. Como ele costumava dizer: – *“É pra reduzir os custos fixos”*.

De fato, muitas pessoas usufruem do benefício, já que o valor das aposentadorias não é suficiente para cobrir todas as despesas. No dia marcado para a realização da consulta médica, assim como para a revalidação da receita, ele teve um contratempo, já que foi levar a sua mãe para efetuar exames médicos e o tempo previsto fora excedido, chegando, por isso, ligeiramente atrasado ao seu compromisso. Para complicar ainda mais a situação, o posto de saúde estava lotado. A fila estava quase chegando na calçada... Suado devido à caminhada frenética por ele empreendida para chegar até lá, concluiu que não havia muito a fazer a não ser esperar, pacientemente, a sua vez. Obviamente, o atraso para a consulta aumentou um pouco mais devido ao grande número de pessoas. Um pressentimento de que teria dissabores lhe acudiu a mente. Querendo espantar essa má impressão, ele conjecturou: - *“Eles deverão entender que a fila não ajudou a diminuir o meu atraso”*.

Finalmente ao chegar a sua vez, o atendente (único ali disponível, aliás) lhe disse que não poderia encaminhá-lo à consulta devido ao seu atraso. Ele ponderou que não estava assim tão atrasado – seguramente não mais de 20 minutos. Ademais, informou que estava na fila, aguardando respeitosamente a sua vez de ser atendido...

O atendente retrucou lhe dizendo que ele deveria ter vindo ao balcão assim mesmo. Meu amigo, por sua vez, contestou dizendo que, se tivesse feito aquilo, ele provavelmente teria sido “linchado” pelos outros. Mais ainda: argumentou que não havia nenhuma placa, adesivo ou funcionário avisando sobre tal possibilidade. Assim sendo, apelou ao bom senso e pediu ao atendente para conversar com a médica, que estava em consulta. Convencido, finalmente, o

servidor público foi até a sala da “doutora”, e o meu amigo ficou confiante aguardando.

No entanto, para a sua surpresa, ele foi informado pelo atendente que a “doutora” não o atenderia. Inconformado, decepcionado e até meio amargurado lá foi ele na sala da enfermaria para tentar a obtenção de uma receita atualizada, seguindo a recomendação do servidor público. Sentou-se num banco e, com as emoções à flor da pele, começou a repassar mentalmente a dureza do coração humano na atualidade quando, subitamente, a porta do consultório da doutora, que ficava ao lado da enfermaria, foi aberta. Era uma jovem médica na faixa dos 35 anos. Diante da oportunidade, ele pensou: – *“Vou ver se consigo tocar à sua sensibilidade”*.

Pediu licença e se apresentou rogando a ela (1) observar o estado em que ele se encontrava, já que tinha a camisa toda empapada de suor e (2) desculpa por ter chegado atrasado à consulta por motivos alheios (explicou-lhes, por sinal) à sua vontade. Diante do relato, rogou-lhe ainda se ela não poderia reconsiderar a sua decisão. A médica ouviu-o atentamente, mas alegou que nada poderia fazer, já que ela tinha que seguir as recomendações do Sistema Único de Saúde (SUS), que estabeleciam o tempo de 15 minutos para as consultas.

Meu amigo rebateu indagando-a se ela nunca tinha chegado atrasada em algum compromisso antes. Ao que ela concordou, embora reiterou que não poderia atendê-lo devido à sua agenda. Diante do implacável método taylorista de trabalho ali seguido, sem falar na chocante falta de humanismo da médica, ele afirmou que o sistema deles era perverso, ao qual ela concordou; no entanto, ele ressaltou, por fim, que *elas também nada faziam para melhorá-lo*.

Ao sair do local, extremamente decepcionado em razão do ocorrido, lembrou-se de um dos ensinamentos de Jesus: *“Sede, pois, misericordiosos, como também vosso Pai é misericordioso”* (Lucas 6: 36). Moral da história: como usamos

nossos talentos em nossas atividades diárias? Estamos cooperando para tornar as coisas menos amargas ou acrescentamos mais tóxico à já por si só asfixiante psicossfera do planeta?

Experiências como a acima retratada são comuns em nossa nação. Infelizmente, a grande maioria não se dá conta de que cedo ou tarde dará conta das consequências do seu trabalho, das suas responsabilidades profissionais, enfim, perante a espiritualidade. Em outras palavras, com toda certeza vamos morrer um dia e enfrentar, logo em seguida, uma outra realidade na vida espiritual.

Chegar lá vitoriosos ou autênticos mendigos espirituais dependerá – tenhamos certeza disso – do que semearmos aqui nessa dimensão. Posto isto, quantos usam os seus talentos para prejudicar os seus semelhantes? Certamente muitos. Há no mundo pessoas dotadas de imensa capacidade e conhecimento, mas, lamentavelmente, enfermas da alma. Acalentam ideais e interesses perversos, maléficos, mesquinhos... Empregam o seu saber não para diminuir o sofrimento humano, mas para satisfazer os seus desejos aviltantes. Por isso, na essência, são verdadeiros monstros. Todos conhecem, por exemplo, a história do famoso médico-monstro que abusava impiedosamente de suas pacientes que procuravam os seus serviços na expectativa de poder engravidar e ter bebês, um desejo, por sinal, natural das mulheres. Portanto, nossos atos, atitudes e até omissões revelam o que verdadeiramente somos na intimidade.

Outros há que utilizam a sua expertise, potencialidades e vastos recursos intelectuais para servir Mamom em vez de Deus.

Meditemos a respeito!

AS LEIS MORAIS DE DEUS

O Espiritismo nos revela que o Criador forjou leis morais para guiar as criaturas inteligentes. Elas constituem roteiros perfeitos por ele delineados e que inspiram as humanidades à sua evolução interior, à prática do bem, ao exercício de atitudes dignas e pensamentos retos. Não é minha intenção discorrer sobre o alcance particular de cada uma delas, já que há obras muito bem elaboradas que cobrem as minudências de cada uma delas.¹¹ No entanto, aqui focarei especificamente naquelas que tangenciam, por assim dizer, os objetivos centrais desta obra, formulados na Introdução. Desse modo, cabe destacar que conhecê-las é vital se se almeja crescer em entendimento e sabedoria. A propósito, o Espírito Joanna de Ângelis esclarece que:

“O homem viaja com os seus formidáveis bólides espaciais fora ‘da órbita da Terra, e, todavia, não se conhece a si mesmo.

Descobre o mundo que o fascina e não se penetra das responsabilidades morais que lhe cabem.

Altera a face do planeta que habita e pretende modificar as ‘leis morais’ que regem o Universo, mergulhando, então, em profunda amargura.

Apresenta conceitos valiosos e concepções de audaciosa matemática, desvendando as leis da gravitação, da aglutinação das moléculas, da estrutura genética dos seres e, todavia, impõe absurdas determinações no campo moral, legalizando o aborto, ressuscitando a pena de morte, programando a família mediante processos escusos, precipitados, advogando a dissolução dos vínculos matrimoniais estimulado por terrível

licenciosidade, fomentando a guerra...

Há dor e loucura, fome, miséria moral e social em larga escala, num atestado inequívoco do primarismo moral que vige em indivíduos e coletividades ditos civilizados.

As leis morais da vida são impostergáveis.

Ninguém as derroca; não as subestima impunemente; não as ignora, embora desejando fazê-lo. Estão insculpidas na consciência das criaturas. Mesmo o bruto sente-as em forma de impulsos ou pelo luzir da sua grandeza transcendente nos pródromos da inteligência.

Leis imutáveis, são as leis da vida”.^[2]

Importante ter mente que, em síntese, as leis morais regem as relações entre a criatura humana e Deus, bem como e o indivíduo e os seus semelhantes.^[3] Posto isto, nos deteremos na análise e discussão das seguintes leis: *natural, adoração, trabalho, conservação, progresso, igualdade, liberdade, e justiça, amor e caridade.*

As respeitáveis entidades espirituais revelaram a Kardec que “A lei *natural* é a lei de Deus. *É a única verdadeira para a felicidade do homem.* Indica-lhe o que deve fazer ou deixar de fazer e ele só é infeliz quando dela se afasta”.^[4] Essa lei está, de certa forma, insculpida na consciência humana, pois temos intuição do que é certo ou errado desde os primeiros passos da nossa infância. A educação que recebemos desde tenra idade ajuda a despertá-la em nós, e com a idade podemos ampliá-la por meio do livre-arbítrio (escolhas certas). Duas questões capitais ligadas a essa lei são exploradas por Allan Kardec, o codificador do Espiritismo, que merecem destaque:

“629. *Que definição se pode dar da moral?*

A moral é a regra de bem proceder, isto é, de distinguir o bem do mal. funda-se na observância da lei de Deus. O

homem procede bem quando tudo faz pelo bem de todos, porque então cumpre a lei de Deus.”

“630. *Como se pode distinguir o bem do mal?*

O bem é tudo o que é conforme a lei de Deus; o mal, tudo o que lhe é contrário. Assim, fazer o bem é proceder de acordo com a lei de Deus, fazer o mal é infringi-la”.^{14]}

Vê-se, assim, de maneira muito clara que a prática do *mal* é antítese das leis de Deus. Na carreira profissional enfrenta-se, não raro, situações em que se é compelido a participar de ações ou decisões que fogem completamente ao “bem proceder”. Ao cruzar tal linha demarcatória está se infringindo uma poderosa lei celestial, que traz sérias consequências ao infrator. Por isso, deve-se ter em mente que:

“642. *Para agradar a Deus e assegurar a sua posição futura, bastará que o homem não pratique o mal?*

Não; cumpre-lhe fazer o bem no limite de suas forças, porquanto responderá por todo mal *que haja resultado de não haver praticado o bem.*”^{15]}

Conclui-se que não basta apenas, na visão celestial, deixar de fazer o mal. Isso constitui um dever por si só, que cabe a toda criatura inteligente considerar. Entretanto, a eventual omissão também é passível do rigor punitivo. Nesse sentido, os meandros da vida corporativa induzem os seus atores por vezes ao silêncio diante de questões altamente sensíveis do ponto de vista moral. Portanto, é preciso ter muito cuidado com as nossas deliberações, a fim de não se lamentar posteriormente.

Presumo que a maioria dos(as) leitores(as) tenham algum sentimento de *veneração* a Deus. Adorar a Deus é reconhecer o seu poder, amor e sabedoria. Como afirma o Espírito Joanna de Ângelis: “*Sem o amor de Deus que tudo*

vitaliza, a Criação volveria ao caos do princípio” (ênfase minha).¹⁶¹ A sábia mentora espiritual ainda esclarece que se não amamos o próximo, então também não amamos a Deus. Desse modo, a perspectiva do *outro* é essencial para nos aproximarmos realmente de Deus. Ela também lembra que “o Evangelho é todo um hino ao Criador, mediante o eloquente testemunho de amor ao próximo, apresentado por Jesus”.¹⁷¹ Deduz-se que o nosso desenvolvimento espiritual está umbilicalmente ligado aos demais indivíduos com os quais convivemos ou relacionamos no centro de nossas decisões. Nas organizações e instituições humanas temos amplas oportunidades de levar a efeito tais deliberações. As descobertas de Kardec identificam que o hábito da prece é um ato de adoração ao Criador. Assim sendo, quando pensamos nele, estamos estabelecendo uma comunicação, uma conexão, enfim, com o Criador. Com Deus as coisas ficam mais fáceis ou, pelo menos, palatáveis, mas, sem ele a nos guiar, ficam impossíveis. Finalmente, através do instrumento da oração – um mecanismo transcendental – podemos: louvar, agradecer e pedir a Deus.¹⁸¹

Dando continuidade, o *trabalho* é igualmente visto como lei da natureza pela espiritualidade. Nessa acepção é considerado como instrumento expiatório, assim como meio de aperfeiçoamento da inteligência. Com efeito, sem a atividade laboral permaneceríamos na infância em termos de inteligência. Ademais, os indivíduos necessitam do trabalho para a sua manutenção e satisfação das suas necessidades básicas.¹⁹¹ Por sua vez, o Espírito Joanna de Ângelis recomenda:

“Não te escuses à glória de trabalhar pelo progresso de todos, do que resultará a tua própria evolução.

Cada momento sabiamente aproveitado adiciona produtividade na tua sementeira de esperança.

O trabalho de boa procedência em qualquer direção produz felicidade e paz.

Dele jamais te arrependerás.

Não esperes recompensa pela sua execução.

Produze pela alegria de ser útil e ativo, içando o coração a Jesus, que sem desfalecimento trabalha por todos nós, como o Pai Celeste que até hoje também trabalha”.^[10]

Com efeito, o trabalho tem uma conotação altamente espiritualizada. Jesus Cristo frisou esse aspecto quando afirmou “*Meu Pai trabalha até agora, e eu trabalho também*” (João 5:17). Seguindo essa linha de raciocínio, para o Espírito Joanna de Ângelis, a vida, em si, constitui “um hino à dinâmica do trabalho”, já que a própria natureza não abriga o ócio. Em sua opinião ainda, o “aparente repouso das coisas” denota apenas nossa baixa capacidade de percepção. Ela destaca ainda que a vida se estabelece em todos os recantos do universo, até mesmo no frio vazio do espaço, conforme atestaram, aliás, os astronautas. Joanna de Ângelis reitera, por fim, que “O movimento é lei universal em tudo presente”.^[11] Diante do exposto, conclui-se que o nosso trabalho está inserido em algo muito maior.

Por outro lado, todos os seres vivos são dotados do instinto de *conservação*. Na atualidade, convivemos com o desafio de buscar a sustentabilidade e o uso racional dos recursos naturais. Já sabemos que a nossa imprudência, derivada especialmente dos desmatamentos e poluição, criou uma situação sem precedentes no planeta, inclusive com alteração na temperatura média. Há mais de 160 anos atrás Allan Kardec já detectava essa problemática, conforme se lê na pergunta e resposta a seguir: “713. *Traçou a Natureza limites aos gozos?* ‘Traçou, para vos indicar o limite do necessário; mas, pelos vossos excessos, chegais à saciedade e vos punis a vós mesmos’”^[12]

Portanto, nós humanos, conforme esclarecem os representantes da espiritualidade, ultrapassamos em muito

determinados limites, que colocam nossas vidas agora em perigo. Avançando o assunto para outras dimensões nas quais o equilíbrio dos recursos em nossas sociedades se faz saliente, ele indagou: “717. *Que se há de pensar dos que açambarcam os bens da Terra para se proporcionarem o supérfluo, com prejuízo daqueles a quem falta o necessário?* ‘Olvidam a lei de Deus e terão que responder pelas privações que houverem causado aos outros’”.^[13] A riqueza ora gerada na Terra não consegue aplacar os sérios problemas de preservação humana com dignidade.

Desse modo, os responsáveis pelas estarrecedoras estatísticas referentes a enorme desigualdade de renda vigente no planeta padecerão, ao que tudo indica, consequências dolorosas. A propósito, a literatura Espírita apresenta um considerável número de obras que exploram essa questão adequadamente. Posto isto, o Espírito Joanna de Ângelis reconhece a relevância do dinheiro – que, se melhor distribuído, poderia ajudar nas condições de vida – para a esmagadora maioria das pessoas, mas igualmente alerta para a necessidade de usá-lo sem a ele nos escravizarmos; de possuí-lo sem permitir que ele nos possua; de dominá-lo que deixar que ele nos domine. Consoante esse raciocínio, ela ainda observa:

“Cuida de não submeter tua vida, teus conceitos, tuas considerações e amizades ao talante do seu condicionamento.

Previdente, multiplica-o a benefício de todos, sem a avareza que alucina ou a ambição que tresvaria.

De como te servires do dinheiro, construirás o céu da alegria ou o inferno de mil tormentos para ti mesmo”.^[14]

A Doutrina Espírita identificou que também estamos submetidos à lei do *progresso*. Os seres humanos podem, eventualmente, até dificultar – e muitos o fazem

deliberadamente em várias áreas sempre por motivos escusos – a marcha do avanço, mas não têm o poder de impedi-la pois se trata de lei universal. Os Espíritos superiores demonstram comiseração em relação a tais criaturas: “Pobres seres, que Deus castigará! Serão levados de roldão pela torrente que procuram deter”.^[15] O Espiritismo cumpre, assim, um papel fundamental à medida que:

“Destruindo o materialismo, que é uma das chagas da sociedade, ele faz que os homens compreendam onde se encontram seus verdadeiros interesses. Deixando a vida futura de estar velada pela dúvida, o homem perceberá melhor que, por meio do presente, lhe é dado preparar o seu futuro. Abolindo os prejuízos de seitas, castas e cores, ensina aos homens a grande solidariedade que os há de unir como irmãos”.^[16]

É inegável que já atingimos um progresso considerável em muitos campos; no entanto, os benefícios desse avanço do conhecimento não têm sido suficientes para, pelo menos, aplacar as misérias humanas como esperado. Tornamo-nos escravos de *startups*, *apps* e de uma plethora de invencionices, mas não conseguimos ao menos mitigar as enormes mazelas sociais que enxameiam a maioria das nações. Os gestores modernos têm meios para contribuir que tais disparates, que nos envergonham profundamente como raça, sejam superados. Para que isso se torne uma realidade, o lado social e humano deve estar sempre na mira dos gestores espiritualistas. Nesse sentido, o Espírito Joanna de Ângelis analisa pontos essenciais que merecem reflexão de todos aqueles que estão alinhados a esses ideais:

“O progresso, para ser legítimo, não pode prescindir da elevação moral dos homens, que se haure no Evangelho, sempre atual.

As conquistas da inteligência, embora valiosas, sem a

santificação dos sentimentos, conduzem ao desvario e à destruição.

Para serem autênticas as aquisições humanas, devem alicerçar-se nos valores éticos, sem os quais o conhecimento se converte em vapor tóxico que culmina por aniquilar quem o detém.

Estudo, pesquisa, sim, mas amor também.

Examinando a problemática da evolução, os Mensageiros encarregados da Codificação Espírita foram taxativos: ‘Espíritas! amai-vos, este o primeiro ensinamento; instruí-vos, este o segundo’.

Nem o amor sem equilíbrio, arrebatamento que revela paixão e desconcerto interior, nem a instrução intelectual sem o conteúdo de amor, a transformar-se em vapor alucinante de vaidades perniciosas quão destrutivas”.¹⁷¹

Joanna de Ângelis ainda apela para que tenhamos equilíbrio através das duas asas simbólicas: o amor e o conhecimento. Para ela avançamos inexoravelmente rumo à felicidade, pois este é nosso destino. Seguindo nessa direção construtiva temos a lei da *igualdade*. Na visão Espírita somos todos iguais perante a Deus, e, assim sendo, todos estamos submetidos às alegrias e às dores. Não há distinções para Deus. Há, sim, diferenças de aptidões, já que nem todos gostam ou apreciam as mesmas coisas. Explicando melhor:

“Deus criou iguais todos os Espíritos, mas cada um destes vive há mais ou menos tempo, e, conseqüentemente, tem feito maior ou menor soma de aquisições. A diferença entre eles está na diversidade dos graus da experiência alcançada e da vontade com que obram, vontade que é o livre-arbítrio. Daí o se aperfeiçoarem uns mais rapidamente do que outros, o que lhes dá aptidões diversas. Necessária é a variedade das aptidões, a fim de que cada um possa concorrer para a execução dos desígnios da Providência, no limite do desenvolvimento

de suas forças físicas e intelectuais. O que um não faz, fá-lo outro. Assim é que cada qual tem seu papel útil a desempenhar. Ademais, sendo solidários entre si todos os mundos, necessário se torna que os habitantes dos mundos superiores, que, na sua maioria, foram criados antes do vosso, venham habitá-lo, para vos dar o exemplo”.^[18]

Daí observarmos indivíduos que se destacam em uma atividade, enquanto outros mostram dificuldades. Enquanto determinadas pessoas são capazes de feitos notáveis, outras praticamente se arrastam para cumprir tarefas básicas. Cumpre esclarecer, por outro lado, que as desigualdades no mundo são obra humana não de Deus. Tais anomalias desaparecerão, segundo preconizam os Espíritos, quando o egoísmo e orgulho deixarem de existir.^[19] Desse modo, a igualdade está hodiernamente associada ao direito de oportunidades às minorias, pessoas da raça negra, indígenas, trabalhadores mais velhos etc. Corrigir as distorções existentes favorecendo a chance de uma vida melhor a todos, é um dever humano acima de qualquer outra consideração. Então, façamos aos outros aquilo que gostaríamos que fizessem por nós se nos encontrássemos em situação similar.

A lei de *liberdade*, a seu turno, pressupõe uma série de prerrogativas concedidas por Deus às criaturas humanas tais como liberdade de pensar, liberdade de consciência e livre-arbítrio. Neste último aspecto me deterei, já que também desfrutamos da liberdade de obrar, sem o qual seríamos máquinas.^[20] É nesse particular que devemos nos ater a fim de mantermos o bom senso, o equilíbrio e respeito ao próximo em nossas ações e intervenções. O livre-arbítrio é um instrumento extraordinário de natureza transcendental que deve ser empregado no bem. É cooperando com o Criador que nos tornamos, assim, cocriadores. Na vida, inclusive na esfera do trabalho, somos desafiados por infindáveis acontecimentos e eventos que podem despertar o que há de pior em nosso eu.

O livre-arbítrio representa essencialmente a liberdade que temos para escolher caminhos e soluções sensatas e construtivas, já que Deus sempre espera responsabilidade de nós. Contribuindo para clarear o assunto, lembra Joanna de Ângelis que

“[...] o limite da liberdade encontra-se inscrito na consciência de cada pessoa, que gera para si mesma o cárcere de sombra e dor, a prisão sem barras em que expungirá mais tarde, mediante o impositivo da reencarnação, ou as asas de luz para a perene harmonia”.
[21]

Desse modo, não utilizemos tal dádiva como instrumento de perseguição a quem quer que seja e nem o empreguemos na destruição da felicidade dos outros. Ao contrário. Usemo-lo com lucidez, sabedoria e inteligência para que não venhamos a lamentar no futuro. Recorrendo uma vez mais ao iluminado pensamento do Espírito Joanna de Ângelis, “Liberdade legítima decorre da legítima responsabilidade, não podendo aquela triunfar sem esta”.^[22] Muitos permanecem no mundo alijados de possibilidades e oportunidades exatamente porque não souberam desfrutar do seu livre-arbítrio adequadamente. Assim sendo, voltam à existência corpórea cerceados, a fim de entender as leis divinas.

Por fim, cumpre destacar a lei de *justiça, amor e caridade*, que apresenta características multidisciplinares. Nela estão implícitos o respeito dos direitos dos demais, a caridade subentendida aqui como benevolência para com todos, assim como a prática da indulgência e perdão. Allan Kardec esmiuçou essa lei ao escrever:

“O amor e a caridade são o complemento da lei de justiça, pois amar o próximo é fazer-lhe todo o bem que nos seja possível e que desejáramos nos fosse feito. Tal o sentido destas palavras de Jesus: Amai-vos uns aos outros

como irmãos”.^[23]

Não há dúvida que o elemento mais escasso desse mundo é precisamente o amor. Infelizmente, o amor é ainda um sentimento mal compreendido, mal aplicado e mal utilizado, apesar de ser a chave espiritual para a nossa evolução. Nele podemos encontrar a inspiração para as grandes transformações humanas no rumo de Deus. Numa perspectiva mais ampla, “No Amor – Causa primeira de todas as coisas porquanto a Criação é um ato de amor – se iniciam a se findam todas as ambições, encontrando-se respostas para todas as situações da problemática moral e humana”.^[24]

Concluindo, o presente capítulo apresentou outras leis desconhecidas para a maioria dos gestores, mas de alta relevância para o seu êxito espiritual. Na carreira profissional somos compelidos a respeitar muitas leis, normas e diretrizes (algumas delas são latentes). Nem todas elas, no entanto, primam pela evolução e progresso dos indivíduos, nem todas elas espelham a sabedoria divina e o seu amor. As leis aqui abordadas certamente ajudarão a torná-lo mais próximo de Deus.

Notas bibliográficas

1. Convido o leitor mais interessado a ler, por exemplo: (1) Kardec, A. (2013), *O Livro dos Espíritos*, 93ª edição, Federação Espírita Brasileira, Brasília, DF, 3ª parte; (2) Franco, D.P. (Psicografia de Joanna de Ângelis). (2000), *Leis Morais da Vida*, 11ª edição, LEAL, Salvador, BA; (3) ou ainda o meu texto: Vasconcelos, A.F. (2011), “As 12 leis morais de Deus: uma síntese”, *Presença Espírita*, No. 287, novembro-dezembro, pp. 21-26.
2. Franco, D.P. (Psicografia de Joanna de Ângelis). (2000), *Leis*

- Morais da Vida*, 11ª edição, LEAL, Salvador, BA, pp. 11-12.
3. Kardec, A. (2013), *O Livro dos Espíritos*, 93ª edição, Federação Espírita Brasileira, Brasília, DF, comentários referentes à questão 617, p. 296.
 4. Ibid., p. 295.
 5. Ibid., p. 302.
 6. Franco, D.P. (Psicografia de Joanna de Ângelis). (2000), *Leis Morais da Vida*, 11ª edição, LEAL, Salvador, BA, p. 15
 7. Ibid.
 8. Kardec, A. (2013), *O Livro dos Espíritos*, 93ª edição, Federação Espírita Brasileira, Brasília, DF, pp. 307-308.
 9. Ibid., p. 317.
 10. Franco, D.P. (Psicografia de Joanna de Ângelis). (2000), *Leis Morais da Vida*, 11ª edição, LEAL, Salvador, BA, p. 39.
 11. Ibid., pp. 38-39.
 12. Kardec, A. (2013), *O Livro dos Espíritos*, 93ª edição, Federação Espírita Brasileira, Brasília, DF, p. 331.
 13. Ibid.
 14. Franco, D.P. (Psicografia de Joanna de Ângelis). (2000), *Leis Morais da Vida*, 11ª edição, LEAL, Salvador, BA, pp. 80-81.
 15. Kardec, A. (2013), *O Livro dos Espíritos*, 93ª edição, Federação Espírita Brasileira, Brasília, DF, p. 353.
 16. Ibid., p. 361.
 17. Franco, D.P. (Psicografia de Joanna de Ângelis). (2000), *Leis Morais da Vida*, 11ª edição, LEAL, Salvador, BA, pp. 144-145.
 18. Kardec, A. (2013), *O Livro dos Espíritos*, 93ª edição, Federação Espírita Brasileira, Brasília, DF, pp. 363-364.
 19. Ibid., p. 364.
 20. Ibid., p. 375.

21. Franco, D.P. (Psicografia de Joanna de Ângelis). (2000), *Leis Morais da Vida*, 11ª edição, LEAL, Salvador, BA, p. 184.
22. Ibid.
23. Kardec, A. (2013), *O Livro dos Espíritos*, 93ª edição, Federação Espírita Brasileira, Brasília, DF, p. 393.
24. Franco, D.P. (Psicografia de Joanna de Ângelis). (2000), *Leis Morais da Vida*, 11ª edição, LEAL, Salvador, BA, p. 208.

ENGAJAMENTO NO BEM

Na vida profissional somos pressionados – à exaustão, diga-se – ao comprometimento com vários objetivos corporativos tais como: fidelidade aos chefes, cumprimento de tarefas, maximização dos resultados, economias de custo, redução de desperdícios e assim por diante. Convenhamos que nem tudo que nos “obrigam” a realizar é, digamos, meritório ou respeitável. Nem tudo em que nos engajamos reflete exatamente o que poderíamos tachar de valores elevados. Aliás, no Brasil dos anos 1990 para cá têm acontecido coisas muito estranhas em nosso ambiente econômico, e confesso que estou sendo bastante contido nas minhas conclusões.

Ou seja, as organizações e seus líderes têm menosprezado cabalmente a recomendação evangélica de *não fazer aos outros aquilo que não desejamos para nós*, também conhecida como a *regra de ouro* (Mateus 7:12). Mas, por razões puramente obscurantistas e/ou ambição, passou-se a adoção de comportamentos empresariais que definitivamente não colocam o consumidor, o cliente, a sociedade, enfim, que movimenta o mercado, no epicentro das preocupações. Muito pelo contrário.

Mais especificamente, as empresas que aqui atuam passaram a manipular de maneira aviltante o padrão de quantidade/peso da imensa maioria dos seus produtos. Chegou-se até mesmo ao extremo de se enxugar os pacotes de serviços. Não resisto a comentar o fato de que uma empresa do ramo de roteadores para computadores chegou a diminuir consideravelmente o comprimento do fio que liga o equipamento à CPU. Constatei ainda que situações similares acontecem com furadeiras elétricas e, pasmem, barras de

chocolate, balas, doces, sucos, planos de saúde etc. Cabe frisar que toda essa volúpia capitalista por mais ganhos, que elevam os interesses materiais a um patamar jamais visto, veio sempre desacompanhada da esperada contrapartida na diminuição dos preços. Em resumo: os interesses mesquinhos, egoísticos e maléficos de Mamom estão sendo fortemente preservados em terras brasileiras, ou seja, num país cuja população supostamente abraça os ideais cristãos e ao sincretismo religioso.

Infelizmente, raríssimos estudos captaram essa sórdida política empresarial, mas as pessoas que fazem compras o detectaram.^[1] As autoridades públicas, por sua vez, pouco ou nada fizeram ou fazem para conter essa prática nefasta, que se tornou generalizada. Por isso, não chega a surpreender o avanço da pobreza no país, assim como a crescente desigualdade social. O Espiritismo, como sabemos, tem compromisso com a implantação dos valores cristãos na Terra. Sua proposta é eminentemente libertadora à medida que convida o indivíduo à transformação íntima pela assimilação de um novo ideário. Atua, assim, na contramão da exploração humana e da ação do mal, mesmo quando praticado por organizações. Nesse sentido, considero que elas têm, sim, uma responsabilidade moral, pois o que fazem têm impacto direto na vida das pessoas e da sociedade.

As empresas, cumpre lembrar, não são entidades autônomas ou detentoras de vida própria. Absolutamente controladas por indivíduos refletem, de modo geral, o que estes pensam e valorizam. Se é inegável que há muito mal dentro delas, é porque seus membros não *vigiam e nem oram* a contento, conforme propõe Jesus (Mateus 26:41). Desse modo, continuo acreditando que tratar com desdém, indiferença, mesquinhez e leviandade a saúde e a vida dos semelhantes (consumidores e parceiros), certamente conduzirá os perpetradores de tamanha maldade e desvio moral a duríssimos ajustes cármicos.^[2] O planeta Terra atingiu um estágio no qual

necessita ardente e fervorosamente de pessoas engajadas na *prática do bem*.

Mas o que significa o bem? Primeiro, cumpre lembrar que se trata de palavra cuja origem do latim é *bene*. O dicionário Michaelis, por exemplo, elucida, entre outras coisas, que bem, no sentido ético, envolve o “conjunto de princípios fundamentais propícios ao desenvolvimento e ao aperfeiçoamento moral, quer dos indivíduos, quer da comunidade”. No campo a filosofia representa: “Tudo o que é bom (material ou moralmente) e positivo, conforme a ética própria de um agrupamento humano; todas as ações, obras ou palavras capazes de ensejar felicidade e realização das aspirações pessoais de um indivíduo”.

No terreno da teologia/religião abarca: “Tudo aquilo que gera aperfeiçoamento espiritual do ser humano, aproximando-o e tornando-o semelhante à divindade ou a Deus, considerado símbolo da perfeição e fonte de onde emana toda a evolução e felicidade das criaturas; virtude”.^[3] Trata-se, em resumo, de um comportamento virtuoso, estribado em conduta ética e moral.

Posto isto, a prática do bem só pode ser realizada por pessoas benignas, isto é, que se portam com benevolência, que possuem bom caráter, que sejam basicamente justas, humanas e bondosas. É desse perfil de seres humanos que necessitamos no mundo para a implementação do progresso e bem-estar geral. Pessoas que, quando investidas de poder, mirem sempre no que é melhor para todos e para o planeta. Pessoas que não compactuem com crimes e ações lesivas à sociedade e ao meio ambiente. Pessoas que valorizem e respeitem seus colegas de trabalho e que façam tudo ao seu alcance para que progridam e se desenvolvam. Pessoas que não se deixem seduzir pelo poder transitório que lhes veem às mãos.

Pessoas que liderem com humildade e benevolência. Pessoas que não aceitem a corrupção como meio de

alavancagem dos seus negócios ou do seu próprio enriquecimento. Pessoas que respeitem a saúde e bem-estar dos seus clientes e funcionários através de produtos e ambientes de trabalho saudáveis. Pessoas que vivam intensamente a ética e moral em suas decisões e ações. Pessoas que saibam ouvir e respeitar as sugestões dos seus subordinados. Pessoas que vão ao campo observar as atividades das suas empresas, a fim de averiguar se elas estão no caminho certo. Pessoas que se abram ao diálogo construtivo. Pessoas que sejam verdadeiramente comprometidas com as leis do país e os mecanismos legais. Pessoas que vejam no lucro um *meio* para grandes realizações e feitos e não apenas *um fim* em si mesmo. Pessoas que pratiquem constantemente a autocrítica e a autoiluminação. Pessoas capazes de se desculpar quando erram. Pessoas capazes de externar compaixão e amor. E, fundamentalmente, pessoas que sirvam a Deus – servindo o próximo.

Ora a lista acima não se circunscreve a apenas líderes ou empreendedores. Se a vida nos reserva um papel menos destacado nas hierarquias, também não é empecilho para que foquemos no bem. Tenhamos em mente que o Criador espera cooperação de todos nós, independente de nossas profissões ou atividades. Por isso, conforme pondera o Espírito Emmanuel: “*É indispensável conhecermos os frutos de nossa vida, de modo a saber se beneficiam os nossos irmãos*” (ênfase minha).¹⁴¹ Esse é o ponto sobre o qual devemos meditar: estamos sendo benignos em nossas ações?

Quando se vê, especialmente nas grandes cidades, os serviços públicos tão mal executados por funcionários displicentes e omissos pode-se perguntar onde está a noção de bem nisso? Quando se liga para um SAC, e se espera 30 minutos por um atendente (ser humano, se o sistema permitir) para relatar um problema, se pode indagar onde está o respeito? Quando, enfim, se observa um caminhão do lixo passar às altas horas da noite fazendo enorme barulho, e os lixeiros, em algazarra, derramarem o conteúdo dos sacos pelo caminho, não

se pode esquivar de questionar se há amor nisso.

Sendo assim, sempre podemos cumprir o nosso papel – seja ele qual for – movidos pelo sublime pensamento do bem. Ajudando, amparando, ouvindo, orientando ou executando tarefas, enfim, podemos expressar bondade em nossos corações. A propósito, a humanidade precisa muito de ações benéficas, especialmente se considerarmos a situação hodierna repleta de desarranjos e disrupções. Portanto, não há quem não possa contribuir com uma migalha de boa vontade para melhorar o ambiente em que vivemos. Ainda consoante o pensamento do Espírito Emmanuel: “Indiscutivelmente, a atualidade reclama ensinamentos edificantes, mas nada compreenderá sem demonstrações práticas, mesmo porque, desde a antiguidade, considera a sabedoria que a realização mais difícil do homem, na esfera carnal, é viver e morrer fiel ao supremo bem”.^[5]

Desse modo, o presente capítulo tem o objetivo de alertar para a necessidade de uma tomada de posição de cada um de nós rumo ao sagrado objetivo do bem. Para que a nossa vitória espiritual seja alcançada, é fundamental abraçarmos causas mais elevadas, e, sobretudo, não nos omitirmos diante do mal que ainda encontra terreno fértil no coração e mente de muitos que aqui vivem.

Notas bibliográficas

1. Vieira, F.G.D. (2003), “A soberania do consumidor como um mito perante situações de redução de embalagens no mercado brasileiro”, artigo apresentado no Encontro Anual da Associação Nacional de Pós-Graduação em Administração (ANPAD), 27, Atibaia: SP.
2. Vasconcelos, A.F. (2014), “Perscrutando os frutos do nosso trabalho diário”, *O Consolador*, No. 375, 10 de agosto,

disponível em:

<<http://www.oconsolador.com.br/ano8/375/especial.html>>

3. Michaelis (2020), “Dicionário da Língua Portuguesa”, disponível em:
<http://michaelis.uol.com.br/moderno-portugues/busca/portugues-brasileiro/bem/> (acessado em 1 de dezembro de 2020).
4. Xavier, F.C. (Pelo Espírito Emmanuel). (1978), *Caminho, Verdade e Vida*, 7ª edição, FEB, Rio de Janeiro, RJ, p. 259.
5. *Ibid.*, p. 274.

ESCÂNDALOS EMPRESARIAIS: FIQUEMOS LONGE DELES

A necessidade da intervenção de pessoas de bem, verdadeiramente comprometidas com uma causa maior, fica ainda mais evidente quando olhamos o papel executado por inúmeras empresas no mundo. Vivendo, talvez, no ápice da mentalidade voltada aos interesses de Mamom – apesar de todo o discurso de responsabilidade social e sustentabilidade –, é chocante constatar o que muitas organizações são capazes de fazer para auferir mais lucro. Há alguns anos atrás, a propósito, escrevi sobre esse assunto e, já que não houveram mudanças significativas de lá para cá, tomarei a liberdade de citar uma vez mais a minha posição a respeito:

“Tratar com desdém, mesquinhez e leviandade a saúde e a vida dos semelhantes (consumidores e parceiros) certamente demandará duríssimos ajustes cármicos. Na atualidade, executivos e técnicos, de modo geral, recebem treinamento referente à conduta ética no trabalho. Ademais, escolas de gestão têm em seus currículos disciplinas específicas voltadas ao tema, além de ampla literatura disponível a respeito. A sociedade, por sua vez, aspira que as organizações e seus membros se comportem dignamente. Não obstante esse lídimo desejo, os escândalos empresariais irrompem por toda parte gerando perplexidade e desconfiança generalizadas. Importantes organizações mundiais continuam enganando e manipulando a quem deveriam por missão respeitar e cuidar”.^[1]

Jesus Cristo alertou-nos a respeito da inevitabilidade dos escândalos como meios de purificação dos Espíritos

devedores (nós): *“Ai do mundo, por causa dos escândalos; porque é mister que venham escândalos, mas ai daquele homem por quem o escândalo vem!”* (Mateus 18:7). No estágio evolutivo em que nos encontramos presentemente, parece que ainda não conseguimos nos livrar de acontecimentos que ferem a ética, a saúde e até mesmo a integridade física humana. Por essa razão, vez por outra somos informados de tristes e lamentáveis eventos normalmente causados pela incúria das organizações. Em outras palavras, fatos que poderiam ter sido evitados desde que imperasse o bom senso e a moral nas decisões. Neste capítulo vou recapitular alguns, movido, obviamente, pelo sentido didático que encerram.

Posto isto, é pertinente recordar o acidente ocorrido com a plataforma de extração de petróleo chamada Deepwater Horizon da empresa inglesa BP, no Golfo do México, no qual culminou com o vazamento de 552 milhões de litros do valioso óleo no mar. As investigações indicaram que bastaria que a citada companhia tivesse investido apenas modestos – considerando as cifras movimentadas neste tipo de negócio – US\$ 500 mil num dispositivo de segurança denominado “gatilho acústico” para evitar a tragédia. No entanto, por desprezar esse prosaico procedimento básico de segurança por “economia”, o prejuízo financeiro atingiu aproximadamente US\$ 61,6 bilhões, sem falar nos aspectos ambientais, que são sempre muito difíceis de aquilatar.^[2]

A Construtora Odebrecht pagou a soma de US\$ 3,4 bilhões entre 2006 e 2014 em propinas no Brasil e no exterior, isto é, um dos mais rumorosos casos de corrupção que se têm notícia na literatura empresarial mundial.^[3] Destacadas montadoras de veículos têm sido pesadamente multadas por vender produtos defeituosos que levaram, em alguns casos extremos, à morte de consumidores, sem falar de outras que manipularam dados e informações para esconder as suas agressões ao meio ambiente. Por sua vez, a Samarco (e 22 pessoas a ela ligadas) foi protagonista da pior tragédia

ecológica – perfeitamente evitável, diga-se – já ocorrida no país, isto é, o rompimento da barragem do Fundão em Minas Gerais. Das suas entranhas vazaram cerca de 35 bilhões de litros de rejeitos de minério culminando com a morte de 19 pessoas. Entre outros efeitos devastadores, a destruição atingiu vários povoados, já que o mar de lama e detritos percorreu 700 km alcançando, inclusive, o litoral do Espírito Santo.

Estudos sobre o episódio revelaram uma série de erros e negligências, a saber: excessivas preocupações financeiras, irresponsabilidade das agências governamentais, decisões e premissas equivocadas, pobres valores corporativos, falta de ferramentas de gestão apropriadas, dinâmicas injustificadas, e consequências desagradáveis.^[4]

Cinco anos depois da tragédia as compensações às vítimas não haviam ainda sido concluídas (22 já haviam morrido à espera de suas casas). Na parte criminal, apenas cinco réus estavam respondendo por crimes de menor monta, ou seja, inundações e desmoronamentos causadores de morte, e a empresa estava em vias de retomar as suas atividades apesar de todo os prejuízos causados às pessoas e ao meio ambiente. Cabe também destacar um outro crime ainda pior ocorrido em Mariana, em 2019, que causou a espantosa morte de 270 pessoas, embora os danos ambientais tenham sido menores.^[5] Esses exemplos corroboram a percepção de que não muitas organizações de porte levam, de fato, a sério a responsabilidade de não causar dano e/ou prejudicar. Com efeito, é profundamente lamentável que ainda existam empresas se comportando de maneira criminoso e inconsequente em pleno século XXI.

A literatura empresarial é bastante extensa nesse particular. Como cidadãos e consumidores identificamos quase que diariamente as barbaridades que estão sendo cometidas contra a sociedade e o meio ambiente. No geral trata-se de um triste capítulo em nossa história. Seus protagonistas são os

próprios seres humanos, que em algum momento de suas carreiras perderam a noção do que é certo ou errado. De alguma maneira, deixaram-se ser seduzidos pelas forças do mal, servindo de marionetes dos agentes das trevas que as subjagam através do ego, da cupidez material, do poder etc. Muitos dos criminosos do mundo corporativo acabam escapando da punição legal devido à fraqueza do nosso sistema judiciário. Em países mais avançados as penas não são brandas e os erros dessa natureza não são mais tolerados.

Seja como for, das leis divinas ninguém escapa. Conforme Kardec apurou, “1º) A alma ou Espírito sofre na vida espiritual as consequências de todas as imperfeições que não conseguiu corrigir na vida corporal. O seu estado, feliz ou desgraçado, é inerente ao seu grau de pureza ou impureza”.¹⁶¹ Portanto, tomemos cuidado para não nos envolvermos em ações maléficas (escândalos) que poderiam nos custar a paz de espírito.

Notas bibliográficas

1. Vasconcelos, A.F. (2014), “Perscrutando os frutos do nosso trabalho diário”, *O Consolador*, No. 375, 10 de agosto, disponível em: <http://www.oconsolador.com.br/ano8/375/especial.html>
2. Veja. (2016), “Punições à BP por vazamento de petróleo em 2010 somam US\$ 61,6 bi”, disponível em: <https://veja.abril.com.br/economia/punicoes-a-bp-por-vazamento-de-petroleo-em-2010-somam-us-616-bi/> (acessado em 8 de dezembro de 2020).
3. Rangel, R. e Bronzato, T. (2017), “Lula e a conta secreta”, *Veja*, No. 2521, 15 março, pp. 46-49.
4. Vasconcelos, A.F. (2018), “The lack of spiritual perspective on organizations: an exploratory study”, *International Journal of*

Organizational Analysis, Vol. 26 No. 5, pp. 915-940.

5. Gonçalves, E. (2020), “A tragédia prolongada”, *Veja*, No. 2712, 11 de novembro, pp. 44-45.
6. Kardec, A. (2013), *O Céu e o Inferno*, 61ª edição, FEB, Brasília, DF, p. 82.

JUSTIÇA CAMBALEANTE

O presente texto aborda questão pungente que afeta a vida de todos nós, isto é, o papel da justiça. Suas linhas foram escritas no fim da década passada, num momento, aliás, extremamente delicado na vida dos brasileiros. O país vivia, cumpre lembrar, intensa turbulência ética e moral, lamentavelmente protagonizada por expoentes da administração pública.

Não consegui publicá-lo nos veículos espiritistas por uma razão ou outra, mas creio que será particularmente útil aos que militam nessa área. Seja como for, continuo pensando que se nos omitirmos em nos posicionar sobre determinados assuntos não temos o direito de aspirar viver num mundo melhor. Obviamente minha posição não nasce do acaso, por isso tomo por premissa algumas elucidações doutrinárias. Primeiramente, resgato a sábia conclusão de Allan Kardec, ressaltada na introdução d'*O Livro dos Espíritos* de que “Ninguém se iluda: o estudo do Espiritismo é imenso; *interessa a todas as questões da metafísica e da ordem social; é um mundo que se abre diante de nós.* Será de admirar que o efetué-lo demande tempo, muito tempo mesmo?” (ênfase minha).^[1]

Em segundo lugar, ressalto igualmente a sábia afirmação do Espírito Vianna de Carvalho referente ao fato de que:

“Sempre atual, o Espiritismo avança com as admiráveis conquistas do pensamento, que faculta melhor entender-lhe as leis e aplicá-las, tornado a existência terrena mais agradável, propiciatória de harmonia e de objetivos sempre mais nobres, à medida que são conquistados,

gerando estímulos para mais avançados esforços.”^[2]

Além disso, é pertinente recordar o posicionamento geral da doutrina sublinhado na *Revista Espírita* de 1866:

“O Espiritismo é uma doutrina filosófica que toca em todas as questões humanitárias. Pelas profundas modificações que traz às ideias, faz encarar as coisas de outro ponto de vista. Daí, para o futuro, inevitáveis modificações nas relações sociais; é uma mina fecunda onde as religiões, como as ciências, como as instituições civis, colherão elementos de progresso. (...)” (ênfase minha).^[3]

Pois bem. O futuro chegou e com ele graves problemas de toda ordem típicos de um planeta atrasado. Por exemplo, hoje observamos a Igreja Católica, que outrora guiou a fé humana, expondo publicamente as suas vísceras, assim como muçulmanos criticando a violência terrorista de alguns dos seus profitentes. Diante de tantos descabros, nós espíritas pelo menos podemos analisar com frieza e bom senso certos tópicos e, quando possível, até propor soluções. Nesse sentido, é sempre imperioso ter em mente que as mudanças substanciais vêm sempre acompanhadas de muito esforço e trabalho.

Posto isto, talvez não haja na sociedade contemporânea brasileira dimensão mais desviada das suas finalidades precípuas do que a justiça. Aliás, Kardec explorou esse assunto na questão 795 d’*O Livro dos Espíritos* ao indagar às entidades “a causa da instabilidade das leis humanas”. Assim sendo, para elas, “(...) Quanto mais se aproximam da vera justiça, tanto menos instáveis são as leis humanas, isto é, tanto mais estáveis se vão tornando, conforme vão sendo feitas para todos e se identificam com a lei natural”.^[4] Indo um pouco mais além, Kardec os inquire na mesma obra:

“874. Sendo a justiça uma Lei da Natureza, *como se*

explica que os homens a entendam de modos tão diferentes, considerando uns justos o que a outros parece injustos?

“É porque a esse sentimento se misturam *paixões* que o alteram, como sucede à maior parte dos outros sentimentos naturais, fazendo que os homens vejam as coisas por um prisma falso” (ênfase minha).^[5]

Focando na realidade atual, o simples desejo manifestado por parte do legislativo federal brasileiro – com todos os seus defeitos e omissões – de encetar uma comissão parlamentar de inquérito (CPI) da toga, é clara demonstração de que o setor da justiça anda muito mal. Na verdade, nos últimos tempos, não há um só dia que não surja alguma notícia ou acontecimento denunciando a prática desajustada e/ou enviesada da nossa justiça, especialmente a da mais alta instância do país, ou seja, o Supremo Tribunal Federal (STF) e os seus ministros.

A imprensa tem sido eficiente em revelar os excessos daí advindos, particularmente os atinentes aos despropositais comentários, intervenções descabidas e atuações comprometedoras dos nossos magistrados – para dizer o mínimo. Alguns ministros, aliás, têm apresentado conduta suspeita – em alguns casos até mesmo autocrática – ao proferir as suas decisões e pareceres. Lamentavelmente, usufruem, sem nenhum freio, a sua condição de personagens inamovíveis; portanto, muito acima das demais criaturas humanas normais. Além disso, agem sistematicamente de maneira reprovável e incompatível com a delicada função à qual foram conduzidos.

Chegamos ao descalabro de observar o indisfarçável e intenso esforço de alguns deles em buscar “aliviar” as penas e/ou dispositivos legais aos quais deveriam ser submetidos conhecidos criminosos do colarinho branco. Dependendo do assunto a ser julgado ou debatido, a sociedade já sabe de antemão qual será o veredicto de vossas senhorias dada as

“convicções” de alguns membros da corte suprema. Cito aqui apenas fatos amplamente conhecidos.

Tal desempenho cambaleante tem sido ético e moralmente questionável – com justa razão. Afinal, criou-se enorme insegurança jurídica no país, a tal ponto que respeitáveis juristas já não ocultam mais a quase unânime opinião quanto ao desastre legal que se construiu. A quem interessa tal despautério? Certamente não é aos cidadãos de bem, que só tendem a perder a sua fé na justiça humana. Por outro lado, os criminosos enjaulados e seus advogados se animam diante das perspectivas de abrandamento das punições. Aliás, um ex-membro da corte, em 2020, cometeu o desatino de soltar um dos maiores traficantes de drogas do país devido à sua obtusa interpretação da lei.

Por isso, a justiça brasileira é hoje vista como uma das piores instituições em funcionamento no país pela população, e isso provavelmente não será reparado tão breve. Ou seja, a principal casa de defesa da legalidade tem dado exemplos execráveis de má conduta e desprezo pelas leis constituídas. Mais ainda, chegou ao suprassumo de legislar em determinadas ocasiões, mesmo sem ter respaldo legal para tal mister. Em outro caso rumoroso assumiu a investigação de um suposto crime contra alguns dos seus prepostos sem atribuição para tanto. No geral, os descabros cometidos pela corte suprema têm sido cada vez mais frequentes e inesperados, gerando enorme mal-estar na nação, sem falar no imbróglio causado no mundo jurídico.

Ainda em razão da atividade eminentemente criticável do STF, alguns dos seus componentes correm o risco de sofrer processos de *impeachment*. Um dos seus presidentes, a propósito, foi objeto de tal ação popular com 240.000 assinaturas, sendo salvo pelo presidente do Congresso, que não levou o processo adiante. Cumpre ressaltar que a maioria deles não trilhou, como se conviria, uma carreira clássica e

tradicional no meio judiciário. Em outras palavras, ocupam uma posição vital na administração pública sem o devido preparo ou mérito. Assim é o Brasil, infelizmente, ainda. Em decorrência dessa distorção, o STF abriga em seus quadros algumas pessoas com notório vínculo político-partidário. Pior ainda, demonstram cabal alinhamento à sigla partidária que os colocou lá ou aos seus padrinhos, desprezando a isenção e serenidade requerida pelo cargo. Por essa razão, certos personagens não tiveram o bom senso de se abster em votar em determinados processos. Não é à toa, portanto, que vivemos um momento delicadíssimo nessa esfera da vida coletiva.

Do ponto de vista espiritual, é inegável que as falanges trevosas têm encontrado indiscutível ressonância em determinados membros da justiça brasileira, que fazem de tudo ao seu alcance para tumultuar a harmonia jurídica do país. Ao partir para esse nefando caminho estão, de alguma forma, facilitando a vida de notórios lesas-pátrias, que não economizaram esforços para sugar os recursos da nação por todos os meios ilegais possíveis visando a sua perpetuação e dos seus apaniguados no poder. No entanto, *a lei da justiça é um dos pilares da sabedoria celestial*, como nos revelaram os mensageiros de Deus. Desse modo, os membros da justiça terrena também haverão de prestar contas dos seus atos no momento oportuno à espiritualidade maior tal qual nós simples mortais. Com efeito, como preconizou Jesus (Lucas, 16: 2), todos nós daremos contas de nossa “administração”.

Notas bibliográficas

1. Kardec, A. (2013), *O Livro dos Espíritos*, 93ª edição, Federação Espírita Brasileira, Brasília, DF, p. 38.
2. Franco, D.P. (Pelo Espírito Vianna de Carvalho). (2014). *Atualidade do Pensamento Espírita*, 4ª edição, LEAL, Salvador,

BA, p. 14.

3. Kardec, A. (1866), “Bertram”, *Revista Espírita – Jornal de Estudos Psicológicos*, setembro, p. 355.
4. Kardec, A. (2013), *O Livro dos Espíritos*, 93ª edição, Federação Espírita Brasileira, Brasília, DF, p. 255.
5. *Ibid.*, p. 277.

ESPIRITISMO E ORGANIZAÇÕES HUMANAS: CONVERGÊNCIAS, PROBLEMAS E DESAFIOS

As contribuições literárias contemporâneas oriundas do além-túmulo nos levam a imaginar que o Espiritismo está longe de arrefecer a sua iluminada missão de esclarecer as consciências humanas. De fato, há muitos assuntos, aspectos e dimensões que – assim especulamos – estão aguardando momento oportuno para serem explorados pelo ângulo espírita. Assim sendo, o presente artigo busca analisar a seminal mensagem intitulada *Empresas* de autoria do Espírito Joanna de Ângelis ^[1], e, dentro do possível, estabelecer ainda algumas convergências com o pensamento acadêmico-científico ligado ao estudo da espiritualidade nos ambientes de trabalho.

Posto isto, cabe inicialmente frisar que as organizações exercem um poder extraordinário sobre as nossas vidas. Com efeito, indispensáveis serviços e produtos à vida humana estão sob a responsabilidade de alguma empresa na atualidade. Até mesmo destacadas universidades do planeta se transformaram em potências empresariais. No entanto, da mesma forma que elas são entidades onipresentes e necessárias também exibem, muitas vezes, um lado obscuro, insensível e maligno. Nesse sentido, Joanna de Ângelis afirma que: “*Tecnocratas e executivos de alto porte digladiam-se para alcançar metas cada vez mais audaciosas, em lutas renhidas, embora o respeito que nos merecem os seus esforços e pessoas, objetivando projeção e insaciável poder.*”^[2] Assim, essas mesmas empresas e seus executivos – cujos comportamentos são indissociáveis – não raro subutilizam ou até mesmo negligenciam a sua capacidade de contribuição para o bem-

estar ou evolução humana.

De fato, se tomarmos por base a gênese da crise econômico-financeira que ora assola boa parte do chamado “primeiro mundo”, constataremos a precisão da argumentação acima apresentada. Infelizmente, os executivos das organizações com tal perfil fortalecem a percepção de que: *“Empresas não têm alma, nem pulsa nos seus mecanismos automáticos qualquer tipo de coração”*.¹³¹ Joanna de Ângelis, lucidamente pondera que *“As criaturas que nelas se esfalfam, são peças da sua engrenagem, e por mais importantes que se façam, são sempre substituíveis por outras mais produtivas para o conjunto em incessante renovação, decorrência natural dos novos instrumentos apresentados pelas indústrias de promoção e atualização.”*¹⁴¹

Em outras palavras, observa-se presentemente que o trabalhador – de todos os níveis hierárquicos – tem, na essência, um papel de somenos importância. Não obstante o desgastado discurso organizacional de que constitui o principal ativo das firmas, na prática não passa de um simples insumo descartável. Apesar de termos habilidade e inteligência para enviar admiráveis engenhos ao espaço para investigar outros mundos, não somos, paradoxalmente, capazes de construir empresas que verdadeiramente nos respeitem. A referida benfeitora espiritual oferece uma judiciosa explicação para tal disparate, a saber: *“O pensamento empresarial é linear, direto, calculista, destituído de amor, de misericórdia, de compaixão”*.¹⁵¹ Mas causas negativas sempre produzem consequências do mesmo teor. Assim sendo, respeitáveis cientistas organizacionais afirmam que locais de trabalho *desespiritualizados* geralmente arrefecem o moral dos trabalhadores, assim como contribuem para um alto nível de rotatividade, *burnout*, doenças relacionadas ao estresse e crescente absentéismo.¹⁶¹

Outros há que argumentam que o *sistema de mercado*

prevalente pressiona os indivíduos e grupos a tomarem decisões empresariais com base apenas no lucro. Desse modo, as possessões materiais tornam-se – na verdade, continuam a ser – a maior expressão de valor. Os relacionamentos pessoais, a saúde, o bem-estar de outras pessoas, o meio ambiente, por fim, estão subordinados ao materialismo. Em síntese, o que importa mais são os bens materiais, constituindo, portanto, a prioridade fundamental.^{17]} Em decorrência, pode-se observar claramente no mundo inteiro organizações e empresários inescrupulosos responsáveis por graves delitos ético-morais.

No entanto, já estamos em pleno século XXI da era cristã na Terra, e ainda se vê notórias empresas envolvidas: em falcatruas dilapidando o bem público, em flagrante sonegação fiscal, em exploração de funcionários, em sórdida manipulação de produtos e serviços danosos à saúde e bem-estar dos consumidores, praticando cobranças indevidas, proporcionando mau atendimento constante, entre outros deslizes sombrios. Deve-se salientar aqui que determinadas agremiações religiosas incorrem em semelhantes desatinos.

Muitas empresas prometem o que não podem entregar abusando da boa-fé das pessoas. Aliás, não é sem razão que as atividades de propaganda e marketing estejam – embora o fato de serem neutras em si mesmas – sob severo escrutínio da sociedade porque tornaram-se instrumentos perversos nas mãos de indivíduos moralmente comprometidos. Ademais, *“Segundo os órgãos de defesa do consumidor, no Brasil e no mundo, essas atividades provocam comportamentos indesejáveis e criam pseudonecessidades de alimentação, vestuário, automedicação, culto excessivo do corpo, lazer, turismo, atividades lúdicas, ‘games’ e brinquedos.”*^{18]}

Visto globalmente, considerável número de empresas *“facultam o progresso na Terra, mas também respondem por muitas misérias e violências morais, econômicas e sociais...”*^{19]} Em suma, a maioria têm-se devotado a César e pouco ou

absolutamente nada a Deus. No Brasil, infelizmente ainda, existem pessoas trabalhando sob regime escravo. Que não desfrutam de nenhum direito trabalhista. Que recebem tratamento dos seus empregadores inferior ao de muitos animais, enfim.

Gradualmente, contudo, inicia-se uma tomada de consciência. Afinal, hoje são visíveis e inquestionáveis os resultados de males e insanidades praticadas pelas empresas e que afligem os seres humanos. Mas como seguir nessa linha autodestrutiva seria suicídio, percebe-se, assim, vozes discordantes, discursos sensatos e ideias progressistas. Assim sendo, há quem defenda a substituição do velho paradigma calcado na visão fragmentária, motivada pela autoabsorção, pelos valores materiais e propósito instrumental do trabalho por um paradigma emergente estribado na totalidade, no foco relacional, na inclusão de valores espirituais e no propósito desenvolvimental do trabalho.^[10] Como inequívoco sinal dessa auspiciosa mudança, há autores que cogitam Deus como um autêntico *stakeholder*.^[11] Desse modo, à medida que as organizações perceberem que a sua missão vai além da obtenção de lucros, certamente se tornarão mais espiritualizadas. A figura 1 tenta encapsular as características essenciais dessa mudança paradigmática, enfim.

Como o Espiritismo coloca o desafio de sermos intrínseca e globalmente melhores, a dimensão laboral não poderia ser excluída. Por tratar-se de aspecto altamente relevante da existência humana, o indivíduo deve também aí exercitar o aprendizado libertador. Como as empresas não funcionam sozinhas – afinal, elas sempre necessitarão do elemento humano para tomar as decisões – então, o campo para progresso é vasto. Torná-las mais humanas e espiritualizadas constituem deveres de todos.

Aliás, defendemos que deve ser esse um dos nossos legados. Consoante Joanna de Ângelis nos adverte: “*Respeitar*

a modernidade, sim, porém, não permitir que alguns dos seus métodos de comportamento minem os compromissos para com a bondade e o bem”.^[12] Portanto, a empresa espiritualizada deve ter o sagrado compromisso de *servir a humanidade* por meio das especialidades que possui. O lucro deve ser consequência de sua atuação, e não um fim em si mesmo. Se se conhece o homem espiritualizado pelos seus feitos e pelas suas obras, o mesmo raciocínio deve nortear as organizações. Nesse sentido, a proposta Espírita – inspirada nos mais puros ideais cristãos – nos concita a fazermos o bem de todas as formas. Por que, então, não aplicar a mesma diretriz às organizações?

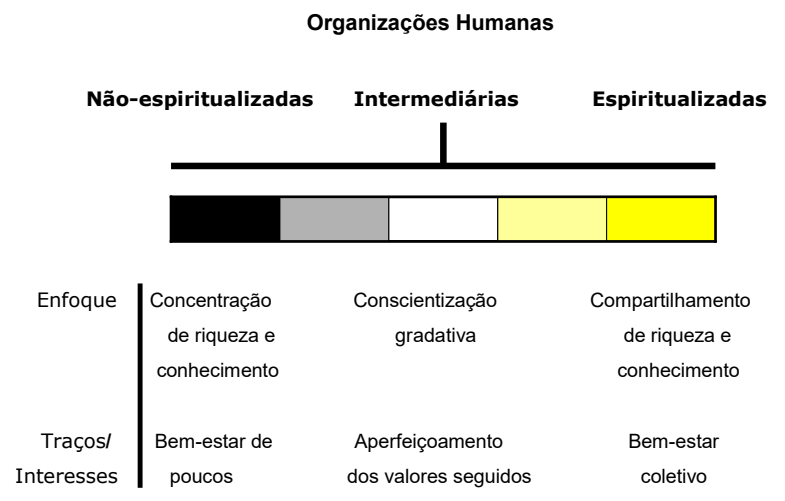


Figura 1. Orientação espiritual organizacional^[13]

No que concerne aos espíritas, cremos possuírem recursos suficientes para a materialização de tal visão. Afinal, o espírita sincero sabe perfeitamente que deve *sempre* agir sob o manto da ética. Conhecedor da lei de ação-reação sabe igualmente que as suas decisões e comportamentos determinarão o seu porvir. Possui o entendimento, enfim, de que: *“A empresa de Jesus é diferente, preservadora da união de todos os seus membros, sem jamais ter lugar o campeonato*

da dissensão”.^[14]

Ciente, portanto, desses elevados postulados, o espírita inserido no mundo cambaleante e momentaneamente adoentado das corporações sabe que tem aí também a hercúlea missão de exemplificar e testemunhar os ensinamentos de Jesus. Não obstante as elevadas cargas emocionalmente tóxicas reinantes nos ambientes organizacionais hodiernos, o espírita deve disseminar esperança e harmonia nos corações e mentes dos seus pares. Detentor da fé raciocinada pode orar ao Criador solicitando inspiração, coragem e equilíbrio para si mesmo e para os menos esclarecidos, espiritualmente falando, que lhe cercam. Pode e deve incentivar sempre a implementação de medidas justas e magnânimas.

Deve evitar as armadilhas do ego, da prepotência, da falta de humildade e do respeito ao companheiro de trabalho. O profitente espírita nunca deve transigir com ações ou políticas empresariais que desrespeitem as leis vigentes ou que prejudiquem os clientes. Não fazer aos outros o que não deseja para si próprio deve lhe servir de lema permanente. A propósito, é preferível perder o emprego do que compactuar ou se omitir diante de causas malévolas. O espírita que milita nas organizações humanas, por saber que tudo na vida é temporário, não se deixa embalar por efêmeras glórias terrenas. O seu compromisso primordial deve ser o de fazer um bom trabalho direcionado ao bem da humanidade. Por conseguinte, busca vigiar “... *as nascentes do coração de onde brotam os bons como os maus pensamentos, e tem cuidado*”.^[15]

Além disso, se empenha vigorosamente para não ser repositório ou destilador de sentimentos menos dignos que só envenenam a psicofera do ambiente de trabalho. Quando detentor de autoridade é, de modo geral, atencioso e cordato. Dá oportunidades aos outros de se expressarem e trata-os com dignidade e consideração. Tem consciência de que não detêm todo o conhecimento e, por isso, necessita da ajuda e

cooperação dos seus colegas e subordinados. Diante de situações que envolvem a necessidade de demissão de funcionários – tão comum ainda –, é justo e generoso; tem, enfim, empatia pelos mais infelizes.

Por fim, o espírita não compactua e nem estimula fofocas, maledicências e atitudes mesquinhas. É inimigo da cizânia e da má-fé. Aparentemente, tais recomendações podem soar utópicas ou impraticáveis. Mas se como espíritas não podemos dar espaço a elas, o que esperar, então, daqueles que ainda não cogitam de coisas transcendentais? Afinal, se desejamos empresas mais humanas e espiritualizadas, então, temos de levar à nossa competência nesse campo para dentro delas.

(Observação: Artigo publicado originalmente na *Presença Espírita*, No. 275, novembro/dezembro 2009, pp. 38-41)

Notas bibliográficas

1. Franco, D.P. (Pelo Espírito Joanna de Ângelis). (2004), “Empresas”, *Presença Espírita*, No. 243, julho/agosto, pp. 26-29.
2. Ibid., p. 26.
3. Ibid.
4. Ibid., pp. 26-27.
5. Ibid., p. 27.
6. Thompson, W. D. (2000), “Can you train people to be spiritual?”, *Training & Development*, Vol. 54 No. 12, p. 18.
7. Cavanagh, G., Hanson, B., Hanson, K., e Hinojoso, J. (2004), “Toward a spirituality for the contemporary organization: implications for work, family, and society”, in Pava, M.L. e Primeaux, P. (Eds.), *Spiritual Intelligence at Work: Meaning*,

Metaphor, and Morals. Research in ethical issues in organizations, Vol. 5, Elsevier Ltd., Oxford, p. 121.

8. Toledo, M.P.M.F. (2009), “A propaganda e o marketing no horizonte da metafísica”, *Revista da ESPM*, Vol.16 No. 4, p. 37.
9. Franco, D.P. (Pelo Espírito Joanna de Ângelis). (2004), “Empresas”, *Presença Espírita*, No. 243, julho/agosto, p. 27.
10. Hogan, L.S.A. (2000), “A framework for the practical application of spirituality at work”, in Biberman, J. e Whitty, M.D. (Eds.), *Work and Spirit: A Reader of New Spiritual Paradigms for Organizations*, University of Scranton Press, Chicago, IL, p. 56.
11. Schwartz, M.S. (2006), “God as a managerial stakeholder?”, *Journal of Business Ethics*, Vol. 66 No. 2-3, pp. 291-306.
12. Franco, D.P. (Pelo Espírito Joanna de Ângelis). (2004), “Empresas”, *Presença Espírita*, No. 243, julho/agosto, p. 28.
13. Adaptado de Vasconcelos, A.F. (2008), *Espiritualidade no Ambiente de Trabalho: Dimensões, Reflexões e Desafios*, Editora Atlas, São Paulo, p. 36.
14. Franco, D.P. (Pelo Espírito Joanna de Ângelis). (2004), “Empresas”, *Presença Espírita*, No. 243, julho/agosto, p. 28.
15. Ibid.

DISRUPÇÕES TECNOLÓGICAS: MAIS PROVAÇÕES PARA A HUMANIDADE?

Sob a tutela de Jesus – governador espiritual desse mundo – almas dotadas de elevada inteligência e capacidade têm sistematicamente ajudado no progresso humano. De fato, a nossa civilização passou por grandes mudanças e transformações ao longo dos milênios. As descobertas do fogo, do ferro, da escrita, entre outras tantas inumeráveis, são sinais inequívocos da superação dos limites humanos sempre em busca de uma existência física melhor. Nesse sentido, são notáveis os avanços obtidos, sobretudo a velocidade na qual eles estão sendo gerados, particularmente a partir de meados do século passado. Por tudo o que alcançamos e desenvolvemos, é indiscutível que entramos num outro patamar de conhecimentos e aplicações.

No entanto, convém recordar que “O progresso completo constitui o objetivo. Os povos, porém, como os indivíduos, só passo a passo o atingem. Enquanto não se lhes haja desenvolvido o senso moral, pode mesmo acontecer que se sirvam da inteligência para a prática do mal. A moral e a inteligência são duas forças que só com o tempo chegam a equilibrar-se” (questão 780b de *O Livro dos Espíritos*).

Desse modo, quando o processo de desenvolvimento não contempla apropriadamente o imperativo moral cria-se um cenário de desequilíbrio, desigualdades e injustiças. Com o advento da era da informática – de forma mais incisiva com o computador ENIAC em 1946 –, as transformações têm sido gigantescas, especialmente as relacionadas ao mundo do trabalho. Com efeito, ficaram celebrizadas as fotos dos escritórios dos anos 1960 nas quais se mostravam centenas de

pessoas, praticamente apinhadas, executando o seu trabalho quase mecanicamente. As centrais telefônicas, por sua vez, retratavam dezenas de mulheres recebendo as ligações e simultaneamente conectando os fios em painéis à sua frente. As linhas de montagem das fábricas foram um capítulo à parte dadas as suas características e arranjos.

O papel do trabalho no progresso humano

Seja como for, é preciso reconhecer que naquele período da história, o operário, o trabalhador, o executivo, enfim, recebiam uma valorização muito diferente da atualidade. As famílias eram formadas e, a despeito das dificuldades salariais e renda, todos conseguiam sobreviver e até mesmo prosperar. Era grande motivo de orgulho para os pais quando os filhos conseguiam ir à universidade. Tal feito representava uma perspectiva segura de novas conquistas e realizações para os indivíduos. Havia, por assim dizer, espaço para todos através do abençoado trabalho.

Aliás, a relevância da lei do trabalho foi devidamente explorada por Allan Kardec na questão nº 676 do já citado *O Livro dos Espíritos*: “Por que o trabalho se impõe ao homem? Por ser uma consequência da sua natureza corpórea. É expiação e, ao mesmo tempo, *meio de aperfeiçoamento da sua inteligência. Sem o trabalho, o homem permaneceria sempre na infância, quanto à inteligência. Por isso é que seu alimento, sua segurança e seu bem-estar dependem do seu trabalho e da sua atividade.* Ao extremamente fraco de corpo outorgou Deus a inteligência, em compensação. Mas é sempre um trabalho” (ênfase nossa).

Desse modo, perante a espiritualidade, o trabalho tem um papel vital no progresso das criaturas. Seria sensato, portanto, que, diante do corolário de experiências humanas fracassadas – refiro-me às crises cíclicas que atingem o universo laboral sempre produzindo nefastas consequências às

pessoas e às suas vidas –, a criação de oportunidades de trabalho já deveria ter sido considerada uma obrigação moral nesse orbe por tudo que o assunto representa. Mas ainda não é o caso. Para ilustrar o argumento vale mencionar um estudo conduzido pelo Pew Research Center focando na geração dos millennials (jovens entre 18 e 34 anos). Os resultados revelaram que, pela primeira vez em 130 anos, os jovens estão preferindo continuar a morar com os pais, entre outras razões por limitações financeiras ou salários cada vez mais baixos. Em resumo, o precário patamar de remuneração do trabalho na atualidade não possibilita, pelo menos para muitos indivíduos dessa faixa etária, as necessárias condições para que constituam as suas próprias famílias ou tenham independência financeira.

O pesadelo gerado pelo progresso tecnológico

Os progressos tecnológicos também não têm sido suficientemente eficazes para ajudar a corrigir tais distorções. Pelo contrário. De fato, os seus efeitos e impactos têm sido trágicos especialmente para os trabalhadores menos qualificados. Como destacou outro estudo recentemente publicado pela International Labour Organization (OIT) intitulado “ASEAN in transformation: How technology is changing jobs and enterprises” (disponível em: <http://www.ilo.org/public/english/dialogue/actemp/whatwedo/aseanpubs/report2016_r1_techn.htm>) envolvendo nações do sudeste da Ásia, vários setores industriais e um contingente de 632 milhões de pessoas, os “avanços tecnológicos e inovações estão desafiando a ordem existente”. Para os autores, os empregos, particularmente os relacionados às atividades que requerem baixa qualificação e pertencentes a setores que demandam intensa mão de obra, estão condenados a serem desativados pela tecnologia e cadeias globais de suprimentos. Tal quadro é, na visão deles, altamente desafiador demandando

intervenções precisas.

O progresso tecnológico atual está gerando um pesadelo não apenas para os trabalhadores considerados menos qualificados (*lower-skilled workers*), conforme sugerem os resultados do estudo acima, mas igualmente – e aí se identifica um clamoroso paradoxo – para os trabalhadores mais qualificados (*higher-skilled workers*). De acordo com notícia publicada pela revista *Época Negócios*, a automação exagerada – advinda da adoção de softwares poderosíssimos – está ameaçando até os profissionais do mercado financeiro que trabalham em Wall Street. Por conseguinte, destacadas organizações do setor deverão reduzir significativamente as suas instalações físicas como, por exemplo, o Goldman Sachs.

Os profissionais que executavam análises praticamente “artesaniais” e projetavam cenários prováveis estão sendo substituídos por programas de computador que geram respostas extremamente rápidas. A propósito, no setor bancário brasileiro se trava uma ostensiva batalha entre os dois maiores *players* pelo domínio do conceito de instituição mais digitalizada. Não é complicado deduzir que o interesse é o de reduzir despesas fixas com agências e pessoas, deixando aos clientes-consumidores a obrigação de fazer as suas operações cada vez mais pela internet e/ou smartphones. Só falta declarar: “Venham as nossas agências o mínimo possível ou até mesmo nunca mais”.

Consequências das disrupções tecnológicas

A sanha das novas descobertas tecnológicas já produziu softwares capazes de escrever textos jornalísticos, embora não muito complexos – o que coloca uma sombra sobre os profissionais da área – pelo menos por enquanto... Outro exemplo marcante é a busca quase ensandecida que algumas empresas estão realizando para desenvolver o carro sem motorista. Imaginemos o que seria dos motoristas de táxi de

idades como São Paulo ou New York impedidos de ganhar o seu sustento? Alguns poderiam argumentar que eles podem ser preparados para assumir outras funções – assim como outros trabalhadores duramente atingidos pelas disrupções tecnológicas – como se tal coisa fosse simples de executar, especialmente em áreas onde o fator moral é colocado de lado.

A situação é tão inquietante que o criador do Fórum Econômico Mundial, Klaus Schwab, autor do livro *A Quarta Revolução Industrial*, entre outras obras, manifestou a sua preocupação ao declarar que “As novas tecnologias estão acelerando as mudanças na natureza do trabalho [mecanismo propiciador, cabe enfatizar, de desenvolvimento intelectual, moral e material ao Espírito encarnado]: até 2020, quase metade das profissões podem ser afetadas pelos avanços na robótica [em absoluto detrimento dos que precisam trabalhar para ao menos sobreviver]. Dado que essas mudanças ocorrem numa velocidade sem precedentes, serão necessárias reformas em larga escala dos governos e dos negócios”.

Embora Schwab vá ao cerne da questão, infelizmente, não temos conhecimento de qualquer iniciativa que esteja sendo tomada para diminuir esse descalabro. Ao que parece, até mesmo organismos internacionais como a OIT estão passando ao largo do tema. O interesse é ainda menor quando se trata dos governos. Praticamente não se veem debates e discussões mais profundas – mesmo em âmbito acadêmico - a respeito. Pelo menos na vasta literatura científica sobre ética empresarial, organizações e sociedade escasseiam análises mais percucientes sobre as consequências daí derivadas. É igualmente surpreendente notar a negligência do movimento sindicalista acerca de tão palpitante assunto. Em síntese, a gravidade do problema não foi detectada ou não despertou interesse exatamente nos grupos que poderiam e deveriam atuar no encaminhamento de soluções plausíveis e equilibradas.

Sugerindo sensatos caminhos para o enfrentamento da questão, Schwab observa que “Nós deveríamos considerar as máquinas como um complemento de nossos esforços, nos ajudando a construir um mundo mais próspero, inclusivo e sustentável. Inovações devem ser usadas para beneficiar toda a humanidade”. E arremata as suas ponderações ao propor que necessitamos de uma “quarta revolução ideológica, centrada no ser humano, para nos ajudar a encontrar valores que sirvam de base para o nosso futuro coletivo”.

Diante do desenvolvimento tecnológico, que fazer?

Considerando a maneira descontrolada e desumana como o desenvolvimento tecnológico vem sendo implantado no planeta, é notório que só beneficiará a alguns grupos de privilegiados – nada mais, nada menos. Se tal cenário continuar a prevalecer, é evidente que teremos um recrudescimento da pobreza e de marginalização das massas. Urge, portanto, que os governos do mundo e os organismos internacionais ligados ao universo do trabalho tomem medidas concretas para que o problema seja, enfim, equacionado. Não se trata de sugerir aqui que haja uma descontinuidade no avanço tecnológico. Mas é perfeitamente exequível conceber que moratórias em certos setores possam ser implementadas. Além disso, pode ser posto em prática treinamento e capacitação permanente para os trabalhadores, bem como a realocação dos afetados para outros setores, mas sob condições dignas de remuneração e valorização.

Em síntese, o que sugiro é que os avanços tecnológicos sirvam sempre aos interesses de toda a humanidade seja através de leis específicas ou de princípios gerais. Para tal fim, é indispensável que o monitoramento das iniciativas pertinentes deva ser feito com todo o rigor. Afinal de contas, ainda vivemos num mundo onde estão fortemente presentes os sentimentos de egoísmo e indiferença. Como bem observa

Schwab, “o aumento da produtividade não pode ser o único objetivo da quarta revolução industrial. Eu acredito que ela também será uma revolução de valores, onde iremos incluir ideias como engajamento, propósito e inclusão no nosso foco econômico”.

De minha parte considero que essa é uma grande oportunidade para irmos um pouco mais além. Nesse sentido, o que proponho é que o desenvolvimento tecnológico abarque também a realidade do Espírito e as suas necessidades de evolução sob os auspícios do amor, da solidariedade e da compaixão. O verdadeiro progresso humano passa necessariamente pela absorção dessas virtudes, de tal maneira que as instituições as espelhem igualmente no cumprimento do seu papel. Do contrário, só se poderá vislumbrar mais provações para a humanidade.

Como salienta o ínclito Espírito Joanna de Ângelis na obra *Dias Gloriosos* (psicografia de Divaldo Pereira Franco), “Conhecimento e sentimento unindo-se harmonizam-se na sabedoria que é a conquista superior que o ser humano deverá alcançar, portanto, plenitude *intelecto-moral*, conforme acentua o nobre Codificador do Espiritismo, Allan Kardec”.

(Observação: artigo publicado originalmente n’O *Consolador* [on-line], especial, N° 481, 4 de setembro de 2016)

LIDANDO COM A IMATURIDADE ESPIRITUAL

Uma parte considerável das pessoas neste mundo ainda revela fortes traços, tendências e perfis psicológicos que exalçam sobremaneira a sua imaturidade espiritual. De modo geral, as suas decisões, comportamentos e atitudes demonstram inequivocamente a sua inferior condição evolutiva. Lamentavelmente, algumas estão situadas – por força das circunstâncias – em posições eminentes nas organizações, na administração pública, na esfera política e assim por diante. Por alguma razão desconhecida por nós, receberam do Criador grande incumbência, mas, infelizmente, estão falhando de maneira clamorosa. Tais pessoas produzem enorme estrago e intranquilidade na sociedade devido ao seu modo de ser geralmente destrambelhado e inconsequente. É provável que muitas delas estejam recebendo uma oportunidade derradeira da espiritualidade maior, isto é, o cumprimento de uma missão digna de nota e consequente ajuste às leis universais.

Seja como for, no campo do trabalho elas abundam, e o indivíduo que busca a autoiluminação certamente com elas conviverá. Posto isto, comece então por identificá-las, a fim de que esteja melhor preparado para lidar com elas. Tenha em mente inicialmente que não há como deletá-las do mundo. Afinal, elas são muito insinuantes, inteligentes e astutas. Por isso, ganham – não raro – notoriedade e espaço nos ambientes organizacionais, que nem sempre primam pela racionalidade ou prudentes critérios de seleção nos seus quadros. De qualquer maneira, você as conhecerá pela falta de coerência, pelas atitudes infelizes e intempestivas, e pela ausência de sabedoria, entre outras coisas. Tais indivíduos cedo ou tarde se desnudam

por completo aos olhos gerais. Suas máscaras cuidadosamente cultivadas caem, revelando o que são, na verdade. Evidentemente, as pessoas mais sensatas detectarão as suas intervenções desastrosas com relativa facilidade. Por conseguinte, a ação implacável do tempo e os acontecimentos subjacentes farão o resto, de modo a neutralizar as suas influências maléficas.

Na verdade, essas pessoas estão sendo – sem sabê-lo – objetos da providência divina para testar a nossa paciência e resiliência. Assim sendo, Deus lhes confere o desafio de se portarem como seres humanos melhores em função do poder e influência que exercem. Mas como a maioria literalmente se deixa envolver pela vaidade e ambição descontrolada, pelo comportamento ferino e ditatorial e pelos anseios indignos, o resultado final é a colheita do fracasso, sem falar do consequente desperdício de oportunidade de autoaperfeiçoamento.

Esses indivíduos são tachados, entre outras coisas, como psicopatas corporativos, isto é, pessoas que são galgadas a destacadas posições hierárquicas de maneira extremamente rápida e surpreendente por causa do seu charme, polidez e fria capacidade decisória. Cogita-se, aliás, que muitos estejam nos topos das empresas contemporâneas. Afinal, os tempos incertos e a própria natureza caótica das organizações lhes favorecem, de certo modo.^[1] Ademais, sabem explorar com maestria o jogo do poder e ocupam com eficiência os espaços. Não por acaso, os psicopatas corporativos são geralmente considerados “astros organizacionais”, e, por conta dessa avaliação nem sempre fundamentada, merecedores de prêmios e louvores dos seus superiores. No entanto, exercem comportamentos reprováveis sobre os seus subordinados tais como *bullying*, intimidação e coerção. Não raro engajam-se em má gestão, ou seja, demonstram possuir deficiente capacidade de gerenciamento de pessoas, exercem uma liderança sem direção, promovem desperdícios de recursos e até mesmo fraudes.^[2]

As almas espiritualmente imaturas apresentam muitos outros aspectos e características deploráveis. Nesse sentido, vale frisar que elas também exercem um tipo de liderança destrutiva. Para os cientistas sociais, líderes destrutivos violam os interesses legítimos das organizações às quais estão vinculados ao se empenhar em sabotar os seus objetivos, tarefas, recursos e eficiência, bem como a motivação, bem-estar e satisfação no trabalho dos subordinados.^[3] Outros pesquisadores sugerem que tal perfil de líder estimula os seus subordinados (1) a atingir metas que contrariam os legítimos interesses das suas empresas ou (2) a utilizar um estilo de liderança calcado em métodos danosos de influência sem justificativas coerentes. Por exemplo, se uma empresa prioriza a adoção de uma política de alto nível de segurança nos produtos, um líder que encoraje os funcionários a distribuir o oposto, a fim de maximizar as vendas, está perseguindo um objetivo destrutivo.^[4] Não é novidade ao leitor(a) que muitas empresas adotam tal prática inspirada por líderes destrutivos. Aliás, vale recordar uma vez mais a mesquinha manipulação da quantidade e volume dos produtos por elas realizado em território nacional ao longo de muitos anos (ver o Capítulo 12). Tal postura nefanda nos dá uma dimensão do alcance e poder dos líderes destrutivos que medram nesta parte do mundo. Ou seja, criaturas humanas espiritualmente imaturas que um dia certamente haverão de “prestar contas da sua administração” (Lucas, 16:2) perante a espiritualidade.^[5]

Entretanto, há outros aspectos patológicos no campo da liderança que merecem igual destaque, como é o caso das lideranças tirânicas. Estas se notabilizam por exercer um estilo de gestão altamente focado na consecução dos objetivos da organização. Contudo, a sua inquebrantável obsessão pelo cumprimento das metas produz um efeito colateral indesejado, pois se dá à custa da saúde e satisfação dos empregados.^[6] Tais líderes não prestam muita atenção nos prejuízos que geram na vida dos seus subordinados. Falta-lhes equilíbrio e lucidez para

enxergar outros aspectos ou o quadro maior. Trabalhar para eles é, vida de regra, uma experiência extremamente dura, pois não concedem espaço às outras dimensões da vida e nem estimulam os funcionários a tê-lo. São normalmente *workaholics*, e creem que todos devem igualmente adotar tal estilo. Além disso, exercem uma pressão quase sobre-humana nos funcionários e, assim sendo, instalam um clima pesado, quase de terror em suas equipes.

Um pouco mais sutil e intenso, mas nem por isso elogiável, é caso do líder prejudicial. Esse tipo de líder utiliza estratégias benéficas – sem elas, obviamente, não se sustentaria – como o desenvolvimento de uma visão, empoderamento dos subordinados, foco em suas necessidades e construção de um senso de comunidade, confiança e respeito. No entanto, nem tudo aquilo que propõe é efetivamente positivo ou agradável. Na verdade, sua conduta tenta disfarçar traços eminentemente egoísticos e narcisistas. A sua suposta preocupação com os empregados está atrelada à expectativa de obtenção de obediência, dependência e lealdade dos subordinados. Acabam, por fim, dissipando o sentimento de pertencimento no time, que enxerga as reais intenções do seu líder desespiritualizado.¹⁷¹

De modo geral, a literatura sobre liderança é ampla e fundamentada, cobrindo variados estilos e aspectos. Infelizmente, muitos indivíduos em posições de comando nos tempos presentes ainda são portadores de fortes traços narcisísticos, tóxicos e/ou simplesmente destituídos de qualquer noção ética e moral. Cumpre esclarecer que até aqui me referi especificamente às pessoas espiritualmente imaturas desfrutando de uma condição mais privilegiada. No entanto, o indivíduo voltado ao Cristo, e que se move pela agenda do Espírito imortal, também ombreia com colegas de trabalho divorciados dos ideais divinos.

Temos de reconhecer que as organizações estão repletas de pessoas sem caráter ou integridade ética. Mais ainda: nem

todos respeitam os seus colegas como deveriam. Felizmente, uma miríade de práticas nefastas nos ambientes de trabalho estão bem catalogadas pela ciência comportamental, a saber: fofoca, bullying, incivilidade, sabotagem, assédio moral e sexual, inveja, ciúme, agressão física, sem falar do lado escuro das empresas, às vezes promovido pelo próprio empregador ou um grupo de funcionários. Aliás, tal conduta pode ferir um indivíduo em particular, outros grupos ou a própria organização.¹⁸¹

É inevitável que ao longo da vida tenhamos de conviver com criaturas assim. Elas fazem muito mal aos colegas, vítimas de suas urdiduras, tramas e vibrações maléficas. Por descuidarem da sua própria saúde espiritual, acabam atraindo entidades desencarnadas tão doentes quanto elas próprias. Em decorrência disso, o local de trabalho pode ser dramaticamente afetado. Percebe-se muito frequentemente que o clima organizacional passa a ficar pesado e tenso. As pessoas mais sensíveis sentem-se desconfortáveis e intranquilas dada a infeliz onda vibracional que invade o ambiente. Às vezes sentem um mal-estar “inexplicável”, fruto da invigilância dos pensamentos de Espíritos atrasados e dos seus companheiros encarnados que lhes atraem magneticamente. A propósito, aquele famoso provérbio que alerta “*diga-me com quem andas, e te direi quem és*” refere-se igualmente a essa desequilibrada simbiose que se estabelece entre vivos e mortos pela comunhão de negativos desejos e propósitos.

Seja como for, tenha em mente que valores pessoais e organizacionais representam um papel central no entendimento do mal comportamento existente nas empresas.¹⁹¹ A conduta degradante ou insana não ocorre por acaso. o Espírito Manoel Philomeno de Miranda esclarece oportunamente que “A ausência de valores espirituais para o ser humano é uma infelicidade de terrível dimensão”.¹¹⁰¹ Assim posto, meu caro(a) companheiro(a) de ideal resta-lhe zelar, tanto quanto possível, para que a luz não se extinga por completo nos ambientes

laborais onde particularmente cooperas com o Criador. Portanto, faça uso das salutares preces – a ida ao banheiro é uma oportunidade de conexão com entidades do bem - e controle suas emoções e sentimentos para que o melhor aflore de você. Se puder constituir um grupo de orações – muitas organizações dão espaço ao cultivo da fé do empregado – ou estudos evangélicos, melhor ainda. Nos diálogos e conversas diuturnas faça prevalecer o seu lado superior, respeitando as opiniões, incentivando o espírito de fraternidade e se conduzindo eticamente em todos os momentos. Jamais tome parte de algo que possa ferir os seus semelhantes. Se a sua empresa ainda assim se comporta, e não há como consertá-la, é melhor dela se desligar. Há locais no mundo em que a imaturidade espiritual é crônica. Seja, enfim, uma reluzente luz em meio às trevas. O plano maior da vida espera sempre de nós todos dignidade, tolerância e respeito.

Notas bibliográficas

1. Boddy, C.R. (2011), “The corporate psychopaths theory of the global financial crisis”, *Journal of Business Ethics*, Vol. 102 No. 2, pp. 255–259.
2. Boddy, C.R., Miles, D., Sanyal, C. e Hartog, M. (2015), “Extreme managers, extreme workplaces: capitalism, organizations and corporate psychopaths”, *Organization*, Vol. 22 No. 4, pp. 530–551.
3. Einarsen, S., Aasland, M.S. e Skogstad, A. (2007), “Destructive leadership behaviour: a definition and conceptual model”, *The Leadership Quarterly*, Vol. 18 No. 3, pp. 207–216.
4. Krasikova, D., Green, S. e LeBreton, J.M. (2013), “Refining and extending our understanding of destructive leadership”, *Journal of Management*, Vol. 39 No. 5, pp. 1308-1338.
5. Vasconcelos, A.F. (2010), “Spiritual development in

organizations: a religious-based approach”, *Journal of Business Ethics*, Vol. 93 No. 4, pp. 607-622.

6. Trépanier, S.-G., Boudrias, V. e Peterson, C. (2019), “Linking destructive forms of leadership to employee health”, *Leadership & Organization Development Journal*, Vol. 40 No. 7, pp. 803-814.
7. Mohr, J.M. (2013), “Wolf in sheep’s clothing: harmful leadership with a moral façade”, *Journal of Leadership Studies*, Vol. 7 No. 1, pp. 18-32.
8. Griffin, R.W. e O’Leary-Kelly, A.M. (2004), *The Dark Side of Organizational Behavior*, Jossey-Bass, San Francisco, CA.
9. Vardi, Y. e Weitz, E. (2004), *Misbehavior in Organizations: Theory, Research, and Management*, Lawrence Erlbaum Associates, New Jersey, p. 30.
10. Franco, D.P. (Pelo Espírito Manoel Philomeno de Miranda). (2020), *No Rumo do Mundo de Regeneração*, LEAL, Salvador, p. 89.

MOTIVAÇÃO PARA O CERTO

Antes de escrever o texto abaixo, aconteceu-me uma vez mais que o Espiritismo tem muito a oferecer para aquela parcela da humanidade sequiosa por acertar os seus passos na vida. Refiro-me àqueles que desejam tomar as decisões mais apropriadas, e que consideram cuidadosamente todas as variáveis e potenciais impactos dos seus atos e atitudes. Posto isto, pode-se afirmar que a função da Doutrina Espírita é, metaforicamente falando, a de ser um grande farol a iluminar as consciências humanas rumo à plenitude, em perfeita concordância com os ensinamentos de Jesus.

Contudo, no dia a dia somos fustigados quando não arrebatados por inúmeras sensações, sentimentos e acontecimentos nem sempre positivos ou agradáveis. Não é novidade pra ninguém que a Terra ainda alberga muita treva e sombras, que, paradoxalmente, provém das próprias criaturas humanas. Afinal de contas, nem todos buscam o autoconhecimento ou a autoiluminação – primeiros passos para uma existência verdadeiramente rica e proveitosa. Nem todos buscam o silêncio da noite para efetuar uma autoanálise, particularmente em relação ao dia encerrado e as atitudes tomadas. Mais ainda: nem todos demonstram a coragem moral para admitir que erram muito mais do que acertam, e, a partir daí, realizar as correções necessárias. Por isso, ganhar luz própria é tarefa imensa e não raro repleta de aflições e dissabores, já que temos de lidar com coisas profundamente inquietantes. No entanto, trata-se ao mesmo tempo de algo inevitável. Lembremos, a propósito, de Jesus que lidou com criaturas soezes, mesquinhas, inescrupulosas, mas não abdicou da sua missão divina. Assim sendo, quanto mais rapidamente nos conscientizarmos de tal responsabilidade e percalços

inerentes, mais aptos estaremos a cooperar na obra divina.

Nesse particular, é importante frisar que o Criador nos assegura a possibilidade de participação ativa em sua seara divina. Basta apenas que nos disponhamos para tal. Aliás, o conselho do Apóstolo Paulo foi altamente inspirador: *“Por cujo motivo te lembro que despertes o dom de Deus que existe em ti...”* (2 Timóteo 1:6). Todos nós, portadores do DNA divino, temos o poder de fazer o bem e agir com acerto através das nossas potencialidades e conhecimentos, como delineei, aliás, em outros capítulos.

Aqui ajuntamos algumas recomendações do Espírito Emmanuel que merecem algumas gotas do nosso tempo para reflexão. Alerta-nos a sábia entidade espiritual para o seguinte:

“É indispensável muito esforço de vontade para não nos perdermos indefinidamente na sombra dos impulsos primitivistas.

À frente dos milênios passados, em nosso campo evolutivo, somos suscetíveis de longa permanência nos resvaladouros do erro, cristalizando atitudes em desacordo com as Leis Eternas.

Para que não nos demorem no fundo dos precipícios, temos ao nosso dispor a luz da Revelação Divina, dádiva do Alto, que, em hipótese alguma, devemos permitir se extinga em nós.

Em face da extensa e pesada bagagem de nossas necessidades de regeneração e aperfeiçoamento, as tentações para o desvio surgem com esmagadora percentagem sobre as sugestões de prosseguimento no caminho reto, dentro da ascensão espiritual.

Nas menores atividades da luta humana, o aprendiz é influenciado a permanecer às escuras.”^[1]

Consoante os apontamentos acima, “a força de

vontade” é imprescindível a qualquer realização humana. Sem o nosso firme desejo, propósito e muito trabalho não avançamos... No trabalho, como bem sabemos, temos de nos empenhar arduamente para assegurar a nossa posição hierárquica, assim como conquistar outras ainda mais expressivas. Em resumo, temos de estar em permanente estado de prontidão e vigilância para mostrar o nosso valor, a nossa disposição, a nossa boa vontade, enfim. Além disso, temos que cooperar com os colegas e equipes, executar novas tarefas e atribuições, sem falar dos objetivos e metas a serem cumpridos. Tudo isso faz parte do processo de sobrevivência no universo laboral. Quem dorme sobre os louros, ou se acomoda corre sérios riscos de perder o seu *status quo* ou mesmo o emprego. As organizações e instituições, quando muito, nos dão algum treinamento para as inúmeras complexidades e transformações reinantes. O resto fica exclusivamente por nossa conta e iniciativa.

Por outro lado, Deus nos envia mensagens, intuições e alertas – por vias diretas ou não – para que as nossas metas espirituais sejam igualmente alcançadas, semelhante às empresas que depositam expectativas em nós. O Senhor quer o nosso sucesso em outras dimensões da vida. Ele sabe que ao longo do caminho enfrentaremos inúmeras dificuldades quer de natureza interior (fraquezas de caráter ou personalidade, tibieza no campo da fé, inseguranças de toda ordem etc.) quanto exterior (excesso de cobranças, incompreensão, decepções relacionais, traições etc.). Dominar apenas as ferramentas de cunho profissional *não nos dará* o preparo necessário à vitória.

Precisamos de muito mais capacitações e virtudes. Nesse sentido, o desenvolvimento espiritual é vital à autodescoberta do indivíduo. De posse de tal conhecimento, a criatura poderá traçar planos mais consistentes pra si mesma, que contemplem igualmente as suas deficiências de comportamento e/ou falhas no cultivo de valores superiores (espirituais). Nesse ponto, é importante esclarecer que são

considerados valores espirituais uma série de qualidades tais como: honestidade, confiança, gentileza, generosidade, tolerância, sobriedade, paciência, perseverança, alegria, humor, humildade, gratidão, dignidade, devoção, perdão, coragem, compaixão, sabedoria, beleza e esperança.^[2]

Portanto, para não permanecermos “às escuras”, conforme propõe a metáfora de Emmanuel, é preciso resistir não ombreando com a delinquência e imaturidade espiritual que grassa no mundo e nem ceder às tentações infelizes. Infelizmente, há ainda muita gente vivendo aqui na atualidade comprometida com o mal. Pessoas que não medem esforços para que a maldade domine o planeta em todas as questões.

“Que o homem sofrerá tentações, que cairá muitas vezes, que se afligirá com decepções e desânimos, na estrada iluminativa, não padece dúvida para nenhum de nós, irmãos mais velhos em experiência maior; entretanto, é imprescindível marcharmos de alma desperta, na posição de reerguimento e reedificação, sempre que necessário.”^[3]

Agindo assim, provavelmente o imperativo do fazer e agir certo poderá nos motivar. Mais importante ainda é correspondermos às expectativas que Deus coloca em nós. Por isso, abracemos os nossos deveres e obrigações com desvelo, assim como agindo com correção em todas as situações.

Notas bibliográficas

1. Xavier, F.C. (Pelo Espírito Emmanuel). (1977), *Vinha de Luz*, 4ª edição, Federação Espírita Brasileira, Rio de Janeiro, RJ, pp. 71-72.
2. Culliford, L. (2020), *The Big Book of Wisdom*, Hero Press, London, pp. 75-76.

3. Xavier, F.C. (Pelo Espírito Emmanuel). (1977), *Vinha de Luz*, 4ª edição, Federação Espírita Brasileira, Rio de Janeiro, RJ, p. 72.

JESUS CRISTO: EXAMINANDO ELEMENTOS DE UMA LIDERANÇA PERFEITA

É praticamente impossível olhar para o legado de Jesus Cristo e não se deixar fascinar pela sua personalidade marcante. Embora vivamos num planeta extremamente dividido, onde persistem sociedades heterogêneas, algumas ainda dominadas pelos ventos do radicalismo e da intransigência religiosa, não há como deixar de admirar a força e os exemplos que dimanam de sua extraordinária figura. Exaltado pelos Espíritos que administram esse orbe como o protótipo perfeito^[1], ele continua amparando a humanidade através dos seus prepostos que nos municiam com mensagens eivadas de sabedoria e apelos tocantes para que não esmoreçamos nessa hora de testemunhos que nos cabe enfrentar.

Corroborando esse entendimento recorreremos ao pensamento do *Espírito Joanna de Ângelis* que faz a seguinte afirmação: “Vive-se o momento terrestre da grande transição planetária. As forças do bem enfrentam os exércitos do mal, em luta cruel e fratricida”.^[2] Não obstante a imensa paisagem comburente em que se transformou a Terra onde as paixões dissolutas, as atitudes malsãs e as ações nefandas campeiam por toda parte, os seus apelos ao cultivo da paz e harmonia continuam a nos convidar a participar do sublime banquete divino pela via inadiável e intransferível da mudança interior. Por tudo isso, a mensagem do Cristo permanece atualizada e assim continuará, pois é atemporal e, sendo assim, também transcende o imediatismo da via moderna que é eivada, por sinal, de destrutivos valores que medram por toda a parte.

Posto isto, o Cristo de Deus não apenas se notabilizou pela sua curta e inesquecível passagem por esse mundo, ou seja, os seus feitos, milagres e ensinamentos. Graças a ele temos inquestionavelmente diretrizes e caminhos sólidos a seguir que marcam outra faceta da sua personalidade: a inigualável capacidade de liderança – o que torna ainda mais admirável a sua figura. Neste ensaio desejamos examinar tal aspecto através de algumas lentes teóricas e conceituais exploradas pela ciência. Sob essa perspectiva, então, buscaremos “encaixar”, portanto, o que é proposto por elas e o que ele efetivamente produziu em relação a tal dimensão. Esperamos, por fim, trazer a lume alguns exemplos do que os livre-pensadores sugerem e o que Jesus realizou justapondo, assim, teoria e ensinamento (evidência). Embora o tópico da liderança constitua fascinante objeto de estudo a se perder pelas labaredas do tempo, somente a partir do século passado é que o assunto ganhou certo status passando a ser de interesse da pesquisa científica.^[3]

Desse modo, cumpre inicialmente destacar que “Toda a doutrina de Jesus é formulada com simplicidade e com amor”.^[4] Dito de outra forma, todos estão aptos a entendê-la e, sobretudo, vivenciá-la. Grosso modo, todos nós temos sede e fome de espiritualidade e Jesus nos abastece com o poderoso alimento da fé, da consolação e do esclarecimento objetivo. Afinal, quem nesse mundo poderá afirmar estar livre de dores e dissabores por mais bem-sucedido e poderoso que seja? Cremos piamente que ninguém. Hodiernamente as provas e expiações nos batem às portas – provavelmente uma vez mais – cobrando-nos atitudes e comportamentos equilibrados e atitudes mais elevadas.

Sendo tais impositivos partes da vida, um líder religioso e espiritual sério jamais poderá faltar com a verdade, pois é através dela que ele constrói o pilar da fé e da confiança em seus seguidores e simpatizantes. E Jesus é absolutamente transparente sobre as dificuldades – as cruzes – do caminho,

para que a nossa integração absoluta com o Pai Celestial possa ser alcançada, isto é, “*E quem não toma a sua cruz, e não segue após mim, não é digno de mim*” (Mateus, 10: 38). Não há uma promessa vã aí embutida. Há, sim, pura sinceridade na qual um líder cria um contexto de confiança.

A propósito, estudiosos de liderança observam que “Liderança autêntica é fundada na confiança, e quanto mais pessoas confiam no seu líder e em cada um, mais eles assumem riscos, fazem mudanças e mantêm as suas organizações e movimentos vivos. Através desse relacionamento, os líderes transformam os seus constituintes em líderes eles próprios”.¹⁵¹

Como líder por excelência, Jesus soube erigir com maestria na sua inolvidável peregrinação, uma tessitura de confiança no coração dos seus apóstolos e seguidores – baseada, evidentemente, no seu discurso transformador e na sinceridade dos seus propósitos voltados à mudança da mentalidade do homem, assim como acordando-o para outras realidades transcendentais –, passo fundamental para os desafios espirituais que estavam desde há muito delineados para a humanidade terrena. Conforme sustentam pesquisadores renomados, trata-se, portanto, de característica vital de liderança.¹⁶¹

Dito isso, a capacidade de engajar pessoas através de uma visão envolvente e arrebatadora surge como uma das mais importantes habilidades de um líder. Traduzir o componente visionário por meio de ensinamentos desmistificadores e transcendentais, bem como influenciar o etos dos liderados na busca de tal ideal, é uma tarefa que só pessoas muito especiais podem realizar.

Não obstante o fato de que considerável conteúdo do tema da liderança estar associado às organizações modernas e aos seus condutores, cremos que se alargarmos o pensamento, poderemos ver as suas proposições e aplicabilidade consentâneas ao assunto em pauta. Desse modo, cabe

mencionar que muitos pensadores da atualidade trabalham intensamente na pesquisa da liderança e suas múltiplas vertentes, inclusive a espiritual. Nessa última, por sinal, há pesquisadores que sugerem que a *liderança espiritual* envolve a habilidade de inspirar outros a se comportar de acordo com os mais altos valores morais e éticos na forma como convivem com os outros. Tais valores abarcariam, assim, a empatia, compaixão, humildade e amor e, como tal, o seu portador seria movido por um senso inato do que é certo, independente das consequências.¹⁷¹

Outro prolífico e conceituado pesquisador dessa área, o Dr. Louis W. Fry, costuma definir tal capacidade como “[...] compreendendo os valores, atitudes e comportamentos que são necessários para intrinsecamente motivar o próprio self e outros de modo que eles tenham um senso de sobrevivência espiritual através da vocação e associação”.¹⁸¹ Vendo a trajetória de Jesus por essa lente, pode-se, portanto, observar que a sua motivação intrínseca está, por exemplo, na sua completa identificação e sintonia com o Criador cuja vontade, aliás, torna-se fiel executor: “*Eu e o Pai somos um*” (João, 10: 30), ou “*Eu falo do que vi junto de meu Pai, e vós fazeis o que também vistes junto de vosso pai*” (João: 8: 38) ou ainda “*Mas é para que o mundo saiba que eu amo o Pai, e que faço como o Pai me mandou [...]*” (João, 14: 31). Vê-se, pois, que Jesus encontra na sua estreita ligação com Deus a força espiritual inspiradora e a sabedoria indispensável para iluminar a consciência humana. É, em suma, na fonte mais sublime que ele se nutre e motiva na execução da sua missão.

Mais ainda, ele arregimenta colaboradores fiéis e determinados que são, por sua vez, tocados no imo da alma pelo seu magnetismo natural e a sua retórica focada na mudança interior – primícias de uma nova era, isto é, a do Espírito imortal. Tão profundamente impactantes (motivadores) foram tais episódios que, como muito bem descreve o *Espírito Amélia Rodrigues*, “Para trás ficavam os

receios e as inquietações. Não obstante as intrigas políticas, os ciúmes religiosos, as problemáticas de cada Espírito, uma harmonia generalizada identificava os Espíritos reunidos em torno do Rabi arrebatador”.^[9]

Acrescenta ainda a benfeitora: “As suas lições eram recebidas como concessões divinas que penetravam o âmago dos sentimentos e descortinavam panoramas dantes jamais sonhados. Quando marchavam pelos imensos caminhos na sementeira do amor, o ritmo de todos formava uma cantilena que parecia ressoar além dos limites da terra que lhes era cara. Sentiam-se dominados por estranho e singular entusiasmo. A sua presença dava-lhes desconhecido poder e todos pareciam dispostos a qualquer trabalho, a indistinta batalha que estrugisse nos diversos sítios”.^[10]

Além disso, o *Espírito Amélia Rodrigues* também observa que “Em conversas íntimas discutiam as razões por que os dominava o estranho magnetismo do Mestre. Conquanto o seu amor constante e a ternura com que os recebia, não poucas vezes revelava-se austero, enérgico. Era um comandante que os conduzia com segurança, assumindo responsabilidade por todos os atos. Jamais negaceava a verdade e nunca deixava perder a oportunidade de ensinar com altissonante linguagem do exemplo. Eram, pois, uma perene primavera de emoções a sua presença e a sua mensagem...”^[11]

Como registra a história, no devido tempo, essas almas profundamente irmanadas ao ideal crístico tornaram-se “pescadores de homens”, expandindo consideravelmente a sua obra. De fato, estima-se que o Cristianismo abranja na atualidade algo em torno de 1,9 a 2,1 bilhões de pessoas, isto é, 29% a 32% da população mundial.^[12]

Por outro lado, cabe destacar que um líder espiritual – conforme propõe os pesquisadores dessa corrente – apresenta certos elementos basilares tais como: a capacidade de criar uma visão na qual os outros membros organizacionais (seguidores

nesse caso) possam usufruir de um senso de vocação (despertamento) de tal maneira que as suas vidas têm um sentido/significado e, a partir daí, passam a fazer diferença no cumprimento das suas atividades. Sob essa premissa, o líder estabelece uma cultura social/organizacional estribada no amor altruístico, pela qual líderes e seguidores demonstram autêntica e genuína atenção, preocupação e apreciação uns pelos outros gerando, assim, um sentido de associação no qual prevalece o sentimento de compreensão e respeito.^[13]

A teoria da liderança espiritual expressa, sob muitos aspectos, o clima de autêntica fraternidade e companheirismo que se estabeleceu na formação do cristianismo, mercê da ação de um líder dotado de extraordinárias capacidades nessa dimensão de gestão. No exame dessa linha de liderança podem-se identificar três grandes construtos (conceitos) sob os quais determinadas providências indispensáveis se abrigam, a saber:

1. *Visão*. Qualidade que abarca, como já dito, um amplo apelo aos *stakeholders* (humanidade no caso em apreço); define a destinação e a jornada (perfeição e plenitude através de sucessivas encarnações para o burilamento do Espírito); reflete elevados ideais (valores universais estribados no amor); encoraja fé/esperança (combustíveis essenciais da caminhada redentora); e fixação de padrões de excelência (o bem como bússola).
2. *Amor altruístico*. Qualidade que engloba o perdão, gentileza, integridade, empatia/compaixão, honestidade, paciência, coragem, confiança/lealdade e humildade.
3. *Esperança/fé*. Resistência e perseverança diante das tribulações; fazer o que é necessário (submeter-se às provas do caminho, carregar a própria cruz e, enfim, aceitar as experiências purificadoras); esticar as metas (ter o “coração puro” como Jesus recomendou, só pode ser conseguido mediante ingentes esforços); e expectativa de recompensa/vitória (total integração ao reino de Deus).^[14]

Em síntese, a análise empreendida até aqui permite inferir que os postulados cristãos e o papel desempenhado por Jesus Cristo se encaixam perfeitamente num quadro mais amplo de teoria da liderança espiritual. Com efeito, nas evidências colhidas encontramos vários indícios de que Jesus Cristo empregou largamente elementos dessa escola em sua missão redentora. Tal conclusão, entretanto, não invalida a presença no seu papel de líder de aspectos ligados a outras vertentes teóricas. Referimo-nos aqui particularmente à escola da *liderança autêntica* – uma das mais estudadas na atualidade.

Pesquisadores dedicados ao tema descrevem o líder dotado de tal perfil como um indivíduo confiante, esperançoso, otimista, resiliente, transparente, moral/ético e orientado ao futuro. Além dessas características, os líderes autênticos possuem a sensibilidade de dar prioridade ao desenvolvimento dos seus associados (apóstolos e seguidores). Ser verdadeiro é visto como outra das suas peculiaridades e o seu comportamento positivo/construtivo observável em constantes oportunidades leva à transformação ou desenvolvimento dos seus seguidores também como líderes. Essa escola advoga igualmente que o líder autêntico não tenta coagir ou mesmo racionalmente persuadir os seus companheiros(as). Ou seja, os seus valores, crenças e comportamentos configuram um modelo de desenvolvimento geral.¹⁵¹

Posto isto, é claramente perceptível a presença de vários elementos dessa modalidade de liderança na personalidade e no comportamento de Jesus. É notório também que alguns deles chegam a se sobrepor à escola da liderança espiritual. No entanto, cabe frisar que a “persuasão racional” é inerente à mensagem do Evangelho. Considerando esse ângulo, lá encontramos diretrizes e recomendações precisas quanto ao proceder que enfraquecem sobremaneira tal proposição. Para ilustrar, os trechos evangélicos abaixo citados reforçam o nosso argumento – ou seja:

“[...] Amarás o Senhor teu Deus de todo o teu coração, e de toda a tua alma, e de todo o teu pensamento” (Mateus, 22: 37).

“Sede vós pois perfeitos, como é perfeito o vosso Pai que está nos céus” (Mateus, 5: 48).

“Eu sou o caminho, e a verdade e a vida; ninguém vem ao Pai, senão por mim” (João, 14: 6).

“[...] Tende fé em Deus” (Marcos, 11: 22).

“Depois disse a Tomé: Põe aqui o teu dedo, e vê as minhas mãos; e chega a tua mão, e põe-na no meu lado; e não sejas incrédulo, mas crente” (João, 20: 27).

Excetuando-se, portanto, o elemento acima destacado, há convincentes sinais de que a liderança autêntica se aplica perfeitamente a Jesus e ao seu messianato. Analogamente, a nossa análise engloba a perspectiva derivada da *liderança transformacional*. Afinal de contas, líderes vinculados a essa escola geralmente possuem enorme habilidade de comunicar uma visão para a organização (cristianismo).^[16] Além disso, eles normalmente carregam enorme carisma, propagam uma visão arrebatadora e intelectualmente estimulante, oferecem atenção e consideração individual, assim como promovem uma cultura comum onde não há privilégios especiais ou tratamentos diferenciados.^[17]

Vale acrescentar que há autores que acreditam que todo líder transformacional é de igual maneira um líder espiritual.^[18] Desse modo, não há como deixar de atribuir a Jesus a qualidade de exímio líder transformador, especialmente se considerarmos o seu papel de educador celestial ou psicoterapeuta na compreensão e divulgação da segunda revelação. Como exemplos de tal capacidade contidos no evangelho podem-se destacar:

“Porque eu desci do céu, não para fazer a minha vontade, mas a vontade daquele que me enviou” (João, 6: 38)

“Porquanto, qualquer que fizer a vontade de Deus, esse é meu irmão, e minha irmã, e minha mãe” (Marcos, 3: 35)

“Eu sou a luz do mundo; quem me segue não andarà em trevas, mas terá a luz da vida” (João: 8: 12).

Podemos ainda encontrar em alguns atos dos apóstolos inequívocos subprodutos dessa poderosa intervenção transformadora tais como:

“Em tudo dai graças, porque esta é a vontade de Deus em Cristo Jesus para convosco” (1 Tessalonicenses 5: 18).

“E esta é a confiança que temos nele, que, se pedirmos alguma coisa, segundo a sua vontade, ele nos ouve” (1 João, 5: 14)

De maneira similar, podem-se identificar elementos de outras escolas de liderança menos pomposas na conduta de Jesus. É o caso daquela linha que comporta uma relação de troca entre *líder e liderado* (LMX)^[19]. Essa teoria basicamente pressupõe que uma espécie de barganha medeia a relação entre ambos. De fato, encontramos a aceitação de tal proposição nos comentários do *Espírito Emmanuel* quando ele afirma categoricamente o seguinte:

“Não somente os homens vivem na lei de permuta.

As forças divinas baseiam a movimentação do bem no mesmo princípio”.^[20]

Nesse sentido, Jesus frisou com clareza meridiana como se dá essa troca ao afirmar: *“Porque o Filho do homem virá na*

glória de seu Pai, com os seus anjos; e então dará a cada um segundo as suas obras” (Matheus 16: 27). Paulo de Tarso entendeu perfeitamente a referida lição, pois chegou a proferir: *“O qual recompensará cada um segundo as suas obras...”* (Romanos 2: 6).

Outra escola de liderança intensamente examinada pela pesquisa é a *servidora (servant leadership)*. Como o próprio nome sugere trata-se de indivíduos que têm um claro entendimento de que os outros (semelhantes) são a sua prioridade de vida. Vemo-los inseridos nas sociedades humanas orientando as pessoas com profundo carinho e atenção, aperfeiçoando processos, mas, acima de tudo, realizando tarefas notáveis a serviço dos mais necessitados. Entendemos que na área de ajuda humanitária há muitos líderes servidores desconhecidos.

A pesquisa revela que líderes servidores geralmente incorporam sete pronunciadas características, a saber: são servidores antes de qualquer outra consideração; consonante com as proposições de outras escolas, eles aqui também são vistos como articuladores competentes de metas (visão); pela sua conduta inspiram confiança; são excelentes na habilidade de ouvir; são mestres no prover *feedback* positivo; conseguem antever o porvir (intuitivos por natureza); e propositores do desenvolvimento pessoal.^[21]

Ademais, os líderes servidores empoderam as pessoas/parceiros, exibem humildade, são absolutamente autênticos, aceitam as pessoas pelo que elas são, fornecem-lhes uma direção e são guardiões que trabalham intensamente pelo bem do todo.^[22] Posto isto, pode-se afirmar que há abundância de aspectos de uma liderança servidora na conduta de Jesus. Na verdade, a literatura espírita traz inúmeros exemplos da sua incomensurável paciência em ouvir e orientar os seus seguidores. As suas palavras, a propósito, sempre forneciam diretrizes seguras e advertências adequadas para que o

discípulo pudesse ser bem-sucedido. Além disso, o mestre guiou e continua guiando a humanidade por meio da sua mensagem alentadora. A sua visão abarca possibilidades inimagináveis para nós. Nesse sentido, a simples e oportuna lembrança do envio do *Consolador Prometido* não deixa dúvidas a respeito.

Nesse rápido exame, por fim, identificamos que Jesus Cristo conseguiu o feito extraordinário de reunir os moldes de várias escolas de liderança. Por conseguinte, ele pode ser considerado como uma criatura ímpar não apenas pelos seus feitos e legados luminosos, mas também por ter sabido mostrar uma capacidade de liderança incomum o que comprova a sua perfeição nessa dimensão igualmente. Obviamente, há outras escolas que não foram examinadas no presente ensaio – como a *transcendental*, por exemplo – porque estão ainda em fase embrionária de desenvolvimento teórico. Cabe ressaltar ainda que, embora às vezes parecidas, as escolas de liderança escrutinizadas têm sido desenvolvidas através de dezenas de estudos internacionais sistemáticos ao longo dos anos. As rigorosas medidas psicométricas às quais esses estudos foram submetidos dão confiabilidade e validade às suas conclusões e descobertas. No entanto, independentemente da abordagem perseguida, Jesus emerge sempre como um líder imaculado propagando a verdade divina, a sabedoria celestial e nos fornecendo lições, ensinamentos e exemplos que certamente lembraremos para todo o sempre.

(Observação: A 1ª parte deste artigo foi publicada n' *O Consolador* [on-line], Nº 347, 26 de janeiro de 2014, e a 2ª no Nº 348, 2 de fevereiro de 2014)

Notas bibliográficas

1. Kardec, A. (2007), *O livro dos Espíritos*, Versão Digital, FEB, Rio de Janeiro, RJ, p. 212, questão 625.

2. Franco, D.P. (Pelo Espírito Joanna de Ângelis), (2013), *Iluminate*, Intévidas, Catandúvas, SP, p. 89.
3. Fry, L.W., Vitucci, S. e Cedillo, M. (2005), “Spiritual leadership and army transformation: theory, measurement, and establishing a baseline”, *The Leadership Quarterly*, Vol. 16 No. 5, pp. 836–837.
4. Franco, D.P. (Pelo Espírito Joanna de Ângelis), (2013), *Iluminate*, Intévidas, Catandúvas, SP, p. 159.
5. Kouzes, J.M. e POSNER, B.Z. (2007), *The Leadership Challenge*, 4th edition, Jossey-Bass, San Francisco, CA, p. 21.
6. Fry, L.W. (2003), “Toward a theory of spiritual leadership”, *The Leadership Quarterly*, Vol. 14 No. 6, p. 695; Miller, W.C. (2004), “Spiritually-based leadership”, in Zsolnai, L. (Ed.), *Spirituality and Ethics in Management*, Kluwer Academic Publishers, Dordrecht, p. 169; Lennick, D. e Kiel, F. (2005), *Moral Intelligence: Enhancing Business Performance and Leadership Success*, Wharton School Publishing: Upper Saddle River, NJ, p. 87.
7. Guillory, W.A. (2001), *The Living Organization: Spirituality in the Workplace*, 2nd edition, Innovations International, Salt Lake City, UT, pp. 186-187.
8. Fry, L.W. (2003), “Toward a theory of spiritual leadership”, *The Leadership Quarterly*, Vol. 14 No. 6, pp. 694-695.
9. Franco, D.P. (Pelo Espírito Amélia Rodrigues), (2003), *Luz do Mundo*, 8ª edição, LEAL, Salvador, p. 103.
10. Ibid., pp. 103-104.
11. Ibid., p. 104.
12. Religião (2013), disponível em:
<<http://pt.wikipedia.org/wiki/Religião>> (acessado em 23 de outubro de 2013).
13. Fry, L.W. (2003), “Toward a theory of spiritual leadership”, *The Leadership Quarterly*, Vol. 14 No. 6, p. 695.
14. Ibid., p. 695.
15. Luthans, F. e Avolio, B. (2003), “Authentic leadership

- development”, in Cameron, K.S., Dutton, J.E. e Quinn, R.E. (Eds.), *Positive Organizational Scholarship*, Berret-Koelher, San Francisco, CA, p. 243.
16. Tourish, D. e Pinnington (2002), “Transformational leadership, corporate cultism and the spirituality paradigm: an unholy trinity in the workplace?”, *Human Relations*, Vol. 55 No. 2, p. 151.
 17. Ibid., p. 162.
 18. Por exemplo, Boorum, R. (2009), “Spiritual Leadership: a study of the relationship between spiritual leadership theory and transformational leadership”, unpublished doctoral dissertation, Regent University, Virginia Beach, VA; Twigg, N.W. e Parayitam, S. (2007), “Spirituality as a determinant of transformational leadership: moderating effects of religious orientation”, *Journal of Management, Spirituality, and Religion*, Vol. 4 No. 3, pp. 326–354.
 19. Leader-member exchange theory = teoria de troca entre líder e subordinado.
 20. Xavier, F.C. (Pelo Espírito Emmanuel). (1977), *Vinha de Luz*, 4ª edição, FEB, Rio de Janeiro, RJ, p. 248.
 21. Korac-Kakadbase, N., Kouzin, A. e Kakadbase, A. (2002), “Spirituality and leadership praxis”, *Journal of Managerial Psychology*, Vol. 17 No. 3, p. 169.
 22. Van Dierendonck, D. (2011), “Servant leadership: a review and synthesis”, *Journal of Management*, Vol. 37 No. 4, p. 1232.

INTELIGÊNCIA ESPIRITUAL: SIGNIFICADO E IMPLICAÇÕES PARA AS NOSSAS VIDAS

Na sua curta, mas inesquecível peregrinação pela Terra, Jesus manifestou clara preocupação sobre o adequado uso dos talentos (dons) das criaturas humanas. Na verdade, o mestre referiu-se especificamente sobre esse assunto em, pelo menos, duas oportunidades, a saber: na parábola das Minas (Lucas, 19: 11-27) e na dos Talentos (Mateus, 25: 14-30). Em ambas, os fatores responsabilidade, desempenho, mérito, reconhecimento e punição estão presentes. Mas há nessas parábolas igualmente um sentido capacitacional implícito, ao qual todos nós estamos afeitos.

De modo concreto, quando se fala sobre talento está se falando de habilidades humanas; na essência, está se falando de inteligência. Hodiernamente, sabemos que a inteligência humana não mais está circunscrita à simples medição dos testes de QI (Quociente de Inteligência), que medem, por sinal, conhecimentos linguísticos e raciocínio lógico. Tal medida não dá conta da multiplicidade de aptidões que nós portamos.

Assim sendo, uma pessoa iletrada não é, em hipótese alguma, destituída de inteligência. Dito de outra maneira, um indivíduo analfabeto certamente é portador de outros dons, pois, conforme Cairbar Schutel percebeu *“Não existe um só indivíduo no mundo que não seja depositário de um talento ou de duas minas. Ainda mesmo aqueles que se julgam miseráveis e mendigam a caridade pública, se perscrutarem as suas aptidões, o que trazem oculto no recôndito da alma, verão que não são tão desgraçados como se julgam.”*¹¹ Ou seja, todos

nós trazemos uma bagagem de conhecimentos e talentos a fim de nos garantirmos no presente e que podem – e devem – ser ampliados com vistas ao futuro.

Nesse sentido, observa o espírito Emmanuel que *“Seja nos recintos da lei, nos laboratórios da ciência, no tanque de limpeza, ou à cabeceira de um doente, toda pessoa tem o lugar de revelar-se”*.^[2] O mentor deixa entrever que soa como blasfêmia nos considerarmos, por qualquer razão, inúteis ou desprezíveis. Posto isto, o psicólogo Howard Gardner avançou consideravelmente nessa área ao concluir, após quase 20 anos de pesquisas, que a mente é capaz de expressar várias formas de inteligência, a saber: lógico-matemática, linguística, espacial, musical, físico-cinestésica, intrapessoal, interpessoal e naturalista.^[3]

Howard Gardner concluiu que embora sejamos inteligentes para algumas áreas do conhecimento, noutras somos claramente limitados.^[4] Em outras palavras, ele descobriu recentemente o que os espíritos já haviam revelado a Allan Kardec há mais de 150 anos, conforme se observa na resposta à questão 804 do Livro dos Espíritos que trata das desigualdades das aptidões e que esclarece o seguinte:

- Deus nos criou iguais, mas como cada um de nós existe há mais ou menos tempo é natural que uns tenham progredido mais do que os outros.
- A diferença de conhecimentos observável nas criaturas humanas decorre das experiências obtidas, da vontade com que cada um se empenha, o que é, ademais, sempre expressão do livre-arbítrio.
- É absolutamente necessária a diversidade de aptidões a fim de que todos contribuam, consoante as suas possibilidades físicas e intelectuais, para os desígnios de Deus.
- Obviamente o que um não está em condições de realizar, outro o realizará.

- Em suma, todos temos um papel útil a desempenhar na obra divina como atores coadjuvantes.

Por outro lado, a ciência não tem cessado de perceber e classificar novas expressões de inteligência. O livre-pensador Charles Handy^{15]}, por exemplo, defendeu que todos nós podemos acrescentar novas categorias à lista já existente. Assim sendo, ele propôs a inclusão da *inteligência intuitiva* que denota uma aptidão para perceber aquilo que não é exatamente óbvio e a *inteligência prática* que abarca o senso comum, o reconhecimento das coisas a ser feitas e o que se pode fazer.

Não se pode igualmente deixar de mencionar as descobertas relacionadas à *inteligência emocional* (IEM) popularizada pelo pesquisador Daniel Goleman. IEM refere-se a uma série de capacidades e competências não cognitivas que dão condições ao indivíduo de lidar com as demandas e pressões advindas do ambiente no qual ele(a) está inserido(a). IEM compõem-se de cinco dimensões, ou seja: autoconsciência, autogerenciamento, automotivação, empatia e habilidades sociais.^{16]}

Percebe-se, portanto, que as dimensões da IEM têm fortes vínculos com as propostas autotransformadoras da doutrina espírita. O Espírito Joanna de Ângelis adverte que no campo das emoções encontraremos as causas dos acontecimentos futuros que poderão nos levar à ascensão ou à queda.^{17]} Mas coroando as descobertas científicas nesse campo, alguns autores propõem a incorporação da dimensão espiritual – que nos interessa explorar em particular nesse trabalho – ao rol existente. Desse modo, foi o pesquisador Robert A. Emmons aparentemente quem cunhou a expressão *inteligência espiritual* (IES).^{18]} Ele propôs que uma pessoa espiritualmente inteligente no mínimo apresenta: “(1) a capacidade de transcendência, (2) a habilidade de entrar em elevado estado espiritual de consciência, (3) a habilidade de investir em atividades diárias, eventos e relacionamentos com um senso de

sagrado ou divino, (4) a habilidade de utilizar recursos espirituais para resolver problemas na vida e (5) a capacidade de se engajar em comportamento virtuoso ou ser virtuoso (demonstrar perdão, expressar gratidão, ser humilde e exibir compaixão).”^{19]}

Já Danah Zohar e Ian Marshall propõem o quociente espiritual (QS) como a fundação necessária para o funcionamento adequado do QI e do quociente emocional. Na opinião desses pesquisadores, trata-se da nossa inteligência final.^{110]} Eles acrescentam que o QS nos capacita a escolher assim como nos dá senso moral. Além disso, nos possibilita *“Usarmos o QS. para lutar com questões acerca do bem e do mal, e imaginar possibilidades irrealizadas – sonhar, aspirar nos erguemos da lama”*.^{111]} Na visão dos citados autores, *“A inteligência espiritual é a inteligência da alma. É a inteligência com a qual nos curamos e com a qual nos tornamos um ser íntegro”*.^{112]}

Por fim, o pesquisador Moses L. Pava sugere que a IES está atrelada às atividades diárias como comer, beber, fazer amor, fazer amigos, conversar e trabalhar desde que essas atividades sejam conscientemente implementadas como meios para se atingir valores humanos de qualidade superior.^{113]} Conseqüentemente, deduz-se que a IES é um dom-talento-habilidade acessível a todos os humanos e que permeia coisas básicas da vida. Cabe a cada um de nós o esforço pessoal em desenvolvê-la.

As descobertas nesse campo, embora corretas, permitem um refinamento à luz dos conhecimentos espíritas. O espírito Ermance Dufaux atrela o desenvolvimento da IES às seguintes habilidades: *“autoconsciência, resiliência, visão holística, alteridade, autoconfiança, curiosidade, criatividade, disciplina no adiamento das gratificações, sensibilidade, compaixão, naturalidade”*.^{114]} Como se trata de algo muito amplo e em estágios iniciais de conceituação, cometemos a

ousadia de sugerir outro repertório além do proposto pela ilustre mentora.

Assim sendo, propomos que a IES também abarque o aproveitamento das nossas potencialidades visando à construção do bem em todas as latitudes e níveis. O indivíduo preocupado em desenvolver a sua IES sabe que a felicidade plena – ainda não possível nesse orbe – só lhe será concedida mediante ingentes esforços pessoais de lapidação interior. Ou seja, consciente das suas fragilidades se compromete a laborar com obstinação as suas imperfeições.

Sabe que não conquistará a perfeição tão já, mas como essa é a meta estabelecida pelo Criador para todas as criaturas, atira-se a tal propósito com fervor e disciplina régia. Desenvolver a IES implica em aceitar mudar-se profundamente. Assim, se já recebeu os conhecimentos espíritas aplica-os intensamente. Na condição de médium não comercializa os seus dons. Na de patrão não escraviza os seus funcionários e respeita os seus clientes. Ao desfrutar de alta posição na hierarquia das instituições age como líder justo e servidor. Desempenhando papel de subalternidade, não prejudica os que lhe estão acima e cumpre as suas obrigações. No trabalho é, de modo geral, cordial e solícito com todos. Sê desempenha função mais humilde a faz com amor e dedicação tal qual um cientista ou executivo destacado.

Empenha-se em aprender acerca das coisas do além. Respeita as leis escrupulosamente. Na condição de pai ou mãe procura preparar os seus filhos para a vida. Posto isto, impõem-lhes limites e responsabilidades essenciais à cidadania e ao bem viver comum. Se na condição de filho, respeita os pais e, na necessidade, os ampara. Desse modo, coopera, participa e ajuda. É inimigo ferrenho da preguiça e da alienação. Não é escravo do consumismo que varre o planeta. Vive distanciado dos vícios que podem comprometer à sua saúde psicofisiológica. Usa, enfim, os seus dons para o bem.

Portanto, não desperdicemos a nossa inteligência, os nossos dons em coisas e situações que só nos trarão prejuízos e decepções futuras. *Sejamos espiritualmente inteligentes*. Por fim, como estamos sujeitos a retornar à pátria espiritual a qualquer momento, consoante à vontade do Pai Celestial, fiquemos atentos para que, se isso acontecer, possamos nos apresentar ostentando mais talentos e realizações em nós mesmos.

(Observação: publicado originalmente pela revista *Presença Espírita*, No. 266, pp. 12-14, maio-junho 2008)

Notas bibliográficas

1. Schutel, Cairbar, (2000), *Parábolas e Ensinos de Jesus*, 17ª edição, Casa Editora O Clarim, Matão, SP, p. 87.
2. Xavier, Francisco C., (Pelo espírito Emmanuel), (1979), *Livro da Esperança*, 5ª edição, Comunhão Espírita Cristã, Uberaba, MG, p. 156.
3. Smith, M.K. (2002) “Howard Gardner and multiple intelligences. The encyclopedia of informal education”, disponível em: <<http://www.infed.org/thinkers/gardner.htm>> (acessado em 4 agosto de 2007).
4. Weinberg, Mônica. (2007), “Entrevista: Howard Gardner”, *Veja*, No. 2018, 25 julho, p. 11.
5. Handy, Charles. (1999), *The Hungry Spirit: Beyond Capitalism: A Quest for Purpose in the Modern World*, Broadway, New York, NY, pp. 203-204.
6. Robbins, Stephen P. (2002), *Comportamento Organizacional*, 9ª edição, Prentice Hall, São Paulo, p. 105.
7. Franco, Divaldo P. (Pelo espírito Joanna de Ângelis). (2003), *No Rumo da Felicidade*, 5ª edição, Editora Bezerra de Menezes,

Santo André, p. 36.

8. Emmons, Robert A. (1999), *The Psychology of Ultimate Concern*, The Guilford Press, New York, NY, p. 10.
9. Ibid., pp.163-164.
10. Zohar, Danah e Marshall, Ian. (2000), *QS: Inteligência Espiritual*, Record, Rio de Janeiro, RJ, p. 18.
11. Ibid., p. 19.
12. Ibid., p. 24.
13. Pava, Moses L. (2004), “Intelligent spirituality in business: a Deweyan conception”, in Pava, M.L. e Primeaux, P. (Eds.), *Spiritual Intelligence at Work: Meaning, Metaphor, and Morals. Research in Ethical Issues in Organizations*, Vol. 5, Elsevier, Oxford, pp. 65-66.
14. Oliveira, W.S. (Pelo espírito Ermance Dufaux). (2006), *Escutando Sentimentos*, Editora Dufaux, Belo Horizonte, MG, p. 182.

NÃO DEIXE A ANSIEDADE DOMINÁ-LO

A ansiedade é um dos maiores problemas hodiernos, especialmente para nós brasileiros, e a terrível pandemia só fez agravar a situação. Por vivermos num país com graves distorções sociais, assim como açoitados por dificuldades de toda ordem, não chega a ser estranho haver padecimento coletivo desse mal. Aliás, uma importante pesquisa realizada pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), com 1.996 pessoas maiores de 18 anos de idade, revelou que 80% da população brasileira tornou-se ainda mais ansiosa por causa da Covid-19. Por sua vez, os transtornos psiquiátricos daí advindos têm por origem o estresse. O estudo também identificou que 65% da mostra têm sentimento de raiva; 63% sofrem sintomas somáticos (por exemplo, sensação de dor, mal-estar gástrico, qualquer coisa orgânica resultante de um quadro de ansiedade); e, finalmente, 50% tiveram alteração do sono.^[1]

Já para a OMS (Organização Mundial de Saúde), os números referentes à população afetada são bem menores, isto é, cerca de 19 milhões de pessoas. Mas, nem por isso, podem ser considerados irrelevantes. Num outro estudo paralelo conduzido pelo Ministério da Saúde, visando avaliar a saúde mental dos brasileiros, o resultado foi mais alarmante, pois 86,5% dos entrevistados demonstraram possuir algum tipo de ansiedade patológica.^[2]

Portanto, ansiedade é algo de proporções gigantescas e que certamente merece atenção, já que afeta a quase todos nós em maior ou menor intensidade. Em outras palavras, não é viável para a imensa parcela das criaturas desfrutar de uma existência sem ansiedades. No entanto, os especialistas

advertem: devemos nos preocupar quando se torna algo permanente, e sobretudo associado a sensações como:

- Palpitação, coração pulsando forte ou acelerado;
- Sensação de garganta fechada;
- Suor;
- Tremores;
- Falta de ar;
- Sensação de desmaio;
- Náusea ou desconforto abdominal;
- Formigamentos;
- Dor ou desconforto no peito;
- Calafrios e sensação de calor;
- Sentimentos de irrealidade;
- Sensação de afogamento ou sufocação;
- Despersonalização (sentir-se fora de si mesmo);
- Medo de perder o controle ou enlouquecer;
- Medo de morrer.¹³¹

É preciso lembrar que há uma série de variáveis em nossas vidas que não dominamos ou controlamos. Por mais que nos esforcemos, há fatores imponderáveis que estão sempre à espreita para nos golpear de alguma forma... Essa é a realidade que nos cerca, ainda mais vivendo em país onde há tanta insegurança conspirando contra a nossa integridade física, sem falar dos impositivos cósmicos.

Para ilustrar o raciocínio, quase todos os dias somos atingidos por decisões ou deliberações – especialmente as que partem do Estado – que nos alcançam quase sempre de maneira negativa. Ademais, temos contas a acertar com a providência divina, geralmente decorrentes dos nossos desacertos do

passado delituoso. É curioso isso, pois há muitos que, embora tocados pelas verdades do Espírito imortal, continuam a acreditar que foram moradores de palácios reais, personagens históricos e coisas assim. Paradoxalmente, não cogitam os prováveis fracassos comportamentais ou atos delinquentes que cometeram e causadores – pela via da sagrada lei de causa e efeito - de enormes dissabores no presente. Desse modo, só nos resta aprender a melhor controlar a aflição para que os danos sejam os mínimos possíveis para a nossa saúde quer física quer espiritual. A propósito, cabe também lembrar, nesse sentido, a pontual advertência de Jesus: *“Tenho-vos dito isto, para que em mim tenhais paz; no mundo tereis aflições, mas tende bom ânimo, eu venci o mundo”* (João, 16:33).

Creio que a primeira providência é entender que nada há de anormal em passar por, pelo menos, alguma carga de ansiedade ao longo da vida. Na verdade, o maior problema é como reagimos a ela. Os simples atos de viver e trabalhar são geralmente fontes constantes de ansiedade e não se é possível fugir disso. Como bem explica o Espírito Emmanuel:

“A existência terrestre, efetivamente, impõe angústias inquietantes e aflições amargas. É conveniente, contudo, que as criaturas guardem serenidade e confiança, nos momentos difíceis.

As penas e os dissabores da luta planetária contêm esclarecimentos profundos, lições ocultas, apelos grandiosos. A voz sábia e amorosa de Deus fala sempre através deles”.^[4]

Emmanuel avança nos ensinamentos oportunos recordando que na escola terrestre – afinal, viver nesse mundo é uma grande oportunidade de aprendizado – atravessaremos dias ríspidos e dolorosos. Nessas ocasiões deveremos recorrer ao nosso íntimo extraíndo dele o equilíbrio e abundância que eventualmente já tenhamos acumulado. Na Terra estaremos,

como sabiamente pondera ele, sujeitos à decepção com amigos muito queridos, indiferença de outros, ingratidão, adversidades cruéis, entre outras tantas experiências desagradáveis.

Em situações como as acima delineadas, Emmanuel observa: “Quando surgir um dia assim em vossos horizontes, compelindo-vos à inquietação e à amargura, certo não vos será proibido chorar. Entretanto, é necessário não esquecerdes a divina companhia do Senhor Jesus”.¹⁵¹ Ora, se já fomos apresentados às verdades divinas, se já arregimentamos alguma fé dentro de nós, então, precisamos colocá-la em prática. A existência certamente demandará isso de nós mais dia menos dia. Nenhum tratamento, por mais eficiente ou consagrado que seja, terá o poder de resolver por completo todos os nossos problemas.

Por isso, precisamos, sim, mudar à nossa maneira de enxergá-los. As dificuldades que nos atingem não são uma punição do mais alto, são veredas e caminhos necessários ao nosso aperfeiçoamento e evolução. Assim sendo, encaremo-las como testes imprescindíveis à aferição do nosso aprendizado – como ocorre em qualquer curso sério.

Recordemos de Jesus e da sua sinceridade. Busquemo-lo em nossos pensamentos para haurir forças e discernimento independentemente da extensão da tempestade que nos assole. Com ele poderemos vencer, sem ele a superação do momento infeliz será praticamente impossível. Na vida profissional somos atingidos, aliás, por inúmeras situações desagradáveis a nos exigir paciência e autocontrole para que a ansiedade não extrapole. A oração impregnada de fé e confiança pode nos trazer paz e lucidez para lidarmos com as aflições inerentes aos deveres do trabalho.

Como recomenda ainda Emmanuel: “Não olvidemos, portanto, que, nas aflições, é imprescindível tomar-lhe a sublime companhia [de Jesus] e prosseguir avante com a sua serenidade e seu bom ânimo”.¹⁶¹ Assim sendo, não permita que

o desespero se aninhe em sua alma, em seu coração, e nem obscureça o seu raciocínio.

Notas bibliográficas

1. Agência Brasil. (2021), “Pesquisa revela aumento da ansiedade entre brasileiros na pandemia”, disponível em: <https://agenciabrasil.ebc.com.br/saude/noticia/2020-10/pesquisa-revela-aumento-da-ansiedade-entre-brasileiros-na-pandemia> (acessado em 12 de janeiro de 2021).
2. Globo.com. (2021), “Ansiedade: Brasil tem maior índice de pessoas com transtorno no mundo”, disponível em: <https://g1.globo.com/fantastico/noticia/2020/12/06/ansiedade-e-o-transtorno-mais-comum-entre-os-brasileiros-sintomas-pioraram-durante-a-pandemia.ghtml> (acessado em 12 janeiro de 2021).
3. Vittude blog. (2021), “Crise de ansiedade: o que fazer quando ela acontece?”, disponível em em: <https://www.vittude.com/blog/crise-de-ansiedade/> (acessado em 12 janeiro de 2021).
4. Xavier, F.C. (Pelo Espírito Emmanuel). (1978), *Caminho, Verdade e Vida*, 7ª edição, FEB, Rio de Janeiro, RJ, p. 80.
5. Ibid., pp. 181-182.
6. Ibid., p. 182.

DIANTE DAS ADVERSIDADES NA CARREIRA

Neste capítulo pretendo algo abordar sobre o chamado insucesso profissional. Refiro-me às situações nas quais o indivíduo não consegue avançar – por mais que se empenhe – rumo às posições de destaque nas organizações e nem desfrutar de maiores salários e benefícios. Trata-se de algo frustrante, sem dúvida, para qualquer um de nós que cumpre de forma diligente os seus deveres e obrigações, a falta de reconhecimento e valorização. É uma sensação profundamente desagradável se sentir deixado para trás pelos superiores hierárquicos. Por isso, para atenuar o sofrimento daí decorrente é preciso entender bem as dinâmicas organizacionais, a política no ambiente de trabalho e os valores que permeiam aqueles com os quais trabalhamos. Inicialmente, tenhamos sempre em mente que as empresas são aglomerações de indivíduos com visões e percepções distintas da vida. Em segundo lugar, cumpre recordar que a justiça nem sempre funciona de maneira adequada nesses ambientes.

Há forças e energias de toda ordem sendo emitidas nos locais de trabalho. Afinal de contas, as pessoas dirigem-se ao emprego todos os dias carregando emoções e pensamentos nem sempre harmonizados ou de polaridade positiva. A maioria, por sinal, padece profundamente da ausência de uma educação espiritual, de plena formação ética e moral, assim como de aspirações mais elevadas. Por essas razões enxergam o trabalho apenas como um meio de ganhar prestígio, poder e dinheiro. Não conjecturam que a atividade profissional pode ser substancialmente enriquecida se impregnada por uma perspectiva transcendental. Aliás, nesse particular, já dizia

Jesus Cristo: “*Meu Pai trabalha até agora, e eu trabalho também*” (João, 5: 17).

Jesus se dedicava, na essência, à instrução espiritual da humanidade cumprindo, assim, um mandato, uma missão divina. Note que no trecho evangélico acima citado ele ressalta que o Pai Celestial não se esquivava da sua obrigação maior em amparar as humanidades. Assim sendo, poder trabalhar é uma bênção sob qualquer aspecto que se averiguar. Ter a oportunidade de algo contribuir com as nossas capacidades e talentos é uma autêntica bênção celestial. Na verdade, se Deus nos concede tal oportunidade, devemos-lhe agradecer também por isso. Por outro lado, é relativamente fácil constatar que nem todos estão conseguindo vencer na carreira. Basta olharmos ao nosso redor. Nem todos estão sobrevivendo às constantes reestruturações e *turnarounds*, agora também motivadas pelos assustadores avanços tecnológicos, que estão, paradoxalmente, colocando as pessoas no limbo da civilização.

Vivemos numa época de grandes e inquietantes incertezas, que atropelam, entre outras coisas, algumas sagradas aspirações humanas tal como a de ser feliz e realizado no trabalho. Hoje em dia pouco se pensa nas nefastas consequências da obsessiva automação ou, como costume dizer, ditadura digital. A plethora de “soluções” nessa área está levando muitos a viver uma existência indigna. Reitero uma vez mais que não sou infenso à tecnologia, mas à maneira como os avanços têm sido implementados. Pessoalmente não consigo ver progresso quando se destrói empregos vitais. Por causa disso, muitos jovens estão enfrentando a amarga experiência de desfrutar uma vida sem perspectivas profissionais decentes. Muitos não têm e nem terão recursos para formar uma família ou de desfrutar de independência financeira, como seus pais e avós. Entendo que tal nefasto resultado expressa com meridiana clareza o enorme fracasso da nossa civilização. Infelizmente, o egoísmo e a indiferença atingiram patamares inimagináveis neste século, e pouco ou

quase nada se faz para que as indesejáveis consequências sociais e psicológicas possam ser ao menos mitigadas.

Creio ainda que as organizações verdadeiramente interessadas em responsabilidade social deveriam abraçar urgentemente a causa da criação de empregos de qualidade. Os organismos internacionais, por sua vez, têm se omitido clamorosamente diante de tão palpitante assunto. Nem campanhas nessa direção realizam.

Voltando ao tema central do capítulo, é preciso, então, entender que o conceito de sucesso é muito relativo, especialmente diante de tantos obstáculos e desvios na área comportamental. Lamentavelmente, as empresas nem sempre se pautam por escolhas exclusivamente éticas ou assentadas no mérito. Temos de reconhecer que as coisas na Terra ainda são assim. Do contrário, não observaríamos tantos erros e opções infelizes. Nunca esqueçamos que somos Espíritos momentaneamente encarnados, trazendo uma bagagem do passado conosco geralmente comprometedor. Cremos que o fenômeno da reencarnação pode nos oferecer explicações plenamente aceitáveis para muito do que se sucede conosco. Nesse sentido, pode-se cogitar que talvez tenhamos abusado do poder em outras vidas, criando embaraços e infelicidade para outros que dependiam de nós. Por isso, estejamos hoje, circunstancialmente, abaixo de pessoas que um dia prejudicamos, e que guardam, sem o saber, certo rancor ou desdém contra a nossa pessoa, prejudicando, assim, a nossa trajetória por razões ignoradas.

Se este for o caso, vale lembrar as pertinentes recomendações do Espírito Joanna de Ângelis:

“Não te perturbes com aqueles que te exploraram, que te enganaram, que mentiram para conseguir o que desejavam. Eles aprenderão com as experiências a que serão submetidos e tu prosseguirás amando, porque o bem que se faz é moeda de amor que se converte em

soberana luz de bem-estar.”¹¹

Talvez ainda Deus esteja colocando-o numa posição de subordinação para que desenvolva a capacidade de cooperar despreziosamente. Seja qual for a razão, o fato é que em nosso roteiro de vida poderemos ficar afastados de qualquer possibilidade de progresso profissional. Admitamos: a maioria das pessoas não são bem-sucedidas nas suas ocupações profissionais. Sobrevivem às duras penas e nada mais. Por isso, do ponto de vista espiritual, podemos e devemos fazer a nossa parte independentemente da nossa atividade, literalmente *servindo* aos nossos semelhantes (mesmo os ingratos e mal-intencionados) em nome de Deus. Note que o Espírito Emmanuel fez, a propósito, uma interessante reflexão a respeito e que vale pena resgatar:

“A Natureza, em toda parte, é um laboratório divino que elege o espírito de serviço por processo normal de evolução.

[...].

Por manter a vida humana, no estágio em que se encontra, milhares de animais morrem na Terra, de hora a hora, dando carne e sangue a benefício dos homens.

Infere-se de semelhante luta que o serviço é o preço da caminhada libertadora ou santificante.

A pessoa que se habitua a ser invariavelmente servida em todas as situações, não sabe agir sozinha em situação alguma.

A criatura que serve pelo prazer de ser útil progride sempre e encontra mil recursos dentro de si mesma, na solução de todos os problemas.

A primeira cristaliza-se.

A segunda desenvolve-se.

Quem reclama excessivamente dos outros, por não

estimar a movimentação própria na satisfação de necessidades comuns, acaba por escravizar-se aos servidores, estragando o dia quando não encontra alguém que lhe ponha a mesa. Quem aprende a servir, contudo, sabe reduzir todos os embaraços da senda, descobrindo trilhos novos.

Aprendiz do Evangelho que não improvisa a alegria de auxiliar os semelhantes permanece muito longe do verdadeiro discipulado, porquanto, companheiro fiel da Boa Nova, está informado de que Jesus veio para servir e desvela-se, a benefício de todos, até ao fim da luta.

Se há mais alegria em dar que em receber, há mais felicidade em servir que em ser servido.

Quem serve, prossegue...”¹²¹

Portanto, a posição expressada pelo sábio missionário de Deus é de meridiana clareza quanto ao que nos cabe realizar. A aludida entidade espiritual ainda observa:

“[...] O Espírito que, de algum modo, já armazenou certos valores educativos, é convocado para esse ou aquele trabalho de responsabilidade junto de outros seres em provação rude, ou em busca de conhecimentos para a aquisição da liberdade. Esse trabalho deve ser levado a efeito na linha reta do bem, de modo que esse filho seja o bom cooperador de seu Pai Supremo, que é Deus. O administrador de uma instituição, o chefe de uma oficina, o escritor de um livro, o mestre de uma escola, tema a sua parcela de independência para colaborar na obra divina e devem retribuir a confiança espiritual que lhes foi deferida [...].

Daí a necessidade de concluirmos com a apologia da Humanidade, salientando que o homem que atingiu certa parcela de liberdade, está retribuindo a confiança do Senhor, sempre que age com a sua vontade misericordiosa e sábia, reconhecendo que o seu esforço

individual vale muito, não por ele, mas pelo amor de Deus que o protege e ilumina na edificação de sua obra imortal.”^{13]}

Concluindo, não se esqueça de que a vida é passageira. Agarre as oportunidades com espírito cooperativo seja você um modesto empreendedor, executivo, funcionário ou chefe de departamento. Que Jesus seja a sua bússola também na vida profissional! Guarde a consciência tranquila de ter feito o melhor e estará sempre em paz. No fim, isso é o que importa.

Notas bibliográficas

1. Franco, D.P. (Pelo Espírito Joanna de Ângelis). (2020), *Vidas Vazias*, LEAL, Salvador, BA, pp.102-103.
2. Xavier, F.C. (Pelo Espírito Emmanuel). (1992), *Fonte Viva*, 18ª edição, Federação Espírita Brasileira, Rio de Janeiro, RJ, p. 192.
3. Xavier, F.C. (Pelo Espírito Emmanuel). (1977), *O Consolador*, 7ª edição, Federação Espírita Brasileira, Rio de Janeiro, RJ, pp. 85-86.

BATEI SEMPRE NA PORTA CERTA

A vida corporativa, não há como negar, tornou-se extremamente áspera, difícil e, muitas vezes, frustrante, como já abordamos em capítulos anteriores. As mudanças ora implementadas através da tecnologia de informação tornaram a realidade ainda mais ácida. Afinal de contas, as pessoas estão trabalhando muito mais, além de serem constantemente vigiadas. Até mesmo aqueles profissionais que trabalham sob o regime de *home office* têm, com razão, externado o seu descontentamento. Trabalhar em casa passou a ser um pesadelo para muita gente, que viu a sua privacidade invadida de uma hora para outra.

O discurso da qualidade de vida, por outro lado, tornou-se algo quimérico diante de tantas exigências e preocupações. Metas cada vez mais ambiciosas são estipuladas pelos empregadores, que pretendem, assim, exibir desempenho excepcional para agradar os acionistas e as forças do mercado como um todo. Por conseguinte, tudo isso gera ainda mais pressão para todos os que labutam.

Não bastasse isso, há também forças espiritualmente perturbadoras atuando nos ambientes de trabalho. Com efeito, muitos não vigiam o conteúdo dos seus pensamentos e emissões mentais, o que se traduz em mais mal-estar. Obviamente, aquelas pessoas mais sensíveis – refiro-me as sensitivas ou dotadas de capacidades mediúnicas mais salientes – percebem o efeito dessas emanções como verdadeiras antenas, e, por isso, sofrem mais.

Infelizmente, não há como deixar de reconhecer que os locais de trabalho contemporâneos estão impregnados de sofrimento e aflição. Como pondera o Espírito Emmanuel,

“Trabalhar e sofrer constituem processos lógicos do aperfeiçoamento e da ascensão. E que atendamos a esses imperativos da Lei, com bastante paz, é o desejo amoroso e puro de Jesus Cristo”.^[1]

Ademais, o jogo do poder, as tramas, traições e manipulações são coisas ainda claramente observáveis nesses locais. Nem sempre as decisões são tratadas com escrúpulos, ética e respeito. Somos, muitas vezes, simples peões de um enorme tabuleiro onde reina toda sorte de obscuridades. Lamentavelmente, o ser humano carrega muita sombra dentro de si, e nos ambientes laborais elas quase sempre se manifestam com intenso vigor.

No entanto, é preciso sobreviver a despeito do estresse, do *burnout* ou da incomensurável má vontade humana. É preciso, enfim, ter coragem moral e força interior para não sucumbir. Nesse sentido, nem todos os que estão desempenhando uma carreira profissional têm a felicidade ou oportunidade de desfrutar de uma experiência positiva. Vivendo sob condições tão inadequadas, é natural, portanto, que em dados momentos sejamos atingidos pelo desespero. O que fazer, então? Ficar estático esperando que as soluções aconteçam por obra do acaso ou atuar proativamente?

O fato é que, às vezes, as coisas são tão complicadas que não há muito o que fazer de nossa parte. Por exemplo, substituir um chefe emocionalmente tóxico não é algo que possamos implementar com facilidade ou rapidez. Há coisas que estão muito além das nossas possibilidades de poder mudar. Mas se temos uma fé a nos sustentar, certamente a nossa cruz poderá ser menos pesada. Assim sendo, comecemos por entender que cada um de nós está exatamente no lugar em que precisa estar. Posto isto, talvez o Criador precise dos nossos esforços de cooperação nesse local, apesar de estarmos em situação de subalternidade ou adversidades.

Jesus Cristo nos deixou uma recomendação valiosa para

a situação sob apreço que vale recordar: “*Pedi, e dar-se-vos-á; buscai, e encontrareis; batei, e abrir-se-vos-á*” (Mateus 7:7). É claro que o Mestre aqui se referia à necessidade de algo fazermos. Em outras palavras, até mesmo em situações altamente complexas há sempre algo que podemos realizar. Creio que Jesus apelava à iniciativa humana para tentar compensar as agruras. Na vida corporativa podemos fazer algo semelhante, especialmente através do recurso da oração sincera por todos aqueles com quem compartilhamos a jornada laboral. Mais especificamente, qualquer um pode rogar ao Criador, a Jesus ou à entidade espiritual de sua devoção para ajudar, entre outras coisas:

- a afastar as entidades infelizes (Espíritos obsessores) ligadas aos chefes e colegas;
- na melhoria da psicofera do ambiente;
- na segurança física de todos;
- os diretores e chefes, de modo que sejam mais sábios e justos em suas decisões;
- que as políticas organizacionais sejam pautadas pelo bem do próximo;
- que o mal, como sentimento eventualmente reinante, seja neutralizado;
- que o autor da oração tenha paciência e resiliência na execução e desempenho das suas obrigações;
- que os que estão afastados por razões médicas sejam ajudados a se recuperar;
- que a empresa cumpra seu papel social;
- que as ideias e sugestões ideais sejam sempre as adotadas; e
- para que haja paz, harmonia a respeito entre todos.

Veja que podemos exercer um papel mais ativo – mesmo que apenas de natureza transcendental – para que as coisas no mundo andem melhor. O simpatizante e/ou militante Espírita pode perfeitamente mostrar bons serviços em outras causas. Bater na “porta” significa buscar nas fontes espirituais auxílio e inspiração para que a causa do bem vença na Terra. Ninguém, portanto, está impedido – desde que tenha uma mísera gota de fé e esperança – de apelar para o mais alto para que tal estado prevaleça no mundo.

Desse modo, bater na “porta” é sobretudo um ato de sensatez, sabedoria e humildade.

Nota bibliográfica

1. Xavier, F.C. (Pelo Espírito Emmanuel). (1978), *Caminho, Verdade e Vida*, 7ª edição, FEB, Rio de Janeiro, RJ, p. 122.

COMPAIXÃO NA CARREIRA E NAS ORGANIZAÇÕES

Numa entrevista dada à rede CNN logo nas primeiras semanas do seu mandato em 2021, o presidente americano Joe Biden falou, entre outras coisas, a respeito da necessidade de se treinar a força policial do seu país para operar sob o prisma da compaixão em suas abordagens. Responder questões palpitantes formuladas por pessoas comuns e ao vivo é algo inusitado nessa parte do mundo. Mas afora esse aspecto elogiável das grandes democracias do planeta, a resposta foi no mínimo intrigante por vários aspectos.

As pessoas tendem a imaginar o uso da compaixão como algo completamente dissociado da ocupação profissional, mas não é. Trabalho é um dos mais importantes compartimentos da vida, e nele despejamos toda a sorte de emoções e sentimentos nem sempre positivos. O líder americano fez um pertinente comentário na direção do correto emprego dessa virtude numa área onde a violência e incompreensão assomam quase sempre de maneira aterradora. Podemos, sim, usar a lente da compaixão em todas as circunstâncias da vida, inclusive em nossa área profissional. O presente capítulo busca discutir tal possibilidade.

Posto isto, começo por lembrar que o assunto vem sendo objeto de intensos estudos no campo do comportamento organizacional. É inegável que certas ocupações são mais propensas às manifestações de compaixão do que outras. Quem trabalha na área da saúde, atendimento e segurança, por exemplo, tem muito mais oportunidades de externar atitudes compassivas no seu labor, o que é sempre desejável.

No bojo do movimento mundial intitulado *black lives matter* há um forte e irresistível apelo à adoção do comportamento compassivo. Afinal de contas, a morte de cidadãos negros norte-americanos, devido às abordagens policiais perversas, é inaceitável. As eloquentes imagens exibidas à exaustão além de retratar repugnantes ações – onde o respeito à vida humana não tem o menor valor –, mostram claramente uma faceta brutal e abjeta do comportamento humano. Num outro ângulo vimos igualmente a falta de compaixão prevalecer no processo de vacinação contra a Covid-19. Imagens lamentáveis exibiram cenas de profissionais da saúde – contra às quais não há argumentos – cometendo o crime de simular a aplicação da vacina em cidadãos(ãs) da terceira idade. Ainda nesse particular, alguns prefeitos, secretários e funcionários de alto escalão de determinados municípios passaram pela deselegante experiência de terem sido flagrados por fotos ou vídeos desrespeitando o calendário da vacinação. Se aprofundarmos um pouco mais a análise, verificaremos que a falta de vacinas, em quantidades suficientes para o atendimento da população em momento tão crítico, denotou não apenas a incapacidade do Estado em lidar com crises, mas também de compaixão.

Com dito antes, o assunto, felizmente, tem sido alvo de pesquisas e investigações dada a sua relevância. Mas, afinal, o que é compaixão? Gosto particularmente da (simples) definição dada pela acadêmica americana Janet Dutton e colegas que entendem ser compaixão como “perceber, sentir e responder ao sofrimento de outra pessoa”.^[1] De modo geral, a noção de compaixão nos conduz ao dever e obrigação moral de enxergar o *outro* e as suas necessidades e aflições, o que é altamente positivo considerando a penúria moral em que se encontra a nossa civilização. Interpretado de maneira ainda mais simples, compaixão tem o *outro* como premissa, o que nos convoca à mudança de visão e entendimento das coisas. Infelizmente, temos a equivocada percepção de nos enxergar

como se fôssemos o centro do mundo, e os nossos problemas e desejos como absolutamente prioritários. O ego exacerbado ainda fala muito alto dentro de nós humanos, e tal distorção nos impede de olhar ao redor e ver a vida de maneira mais ampla.

No entanto, para que o nosso desenvolvimento espiritual ocorra de maneira satisfatória, é preciso despertar capacidades compassivas em nossa personalidade para que a generosidade e atenção fluam naturalmente em todas as nossas intervenções. Portanto, na essência, compaixão é “uma fundamental e atemporal parte da experiência humana”.^[2] Vemo-la, felizmente, sendo manifestada em momentos capitais da história, como a reiterar o seu valor no coração humano. Num dos mais marcantes, Jesus empregou-a com maestria para acalmar a turbamulta ansiosa por trucidar a suposta mulher adúltera. Como profundo psicólogo transcendental, o Mestre, indagado pelos agressores que já prejulgavam a infeliz transgressora das leis mosaicas, começou a rabiscar na areia – alguns autores afirmam que ele escreveu a palavra “hipócritas”. Seja como for, resoluto ele proferiu uma das lições mais tocantes na área da compaixão: *“Aquele que de entre vós está sem pecado seja o primeiro que atire pedra contra ela”* (João 8:7).

Ora, quem nesse mundo de tanta imperfeição e maldade não necessita da misericórdia divina? Erramos, convenhamos, muito mais do que acertamos em nossas deliberações diárias e, mesmo assim, Deus é compassivo com os nossos excessos e falta de virtudes. Na verdade, ele continua esperando que tomemos a estrada do bem como decisão pessoal nossa, sem nos impor nada.

Avançando em nossa busca de entendimento, alguns pesquisadores destacam que compaixão está atrelada a uma série de qualidades individuais tais como: simpatia, piedade, benevolência, atenção, sentimento de companheirismo e amizade, empatia, emoção e estética.^{[3],[4],[5]} Desse modo, a

necessidade da aplicação do sentimento de compaixão – por abarcar tantas virtudes – é vital para que a nossa civilização remova de vez a indiferença e o egoísmo danoso que tanto nos prejudicam, e saia do caos em que chafurda. Ademais, vale ressaltar que:

“A compaixão também é oportuna devido à crescente interdependência das economias, nações e ecossistemas mundiais. As crises financeiras em um continente afetam outros. As florestas em declínio em um país mudam os padrões climáticos em outros. Leis trabalhistas relaxadas em alguns estados ameaçam o bem-estar dos trabalhadores de outros. Ao mesmo tempo, eventos prejudiciais em uma parte do mundo provocam esforços de ajuda de todo o mundo e revoluções em um país são imitadas em outros. À medida que organizações, nações e pessoas se tornam mais interdependentes, a colaboração e a coordenação tornam-se mais essenciais para a realização dos objetivos individuais e coletivos. O cuidado e a compaixão, alicerçados nas relações e no relacionamento, têm muito a contribuir para um mundo interconectado, sofrido e surpreendente.”¹⁶¹

Em contrapartida, há quem considere que compaixão não seja necessariamente uma virtude universal.¹⁷¹ De minha parte, considero tal possibilidade improvável. Se a mais elevada criatura humana de todos os tempos (Jesus) a empregou largamente em sua curta jornada entre nós, e sendo ele ainda o mais categorizado arauto de Deus, não há porque assim pensar. Na verdade, compaixão deve ser uma virtude típica de sociedades que caminham resolutamente em busca de sua integração à divindade. Explicando melhor: sociedades onde o mal não é mais tolerado ou estimulado. Portanto, a falta de compaixão, seguindo esse raciocínio, só pode medrar onde as criaturas inteligentes não descobriram ainda a sua real filiação celestial.

Tal ponto de vista é reforçado, a propósito, pelos maiores da espiritualidade, que asseveram ser essa uma das virtudes que nos aproximam dos anjos, além de irmã da caridade que nos leva a Deus.^[8] Vê-se, assim, que se trata de uma qualidade de natureza transcendental, bem como de incomensurável valor, especialmente nessa época turbulenta que tanto nos aflige. Para as entidades espirituais, a compaixão é fundamentalmente:

“O sentimento mais apropriado a fazer que progridais, domando em vós o egoísmo e o orgulho, aquele que dispõe vossa alma à humildade, à beneficência e ao amor do próximo, é a piedade [leia-se compaixão]! piedade que vos comove até as entranhas à vista dos sofrimentos de vossos irmãos, que vos impele a lhes estender a mão para socorrê-los e vos arranca lágrimas de simpatia. Nunca, portanto, abafeis nos vossos corações essas emoções celestes; não procedais como esses egoístas endurecidos que se afastam dos aflitos, porque o espetáculo de suas misérias lhes perturbaria por instantes a existência álaçre. Temei conservar-vos indiferentes, quando puderdes ser úteis. A tranquilidade comprada à custa de uma indiferença culpada é a tranquilidade do Mar Morto, no fundo de cujas águas se escondem a vasa fétida e a corrupção”.^[9]

No campo do trabalho, que nos interessa analisar mais de perto, particularmente nos estudos na área do comportamento organizacional, importantes descobertas têm vindo a lume. Nesse sentido, renomados cientistas já identificaram que quando os indivíduos observam a aplicação da compaixão no local de trabalho, eles sentem orgulho da empresa, alegria no trabalho, satisfação no emprego, melhoria na qualidade dos relacionamentos entre as pessoas na organização e, por extensão, elevado senso de comunidade e identidade coletiva, sem falar do aumento do desempenho empresarial.^{[10],[11],[12]}

De modo geral, a implementação de instâncias de compaixão possibilita a criação de condições onde a situação dos companheiros de jornada torna-se mais vívida e, assim, as pessoas tendem a mitigar os seus próprios interesses dando atenção ao dos outros em primeiro lugar.^[13] No seu aspecto mais simples, compaixão nas empresas é percebida quando os seus membros demonstram atenção e preocupação pelos outros, assim como são motivados a aliviar o sofrimento.^[14]

Todos sabemos que há muito sofrimento nas empresas modernas. Por isso, há igualmente um enorme déficit de atenção e compaixão nesses locais, até mesmo para a preservação deles a longo prazo. Em decorrência de tal deficiência, necessitamos de organizações virtuosas e compassivas que proporcionem aos empregados a percepção de empoderamento e coragem para o enfrentamento dos desafios do presente século.^[15]

Retomando o aspecto espiritual, elevadas entidades têm nos alertado permanentemente sobre a importância de desenvolvermos tal capacidade dentro de nós. Afinal de contas, se deixarmos que a falta de clemência e piedade se apodere de nós, todos perderemos. Com efeito, a nossa civilização chegou a essa triste condição de desumanidade e indiferença nas relações por causa dos nossos enormes erros nessa área. Portanto, é preciso reconstruir as pontes que nos ligam uns aos outros através da sensível argamassa da compaixão. Todos podemos exercitar tal qualidade com apreço e precisão, inclusive no trabalho pelas razões acima expostas. Todos necessitamos invariavelmente de atenção, consideração e respeito. Às vezes somos convocados pela vida a empregá-la para aliviar o sofrimento de quem erra, para levantar a moral de quem caiu, para incentivar e motivar a quem se julga esquecido ou abandonado etc.

O fato é que, independentemente de nossa posição, podemos aplicar o recurso da compaixão. Mas, se

eventualmente desfrutamos de poder nas organizações, lembremos o conselho do Espírito Emmanuel: “Deus te deu a autoridade, a fim de que exerças a justiça com misericórdia, de tal maneira que a compaixão não desapareça do mundo, sob as rajadas da violência”.^[16] O digníssimo mensageiro de Deus acrescenta ainda que: “Diante de quaisquer desequilíbrio ou entraves que te venham a surpreender na estrada terrestre, molha a tua palavra no bálsamo da compaixão, a fim de que te desincumbas dignamente do bem que te cabe cumprir”.^[17]

Posto isto, quando Jesus alertou-nos sobre a necessidade de cultivarmos tesouros que as traças não ruíam e nem a ferrugem corroía, ele nos apontava, sobretudo, para o imperativo do uso da compaixão como ferramenta espiritual. Ademais, sem a sua excelsa direção, cumpre destacar, “[...] sem a essência de sua grandeza [na qual o valor da compaixão é alçado a máxima condição], todas as obras humanas estão destinadas a perecer”.^[18] Por nele acreditar piamente, tomamos os seus ensinamentos como pilares deste modesto empreendimento à luz do seu consolador, o Espiritismo.

Notas bibliográficas

1. Dutton, J.E., Worline, M.C., Frost, P.J. e Lilius, J. (2006), “Explaining compassion organizing”, *Administrative Science Quarterly*, Vol. 51 No. 1, p. 60.
2. Kanov, J.M., Maitlis, S., Worline, M.C., Dutton, J.E., Frost, P.J. e Lilius, J.M. (2004), “Compassion in organizational life”, *American Behavioral Scientist*, Vol. 47 No. 6, p. 809.
3. Solomon, R.C. (1998), “The moral psychology of business: care and compassion in the corporation”, *Business Ethics Quarterly*, Vol. 8 No. 3, pp. 515-533.
4. Frost, P.J. (1999), “Why compassion counts!”, *Journal of Management Inquiry*, Vol. 8 No. 2, pp. 127-133.

5. Boyatzis, R.E., Smith, M.L. e Blaize, N. (2006), “Developing sustainable leaders through coaching and compassion”, *Academy of Management Learning & Education*, Vol. 5 No. 1, pp. 8–24.
6. Rynes, S.L., Bartunek, J.M., Dutton, J.E. e Margolis, J.E. (2012), “Care and compassion through an organizational lens: opening up new possibilities”, *Academy of Management Review*, Vol. 37 No. 4, p. 504.
7. Simpson, A.V., Clegg, S. e Pitsis, T. (2014), “Normal compassion: a framework for compassionate decision making”, *Journal of Business Ethics*, Vol. 119 No. 4, pp. 473-491.
8. Kardec, A. (2013), *O Evangelho Segundo o Espiritismo*, 131ª edição, Tradução de Guillon Ribeiro, Edição digital, FEB, Brasília, DF.
9. Ibid., p. 193.
10. Cameron, K.S. (2003), “Organizational virtuousness and performance”, in Cameron, K.S., Dutton, J.E. e Quinn, R.E. (Eds.), *Positive Organizational Scholarship*, Berret-Koelher, San Francisco, CA, pp. 48-65.
11. Dutton, J.E., Lilius, J. e Kanov, J. (2007), “The transformative potential of compassion at work”, in Piderit, S.K., Fry, R.E. e Cooperrider, D.L. (Eds.), *Handbook of Transformative Cooperation*, Stanford University Press, Stanford, CA, pp. 107-126.
12. Choudhary, S., Ismail, A. e Hanif, R. (2017), “Individual compassion leading to employees’ performance: an empirical study from Pakistan”, *Journal of Management and Research*, Vol. 4 No. 1, pp. 77-89; Aboul-Ela, G.M.B.D. (2017), “Reflections on workplace compassion and job performance”, *Journal of Human Values*, Vol. 23 No. 3, pp. 234–243.
13. Dutton, J.E., Lilius, J. e Kanov, J. (2007), “The transformative potential of compassion at work”, in Piderit, S.K., Fry, R.E. e Cooperrider, D.L. (Eds.), *Handbook of Transformative Cooperation*, Stanford University Press, Stanford, CA, pp. 107-126.
14. George, J.M. (2014), *Compassion and capitalism: implications*

for organizational studies”, *Journal of Management*, Vol. 40 No. 1, pp. 5-15.

15. Kark, R. (2012), “Workplace intimacy in leader-follower relationships”, in Cameron, K.S. e Spreitzer, G.M. (Eds.), *The Oxford Handbook of Positive Organizational Scholarship*, Oxford University Press, New York, NY, p. 665.
16. Xavier, F.C (Pelo Espírito Emmanuel). (1980), *Ceifa de Luz*, FEB, Rio de Janeiro, RJ, p. 192.
17. Ibid., p. 194.
18. Xavier, F.C. (Pelo Espírito Emmanuel). (1978), *Caminho, Verdade e Vida*, 7ª edição, FEB, Rio de Janeiro, RJ, p. 125.

CUIDANDO DO NOSSO AUTODESENVOLVIMENTO ESPIRITUAL

Há algo muito importante em nossas vidas que geralmente negligenciamos, ou seja, o nosso desenvolvimento espiritual. Quando falamos em trabalho, carreiras profissionais e *long life learning*, geralmente as primeiras coisas que nos acodem à mente são as indispensáveis: capacitação, talento, ascensão, motivação, liderança, expertise e assim por diante. Nada errado. No entanto, sempre falta um elemento imprescindível nessa equação para que a nossa trajetória nesse mundo seja realmente exitosa. Refiro-me ao fator espiritual que não raro passa ao largo das nossas cogitações. Esmagadora parte da humanidade acorda todos os dias, enfrenta os seus deveres e obrigações e retorna ao lar sem extrair o real sentido da vida. Nessa rotina monótona e avassaladora normalmente não há espaço para um pensamento mais elevado com relação ao seu propósito existencial, a presença de Deus nos afazeres ou a transitoriedade da vida. Parece que todas as preocupações da criatura humana ficam monopolizadas pelas coisas de ordem material e/ou passageiras. Ademais, é pertinente recordar que as carreiras profissionais são finitas, assim como a própria vida o é. Em resumo, não há uma agenda voltada para a evolução do Espírito.

Como bem observa o Espírito Emmanuel:

“São muito raros os homens que se consagram aos seus interesses eternos. Frequentemente, lembram-se disso, muito tarde, quando o corpo permanece a morrer. Só então, quebram o esquecimento fatal.

No entanto, a criatura humana deveria entender na

iluminação de si mesma o melhor negócio a Terra, porquanto semelhante operação representa o interesse da Providência Divina, a nosso respeito.

Deus permitiu as transações no planeta, para que aprendamos a fraternidade nas expressões da troca, deixou que se processassem os negócios terrenos, de modo a ensinar-nos, através deles, qual o maior de todo. Eis por que o Mestre nos fala claramente nas anotações de Lucas: - *“Não sabíeis que me convém tratar dos negócios de meu Pai?”*.^[1]

Desse modo, é preciso ter em mente que nos encontramos nesta dimensão para algo muito mais profundo e vital, isto é, o nosso aperfeiçoamento espiritual. Aliás, vale refletir que, conforme esclareceram as entidades espirituais à Allan Kardec:

“O apego às coisas materiais constitui sinal notório de inferioridade, porque, quanto mais se aferrar aos bens deste mundo, tanto menos compreende o homem o seu destino. Pelo desinteresse, ao contrário, demonstra que encara de um ponto mais elevado o futuro”.^[2]

Assim sendo, é preciso avançar rumo ao autodescobrimento para que nos desenvolvamos plenamente como filhos de Deus. É preciso, enfim, descobrir a razão de viver, ou seja, algo com o qual, infelizmente, nem sempre devotamos muito tempo para analisar. Desvendando o inevitável caminho a ser percorrido pelos indivíduos, o Espírito Joanna de Ângelis pondera que:

“O crescimento interior é, definitivamente, a grande meta a que devem aspirar todos os seres humanos. As heranças negativas que o agrilhoam aos transtornos psicológicos e sentimentos perturbadores, fazem parte do seu processo evolutivo, mas não devem permanecer enquanto se realiza, lutando pela conquista de mais elevados

propósitos de emancipação emocional e espiritual.”^[3]

Se o caro(a) leitor(a) vem sentido um certo vazio em sua vida, cujas coisas do mundo já não conseguem preencher, ou se há indagações que você gostaria de ver respondidas, talvez chegou a hora de olhar em outra direção. De modo geral, temos sido cobrados e exigidos em nossas vidas profissionais, às vezes, impiedosamente. Especialistas e analistas de toda ordem e vertentes listam quase que diuturnamente novas competências e habilidades que necessitamos desenvolver para o nosso suposto sucesso profissional. Diante disso, nossos esforços e dedicação parecem nunca ser suficientes para o atendimento de tantas demandas e exigências.

Entretanto, há algo mais valioso que precisamos fazer por nós mesmos, ou seja, nos voltar para Deus e, a partir daí, iniciar o desenvolvimento da nossa espiritualidade. São coisas prementes que devemos realizar por amor a nós próprios. Nesse sentido, estou absolutamente alinhado ao pensamento do Espírito Joanna de Ângelis que vaticina que: “O ser humano está fadado às estrelas, autoiluminando-se com o esplendor da sabedoria – amor e conhecimento de forma a atingir a meta para a qual foi criado: a perfeição!”.^[4] Acredito que estão reservadas experiências maravilhosas às criaturas humanas, apenas aguardando o seu desabrochar e real amadurecimento.

O Espiritismo tem papel-chave nesse processo de despertar moral e na condução dos indivíduos para Deus. Faço tal afirmação como proficiente, mas também como pesquisador independente da sabedoria divina. Justificando essa percepção, Allan Kardec afirmou que “O Espiritismo, ao ensinar-lhe a participação do elemento espiritual em todas as coisas do mundo, amplia o seu horizonte e muda o curso de suas ideias; abre a era do progresso moral”.^[5] Fosse essa a única contribuição da Doutrina Espírita seria por si só extraordinariamente alentadora. Mas seus ensinamentos vão muito além ao propor não apenas a realidade subjacente (a

espiritual), mas, igualmente, o prenúncio de uma nova ordem no mundo quando forem devidamente assimilados pela humanidade – ou seja:

“O Espiritismo, repito, ao demonstrar, não por hipótese, mas por fatos, a existência do mundo invisível e o futuro que nos aguarda, muda completamente o curso das ideias; dá ao homem a força moral, a coragem e a resignação, porque não mais trabalha apenas pelo presente, mas pelo futuro; sabe que se não gozar hoje, gozará amanhã. Demonstrando a ação do elemento espiritual sobre o mundo material, amplia o domínio da Ciência e, por isto mesmo, abre nova via ao progresso material. Então terá o homem uma base sólida para o estabelecimento da ordem moral na Terra; compreenderá melhor a solidariedade que existe entre os seres deste mundo, já que esta solidariedade se perpetua indefinidamente; a fraternidade deixa de ser palavra vã; ela mata o egoísmo, em vez de por ele ser morta e, muito naturalmente, o homem imbuído destas ideias a elas conformará suas leis e suas instituições sociais”.¹⁶¹

Posto isto, se desejamos tomar parte efetiva de uma nova era mais espiritualizada, é preciso, então, dissolver as algemas que ainda nos prendem às concepções velhas e carcomidas de cunho religioso para respirar novas ideias e aspirações. De fato, chegamos a um ponto perigoso em nossa civilização, que afeta não apenas a nossa casa maior, a Terra, mas também a nós criaturas encarnadas (abordarei melhor esse assunto no próximo capítulo). Dito de outra forma, o planeta necessita urgentemente de moradores mais equilibrados e conscientes das leis universais. Tal esforço exige mudança de hábitos, comportamentos, opiniões e, sobretudo, alfabetização espiritual.

Atingimos, é verdade, um conhecimento sem precedentes em muitas áreas do saber; contudo, falta-nos

consciência sobre a nossa real individualidade e origem eminentemente espiritual. De posse delas poderemos nos autoaperfeiçoar, bem como ajudar a Deus cooperando no desenvolvimento ético e moral da humanidade e das instituições. Posto isto, as sugestões do Espiritismo são simples e objetivas: preces constantes para recebermos sempre boas intuições e proteção espiritual; meditação, reflexão e leituras edificantes, que nos ajudem efetivamente a melhor nos conhecermos; determinação na busca de *sermos* melhores ao invés de só *ter* coisas; prática da caridade, que não consiste apenas em doação de recursos materiais e financeiros; e fundamentalmente exercício da paciência, compaixão, empatia e boa vontade com aqueles que nos cercam. A oração, vale lembrar, é um instrumento valiosíssimo de ligação com a espiritualidade. Estudos revelam, a propósito, que o cultivo da prece ajuda na obtenção de intuições e, por conseguinte, no acerto das decisões corporativas, assim como na vida pessoal, de modo geral.^{171,181}

O desenvolvimento espiritual, enfim, passa pela alocação de tempo para coisas que (a) esclareçam o nosso anseio de luz e entendimento, (b) que nos façam sair da zona de conforto e (c) que mostrem a beleza da sabedoria divina. Explorando esses caminhos estaremos trabalhando para a nossa própria evolução. Obviamente, tal decisão pressupõe considerável coragem moral para mudar. Nesse sentido, Jesus recomendou-nos a perfeição – meta estabelecida pelo Criador pra todos nós –, mas, para alcançá-la, muito se espera de nós.

Notas bibliográficas

1. Xavier, F.C. (Pelo Espírito Emmanuel). (1978), *Caminho, Verdade e Vida*, 7ª edição, FEB, Rio de Janeiro, RJ, pp. 69-70.
2. Kardec, A. (2013), *O Livro dos Espíritos*, 93ª edição, Federação

Espírita Brasileira, Brasília, DF, p. 398.

3. Franco, D.P. (Pelo Espírito Joanna de Ângelis. (2000), *O Despertar do Espírito*, LEAL, Salvador, BA, p. 126.
4. Ibid., pp. 126-127.
5. Kardec, A. (1864), “Destruição dos aborígenes do México”, *Revista Espírita - Jornal de Estudos Psicológicos*, No. 8, agosto, p. 331.
6. Kardec, A. (1864), “O Espiritismo é uma ciência positiva. Alocução do Sr. Allan Kardec aos espíritas de Bruxelas e Antuérpia, em 1864”, *Revista Espírita - Jornal de Estudos Psicológicos*, No. 11, novembro, p. 436.
7. Vasconcelos, A.F. (2009), “Intuition, prayer, and managerial decision-making processes: a religious-based framework”, *Management Decision*, Vol. 47 No. 6, pp. 930-949.
8. Vasconcelos, A.F. (2010), “The effects of prayer on organizational life: a phenomenological study”, *Journal of Management & Organization*, Vol. 16 No. 3, pp. 369-381.

REENCARNAÇÃO E OS SEUS DESDOBRAMENTOS

O fenômeno da reencarnação é conhecido desde tempos imemoriais. Antigas culturas e crenças a compreendiam e a difundiam. Por exemplo, na Grécia de Platão era chamada de *palingenesia* e na hebraica era denominada de ressurreição. Religiões como a budista consideram a inquietante possibilidade de um indivíduo reencarnar no corpo de um animal através da *metempsicose*. Algo sem fundamento, já que todo ser humano já superou os tacanhos limites do reino animal devido à sua evolução espiritual. Em outras palavras, o Espírito que adentra no reino hominal já cumpriu essa etapa, e um eventual retrocesso para tal condição é algo não imaginado por Deus, conforme esclarecem as próprias entidades espirituais.

No entanto, foi o imperador Justiniano (527-565 d.C.) que aboliu a crença na reencarnação no império romano em 553 d.C., aparentemente para satisfazer um capricho da sua esposa, Teodora. Ao fazê-lo certamente legou um enorme desserviço à causa cristã, assim como ao progresso das criaturas humanas. Afinal, simplesmente banuiu-se algo fundamental em termos espirituais.

Recordemos que Jesus enfatizou com veemência essa questão em seu histórico diálogo com Nicodemus (um indivíduo douto e pertencente à elite da época, diga-se de passagem) ao ser por ele indagado: “*Como pode um homem nascer, sendo velho? Pode, porventura, tornar a entrar no ventre de sua mãe, e nascer? Não te maravilhes de te ter dito: Necessário vos é nascer de novo*” (João 3: 4 e 7)”. Ainda insatisfeito, Nicodemus tornou a perguntar: “*Como pode ser isso? Jesus respondeu, e disse-lhe: Tu és mestre de Israel, e*

não sabes isto?” (João, 3: 9-10). O Mestre desnuda aqui, de forma inequívoca, um imperativo natural ao qual os seres vivos estão submetidos e em obediência a poderosas leis cósmicas, ou seja, o retorno dos indivíduos à vida corpórea através da reencarnação.

Lamentavelmente, tão vital revelação foi jogada ao limbo, conforme destaquei acima, e, com o tempo, esquecida. Conhecendo profundamente a natureza humana, Jesus já antevia tal rumo nefando, tanto é que nos assegurou a vinda do *Consolador prometido*: o Espiritismo, que revive os ensinamentos cristãos primitivos, assim como nos descortina a realidade espiritual. No século passado, a reencarnação deixou de ser um tabu passando a ser seriamente investigada até mesmo pela ciência. O psiquiatra Dr. Ian Stevenson (1918-2007) foi o mais dedicado pesquisador do fenômeno tendo estudado mais de 3000 casos de reencarnação e validado cerca de 1200. Com o avanço das suas descobertas, ele fundou a Divisão de Estudos Perceptuais na Universidade de Virgínia, focada na questão da reencarnação. Cabe ressaltar que o seu trabalho influenciou outros pesquisadores e importantes universidades passaram a ter um departamento semelhante.

Portanto, o tema reencarnação, apesar do longo hiato engendrado na idade média e que perdurou até o século XIX, revive na atualidade e, como tal, encontra-se muito além das meras especulações científicas. Em outras palavras, há sólida evidência empírica reunida comprovando a sua veracidade. Importa, pois, agora entender e assimilar as implicações de tão grave assunto. De modo geral, as pessoas não cogitam muito sobre o que lhes acontecerá depois da morte. Espiritualidade é um assunto nebuloso para a vasta maioria. Não é de se estranhar, portanto, que vivam uma existência inteira sem pensar sobre o que lhes aguarda no além-túmulo. Por não compartilhar dessa percepção, muitos praticam ao longo da vida toda sorte de crimes, delitos e escorregões ético-morais sem se importar com as consequências dos seus atos e atitudes.

Outros há que literalmente destroem o seu corpo físico por meio de vícios e excessos deletérios sem considerar os eventuais efeitos à sua saúde espiritual.

Seja como for, o fato é que a noção de espiritualidade ou crença na vida espiritual nos desperta para algo maior, a saber: a implacável continuidade da vida. Felizmente, nem tudo se extingue aqui nessa limitada dimensão em que ora habitamos, e na qual o mal e os abusos são ainda onipresentes. Somos herdeiros de um passado – refiro-me a outras vidas – geralmente ominoso, isto é, repleto de desajustes e desacertos às leis divinas. Mas, graças a Deus, somos donos da nossa amanhã! O Criador nos concede os recursos necessários – a reencarnação – para que nos redimamos de nossos erros e consertemos nossas falhas.

Ao olharmos para a hodierna paisagem terrena, especialmente para nós brasileiros, observaremos o delírio das elites e a irresponsabilidade de pessoas altamente escolarizadas, muitas com títulos de MBA de relevantes universidades do mundo e assim por diante. Uma parte considerável incorre em chocantes deslizos éticos e morais, pouco ou nada pagando à justiça, que é, por sinal, extremamente imperfeita. Desconhecedores da realidade espiritual, cedo ou tarde terão de prestar contas ao Criador pelos seus desvios cruéis. Desse modo, os supostos vencedores daqui chegam completamente derrotados do lado de lá onde a vida pulsa igualmente. Na dimensão espiritual, a propósito, não podemos nos esconder de nós mesmos. A nossa própria condição evolutiva – e lá isso é facilmente perceptível – revela o que somos na intimidade.

Posto isto, se o leitor(a) já domina tal conhecimento, se já está informado(a) a respeito da reencarnação, então, é preciso cuidar da própria conduta, a fim de ela seja reta e espelhe sempre valores universais. Não se esqueça de que haverá um dia em que, consoante as leis naturais, o seu corpo

vai desfalecer e você encontrará a morte física. Isso é inevitável, e não há nada que se possa fazer a respeito. A busca por corpos indestrutíveis ou imortais é terreno da ficção científica apenas. No geral, todos temos um tempo de vida programado para a nossa encarnação, que varia de pessoa para pessoa, consoante uma enorme variedade de aspectos que não cabem aqui comentar.

Concluindo esse tempo pré-determinado, a morte se consuma, e assim tem sido ao longo da nossa trajetória milenar. Morremos e renascemos dezenas de vezes, até que expurguemos todas as imperfeições do nosso Espírito. Sendo assim, o fato é que necessitamos de experienciar uma vida rica em aprendizados e realizações na obra divina (afinal, tudo a ele pertence). Desse modo, fique atento para que a sua encarnação seja o mais proveitosa possível em feitos positivos.

No campo do trabalho se esmere em ser um fiel cooperador de Deus cumprindo as suas tarefas com zelo e responsabilidade. A recomendação evangélica correspondente é clara: *“Assim resplandeça a vossa luz diante dos homens, para que vejam as vossas boas obras e glorifiquem a vosso Pai, que está nos céus”* (Mateus 5: 16). Por isso, sugiro-lhe que trabalhe ativamente para que a sua encarnação seja alinhada aos ideais divinos, que nada mais são do que praticar o bem e a caridade, conforme já explorei em capítulos anteriores. Ao assim fazer, você estará construindo o seu capital espiritual, ou seja, aquele cujas “as traças não roem e nem a ferrugem corrói”. Desse modo, o que conta efetivamente perante as leis divinas meu caro(a) amigo(a) são essas realizações.

O assunto reencarnação começa a ser lentamente retomado. Longe de ser uma fantasia ou elucubração humana envolve fundamentalmente preocupações de ordem transcendental. Tivéssemos acolhido esse ensinamento com a seriedade necessária provavelmente o trajeto humano neste mundo teria sido diferente. Chego a pensar que talvez

tivéssemos evitado tantos desatinos.

Seja como for, quando a humanidade entender o aspecto consequencial atrelado ao fenômeno da encarnação, provavelmente será mais cuidadosa com as suas ações. A perspectiva de ter de sofrer por causa de atitudes insanas seja nessa dimensão como na espiritual certamente induzirá os indivíduos à reflexão e prudência. Por isso, o meu conselho é que pergunte a si mesmo como tem vivido.

Não há áreas ou aspectos que o irmão(ã) esteja eventualmente falhando? Se a resposta for negativa tanto melhor. Mas se for positiva trate de se empenhar e corrigir o que demanda esforço contínuo e pontual. O meu desejo é que você tenha uma encarnação vitoriosa.

TUDO TEM O TEMPO CERTO

Ao longo da carreira profissional podemos sentir não raro acentuado incômodo pela lentidão ou demora por resultados ou acontecimentos que nos beneficiam de algum modo. De fato, nem tudo pode ocorrer exatamente como desejamos ou planejamos. De modo geral, a vida profissional é constituída de altos e baixos para a esmagadora maioria das pessoas. Nem todos têm a felicidade de desfrutar de experiências predominantemente realizadoras e gratificantes. Nem todos colhem os elogios e recompensas decorrentes dos seus esforços. Via de regra, as pessoas investem tempo, dedicação e recursos, mas os resultados podem não ocorrer. Nem todos, enfim, que anseiam por uma sólida carreira e ascensão profissional vão conseguir chegar lá. Não nos iludamos!

Há coisas que atravessam o nosso caminho e nem sempre são positivas. Há outros fatores que nos afetam – e podem ser muito duros e amargos – sobre os quais não temos nenhum controle. As revistas de carreira e trabalho normalmente trazem as fotos de gente – invariavelmente jovens – bem-sucedida, mas poucas falam do fracasso e frustração daqueles que não conseguiram sucesso. Aliás, pouco se fala a respeito desse tão delicado assunto, o que é, de certo modo, surpreendente. Afinal de contas, a Terra não é um mundo de pessoas absolutamente felizes e realizadas, e basta olhar para o lado para constatar. Na condição de planeta caracterizado pelo provimento de provas e expiações de todos os matizes, as experiências vivenciais dos seres humanos são marcadas por muitas asperezas e decepções. Por isso, nem todos conseguem chegar ao ápice em seu campo de trabalho.

Uma rápida olhadela nas paisagens sociais do nosso mundo atual revela que muito poucos conseguem ascender à fama, o reconhecimento e a valorização. Ademais, temos na atualidade outras forças e agentes intervindo vigorosamente na vida em sociedade. No momento em que escrevo essas linhas vive-se a dolorosa experiência da pandemia originada pela Covid-19. Além de ceifar milhares de vidas, ela também gerou consequências nefastas para os que têm uma vida laboral. Mudanças profundas e repentinas foram postas em prática, gerando a necessidade de adaptações substanciais na maneira como entregamos o nosso trabalho.

Nesse cenário, o papel exercido pela tecnologia também tem colocado a criatura humana – paradoxalmente – numa posição altamente vulnerável, pois muitas profissões e atividades estão sendo substituídas por sistemas sofisticados de inteligência artificial. Empresas têm se dedicado com ardor a substituir o elemento humano por sistemas supostamente amigáveis. Por conta de tamanha sanha, departamentos de SAC, por exemplo, dificultam sobremaneira em seus menus o contato com um ser humano para a manifestação de uma reclamação ou coisas do gênero. Outras forçam os clientes e consumidores a recorrer aos chats, que nem sempre são ágeis e eficientes, sem falar daquelas que deliberadamente omitem um telefone. Tempos muito estranhos esses em que vivemos...

Seja como for, o(a) leitor(a) sabe perfeitamente bem que deve se empenhar em achar o seu espaço profissional. Apesar dos entraves e obstáculos do caminho temos que seguir adiante fazendo o melhor ao nosso alcance. Mais ainda: não podemos deixar que o vírus do desânimo nos derrube. Sendo estes deveres existenciais acima de tudo, sobra, então, o imperativo de fazer a sua parte. Não posso garantir que você será, como acima descrito, um profissional desejado pelo mercado, ou um super-homem ou supermulher. Mas, felizmente, temos mecanismos que nos auxiliam a enfrentar essa dura realidade posta. Mais especificamente, do ponto de

vista espiritual você precisa encontrar um meio de sobreviver decentemente e, ao mesmo tempo, de servir a Deus. Assim sendo, plante as sementes do sucesso e do reconhecimento com o seu esforço e trabalho, mesmo que os resultados não se materializem por ora. Prepare-se mental e emocionalmente para a eventualidade de não obter tudo o que almeja nessa existência. Como Espírito imortal dilate os seus horizontes e perspectivas. Não se esqueça de que você é um indivíduo circunstancialmente reencarnado, e que pode ter cometido sérios deslizes em outras vidas que lhe afastam a possibilidade de obter sucesso na atual. Ou ainda pode ser que o Criador tenha algo diferente em mente para você. Tal possibilidade fez-me lembrar de um filme espetacular que assisti em minha juventude, *Mr. Holland – O Adorável Professor*, estrelado pelo ator Richard Dreyfus (que lhe valeu, aliás, uma indicação ao Oscar de melhor ator em 1995). Em poucas linhas trata-se de um professor de música que tinha o sonho de compor uma sinfonia, mas que acabou abdicando dos seus projetos pelo envolvimento com os alunos. Ou seja, é uma estória de guinada de vida (objetivos) com excepcionais frutos.

De qualquer maneira, há no evangelho uma passagem muito interessante proposta por Jesus: “... *primeiro a erva, depois a espiga, por último o grão cheio na espiga*” (Marcos, 4: 28). Desse modo, pode-se inferir que tudo na vida tem a hora certa. Às vezes, as coisas demoram para chegar, apesar dos nossos imensos esforços. Sendo essa a realidade da vida, o importante, então, é continuar lutando “a boa luta e o bom combate”. Lembremos que estamos aqui fundamentalmente para acelerarmos a nosso desenvolvimento espiritual. Tudo mais vem em segundo plano. É preciso entender isso por mais que nos desagrade.

A literatura empresarial é rica de casos de ascensão meteórica e de empreendimentos admiráveis, mas para muitos o sucesso profissional vem acompanhado de derrotas clamorosas mais adiante. Muitas pessoas se perdem

dramaticamente ao tomar decisões erradas ou por fazer opções desastrosas. O suposto sucesso vem acompanhado de retumbante queda moral. Outros ainda sacrificam família, lazer, saúde e convivência social pelo exagerado apego às coisas que não levarão para o lado de lá.

Recordo-me, a propósito, de um famoso empresário que tinha por lema de vida o excessivo amor ao trabalho. Ela era um *workaholic* convicto e as suas opiniões respeitadas. De um dia para outro, segundo me informou uma fonte, acordou com a doença de Alzheimer. Aparentemente, aquele homem tão admirado pela mídia morreu sem consciência. O meu conselho é que cuide sempre da sua formação, capacitação e atualização, mas jamais se esqueça das suas necessidades espirituais. O sucesso que realmente importa obter é o do lado de lá, porque para lá voltaremos a qualquer momento. Só a paz de consciência advinda da realização do dever bem cumprido nos garantirá a felicidade plena um dia.

AS MULHERES E OS DILEMAS ATUAIS

O estado de conturbação generalizado que marca esse início de milênio se aplica igualmente a delicada questão de gênero – tema desse texto. Ao abordar tão explosivo assunto – risco que corro devido à intensa patrulha ideológica reinante – dirijo-me precipuamente à mulher espírita, já que esta, em tese, desfruta de um arsenal de conhecimentos e informações privilegiados.

Posto isto, cabe destacar que, talvez nunca antes na história humana, os Espíritos encarnados na polaridade feminina desfrutaram de condições existenciais tão favoráveis. Não quero insinuar, evidentemente, que o estado de perfeição já foi alcançado, pois tal coisa ainda não existe na face da Terra. Mas refiro-me às possibilidades concretas de se viver uma existência digna e descente sob essa moldura física.

Nesse sentido, vale recordar que hoje as mulheres estão presentes em praticamente todos os setores de atividade (aliás, dominam amplamente alguns como, por exemplo, bancos, saúde, educação e serviços financeiros, conforme dados publicados na revista *Você S/A 150 melhores empresas para trabalhar* de 2017). Ou seja, indivíduos do sexo feminino estão nas fábricas, nos hospitais, nos canteiros de obras, nos laboratórios, nos parlamentos, exercendo funções executivas nas organizações, nas atividades de ensino e assim por diante. Mais ainda, mulheres estão no comando de importantes nações e instituições do planeta, errando e acertando, é preciso frisar, tanto quanto os homens.

Os comportamentos desrespeitosos em relação às pessoas do gênero feminino estão sendo duramente combatidos – com total apoio, diga-se, dos homens. A propósito, os

homens modernos têm revelado uma faceta até então desconhecida, isto é, a de colaboradores no lar – como nunca se viu antes. Afinal de contas, os homens na atualidade fazem as compras para o lar, levam e buscam as crianças nas escolas, muitos cozinham e até mesmo fazem a limpeza da casa, entre outras coisas. Dito de outra forma, o homem do século XXI da era cristã tem mostrado enorme disposição e flexibilidade em relação aos pleitos femininos.

Todavia, o que se vê hodiernamente vai muito além da justa busca de espaço e reconhecimento por parte dos indivíduos (Espíritos) do gênero feminino. Há presentemente na Terra uma luta indisfarçável pelo poder das instituições. Estimuladas pelo pensamento feminista belicoso – que é tão errático e sombrio quanto o machismo - entramos numa era de disputas perigosas movidas pelo infeliz raciocínio binário: mulher x homem. Com efeito, o tema gênero tem sido tratado e discutido como se fosse reduto exclusivamente feminino.

Pelo menos é que se observa – paradoxalmente – em muitas publicações (especialmente acadêmicas) dessa área, que deveriam dar um tratamento mais isento ao assunto. Apesar desse lamentável viés, a mulher tem sido beneficiada e o seu valor reconhecido, dado que – apesar das dificuldades do caminho, e considerando que a maioria dos homens almeja alcançar objetivos idênticos – muitas têm conseguido chegar ao topo. Como afirmei anteriormente, a mulher tem sido apoiada e incentivada a realizar os seus ideais – mesmo que estes não sejam, espiritualmente falando, os mais apropriados à sua evolução. Essa relevante questão está implícita, por exemplo, na declaração de *Indra Nooyi*, CEO mundial da Pepsico, numa entrevista à revista *Forbes*:

“Não acho que as mulheres possam ter tudo. Eu simplesmente não penso assim.

Nós fingimos que temos tudo. Nós imaginamos que

podemos ter tudo. Meu marido e eu casamos há 34 anos. E temos duas filhas. *E todos os dias você tem que tomar uma decisão sobre se você vai ser esposa ou mãe*, na verdade muitas vezes durante o dia você precisa tomar essas decisões. E você tem que cooptar muitas pessoas para ajudá-la. *Nós cooptamos nossas famílias para nos ajudar*. Planejamos nossas vidas meticulosamente para que possamos ser pais decentes. *Mas se você perguntar às nossas filhas, não tenho certeza de que eles vão dizer que eu fui uma boa mãe. Não tenho certeza*. E eu tento todos os tipos de mecanismos de enfrentamento”. (ênfase minha)

Note que há um inegável desconforto na fala da ilustre executiva. Apesar do sucesso obtido na sua carreira profissional, há dúvida e inquietação em seu corajoso depoimento. Aparentemente, há a sensação de que algo crucial está faltando ou não foi cumprido no âmbito da família. Na verdade, o que ela externa está absolutamente alinhado com vários estudos focados especificamente em pessoas do gênero feminino que desfrutaram o mesmo status profissional. Em alguns casos, vale ressaltar, as entrevistadas afirmam sentir ciúmes das babas dos seus filhos, visto que, em razão das suas decisões em priorizar as carreiras, acabam, na prática, abdicando, de certo modo, do posto de mães. É inquestionável que elas pagam as contas total ou parcialmente, já que conseguiram conquistar a emancipação financeira, mas não vivenciam o sabor e a riqueza experiencial das mães plenas.

O mundo moderno, conforme comentei acima, não impede absolutamente nada às mulheres. Mas toda decisão tem um custo. Afinal de contas, não se pode obter tudo... *Nooyi* acrescenta que:

“Minha observação... é que o relógio biológico e o relógio da carreira estão em conflito total um com o outro. Total, conflito completo. Quando você tem que ter

filhos, você precisa construir sua carreira. Assim como você está subindo para a gestão intermediária, seus filhos precisam de você porque eles são adolescentes, eles precisam de você para a adolescência”. (ênfase minha)

O conflito aí explicitado decorre sobretudo do fato de que há papéis diferentes a ser executados tanto pelos Espíritos encarnados na condição feminina como pelos que estão na masculina. Do contrário, não haveria mudanças físicas tão pronunciadas estabelecidas pelo Criador. Nesse sentido, lembremos, aliás, que Allan Kardec debruçou-se sobre o assunto n’*O Livro dos Espíritos*, conforme as questões abaixo:

“201. Em nova existência, pode o Espírito que animou o corpo de um homem animar o de uma mulher e vice-versa? Decerto; são os mesmos os Espíritos que animam os homens e as mulheres.

202. Quando errante, que prefere o Espírito: encarnar no corpo de um homem, ou no de uma mulher? Isso pouco lhe importa. O que o guia na escolha são as provas por que haja de passar.

Os Espíritos encarnam como homens ou como mulheres, porque não têm sexo. Visto que lhes cumpre progredir em tudo, cada sexo, como cada posição social, lhes proporciona provações e deveres especiais e, com isso, ensejo de ganharem experiência. Aquele que só como homem encarnasse só saberia o que sabem os homens”.

Kardec foi mais além ao indagar aos Espíritos em outra questão:

“821. As funções a que a mulher é destinada pela Natureza terão importância tão grande quanto às deferidas ao homem? *Sim, maior até. É ela quem lhe dá as*

primeiras noções da vida”. (ênfase minha)

Portanto, para desempenhar tal função – vital, por sinal – é preciso dedicação e denodo, ainda mais nos tempos em que vivemos onde as crianças, adolescentes e jovens demonstram estar claramente desorientados, além de revelar significativa falta de sabedoria e maturidade.

E para que não pairasse qualquer dúvida a respeito da distinção dos papéis, Kardec perguntou-lhes na questão 822a da citada obra:

“Assim sendo, uma legislação, para ser perfeitamente justa, deve consagrar a igualdade dos direitos do homem e da mulher? *Dos direitos, sim; das funções, não. Preciso é que cada um esteja no lugar que lhe compete. Ocupe-se do exterior o homem e do interior a mulher, cada um de acordo com a sua aptidão. [...]*”. (ênfase minha)

Baseado em tais esclarecimentos podemos inferir que o feminismo está empurrando a mulher a assumir uma posição de confronto com sérios prejuízos, inclusive para a harmonia da família humana.

Ademais, ao analisar a influência do feminismo, o Espírito Emmanuel observou, na questão nº 67 da obra *O Consolador* (psicografia de Francisco Cândido Xavier):

“*A ideologia feminista dos tempos modernos, porém, com as diversas bandeiras políticas e sociais, pode ser um veneno para a mulher desavisada dos seus grandes deveres espirituais na face da Terra. Se existe um feminismo legítimo, esse deve ser o da reeducação da mulher para o lar, nunca para uma ação contraproducente fora dele. É que os problemas femininos não poderão ser solucionados pelos códigos do homem, mas somente à luz generosa e divina do Evangelho*”. (ênfase minha)

Vislumbrando a relevância da mulher em outra seara, Emmanuel esclarece também (ver questão nº 109 da mesma obra):

“O período infantil é o mais sério e o mais propício à assimilação dos princípios educativos.

Até aos sete anos, o Espírito ainda se encontra em fase de adaptação para a nova existência que lhe compete no mundo. Nessa idade, ainda não existe uma integração perfeita entre ele e a matéria orgânica. Suas recordações do plano espiritual são, por isso, mais vivas, tornando-se mais suscetível de renovar o caráter e a estabelecer novo caminho, na consolidação dos princípios de responsabilidade, se encontrar nos pais legítimos representantes do colégio familiar.

Eis por que o lar é tão importante para a edificação do homem, e por que tão profunda é a missão da mulher perante as leis divinas.

Passada a época infantil, credora de toda vigilância e carinho por parte das energias paternas, os processos de educação moral, que formam o caráter, tornam-se mais difíceis com a integração do Espírito em seu mundo orgânico material, e, atingida a maioridade, se a educação não se houver feito no lar, então, só o processo violento das provas rudes, no mundo, pode renovar o pensamento e a concepção das criaturas, porquanto a alma reencarnada terá retomado todo o seu patrimônio nocivo do pretérito e reincidirá nas mesmas quedas, se lhe faltou a Luz interior dos sagrados princípios educativos”. (ênfase minha)

Na obra *Dicionário da Alma* (psicografia de Francisco Cândido Xavier), o Espírito Emmanuel pondera também:

“O programa do feminismo não é o da exclusão da dependência da mulher: deve ser o da compreensão dos seus grandes deveres. Dentro da natureza, as linhas

determinadas pelos desígnios insondáveis de Deus não se mudam, sob a influência do ilimitado arbítrio humano; e a mulher não pode transformar o complexo estrutural de seu organismo”.

Ainda no citado livro, o Espírito Eugênia Braga analisa que “O feminismo – esse que integra a mulher no conhecimento próprio – é o movimento de Jesus, em favor do lar, para o lar, e dentro do lar”. Desse modo, logo se vê que o movimento feminista moderno está completamente desatrelado dos aspectos espirituais que emancipam a alma. A sua bandeira não é a favor do lar ou da união da família, mas essencialmente do poder fugidio.

A mulher contemporânea tem o legítimo direito de fazer as suas escolhas. No entanto, ao priorizar *exclusivamente* a carreira, de minha parte vislumbro que as dificuldades serão sempre expressivas, já que o número de empregos no planeta não são suficientes para absorver a todos – e nem me parece que haja tal objetivo, pelo menos enquanto o amor e a compaixão não permear as decisões humanas.

Por outro lado, ao optar pela família, a mulher dá prova de inestimável amor e renúncia. Considerando que o amor é a mais alta conquista espiritual de todo o universo, o desenvolvimento dessa virtude será, por extensão, considerável aos olhos da espiritualidade. Reiterando esse entendimento, o Espírito Anália Franco, na obra *Salomé* (ditado pelo Espírito Lucius e psicografia de Sandra Carneiro), explica o seguinte:

“É principalmente no lar, na família, que a mulher é convidada a exercitar essa suavidade, esse amor que agrega e fortalece os que estão ao seu redor. É aí que a nova sociedade reclama urgência na ação feminina. Compete à mulher, em particular, trabalhar pela harmonia doméstica e familiar. Sua dedicação – que em muitos casos pode mesmo chegar ao sacrifício – abençoará todos os membros da família. De olhos fixos

no alto, agirá como *ferramenta de Deus na Terra*, junto àqueles que o Pai lhe confiou, elevando as vibrações em torno de sua casa, edificando o bem, exemplificando a paciência, o perdão e o amor. *Tal papel, meus amigos, cabe acima de tudo à mulher*". (ênfase minha)

Além disso, nada mais esclarecedor do que recorrer à sabedoria de Jesus Cristo, registrada no capítulo 22, intitulado "A Mulher e a Ressurreição" do livro *Boa Nova*, ditado pelo Espírito Humberto de Campos (psicografia de Francisco Cândido Xavier). O revelador diálogo traz relevantes aspectos sobre o tema em apreço:

“– Que tens tu, Simão? – perguntou o Mestre, com o seu olhar penetrante e amigo.

Surpreendido com a palavra do Senhor, o velho Cefas deu a perceber, por um gesto, os seus receios e as suas apreensões, como se encontrasse dificuldade em esquecer totalmente a lei antiga, para penetrar os umbrais da ideia nova, no seu caminho largo de amor, de luz e de esperança.

– Mestre respondeu com timidez –, a lei que nos rege manda lapidar a mulher que perverteu a sua existência.

Conhecendo, por antecipação, o pensamento do pescador e observando os seus escrúpulos em lhe atirar uma leve advertência Jesus lhe respondeu com brandura:

– Quase sempre, Simão, não é a mulher que se perverte a si mesma: é o homem que lhe destrói a vida. [...].

O velho pescador recebia a exortação com um brilho novo nos olhos, como se fora tocado nas fibras mais íntimas do seu espírito.[...].

– Mestre retrucou, altamente surpreendido —, vossa palavra é a da revelação divina. Quereis dizer, então, que a mulher é superior ao homem, na sua missão terrestre?

– Uma e outro são iguais perante Deus – esclareceu o Cristo, amorosamente – e as tarefas de ambos se equilibram no caminho da vida, completando-se perfeitamente, para que haja, em todas as ocasiões, o mais santo respeito mútuo. Precisamos considerar, todavia, que a mulher recebeu a sagrada missão da vida. *Tendo avançado mais do que o seu companheiro na estrada do sentimento, está, por isso, mais perto de Deus que, muitas vezes, lhe toma o coração por instrumento de suas mensagens, cheias de sabedoria e de misericórdia. Em todas as realizações humanas, há sempre o traço da ternura feminina, levantando obras imperecíveis na edificação dos espíritos.* Na história dos homens, ficam somente os nomes dos políticos, dos filósofos e dos generais; todos eles são filhos da grande heroína que passa, no silêncio, desconhecida de todos, muita vez dilacerada nos seus sentimentos mais íntimos ou exterminada nos sacrifícios mais pungentes. Mas, também Deus, Simão, passa ignorado em todas as realizações do progresso humano e nós sabemos que o ruído é próprio dos homens, enquanto que o silêncio é de Deus, síntese de toda a verdade e de todo o amor.

Por isso, as mulheres mais desventuradas ainda possuem no coração o germen divino, para a redenção da humanidade inteira. Seu sentimento de ternura e humildade será, em todos os tempos, o grande roteiro para a iluminação do mundo, porque, sem o tesouro do sentimento, todas as obras da razão humana podem parecer como um castelo de falsos esplendores.

Simão Pedro ouvia o Mestre, tomado de profundo enlevo e santificado fervor admirativo”. (ênfase minha)

Concluindo, os Espíritos encarnados na vestimenta feminina têm diante de si uma valiosa oportunidade de progresso desde que se disponham a doar o autêntico amor aos seus semelhantes, assim como fizeram outras grandes mulheres do passado. Certamente também haverão de responder –

mesmo que parcialmente – pelo que vier a acontecer àqueles que estão sob a sua tutela. De fato, a família humana atual necessita de mães realmente comprometidas e engajadas no bem-estar espiritual dos seus. E tal missão exige dedicação extrema. Para que isso ocorra, elas podem, por exemplo, estabelecer objetivos mais modestos de carreira e trabalho para ficarem mais disponíveis, próximas e participantes no encaminhamento dos seus filhos, assim como provê-los com bons exemplos éticos e morais. Ao executarem tão importante papel, Deus sempre lhes reservará oportunidades de desenvolvimento e alegrias infinitas.

(Observação: publicado originalmente pela revista *O Consolador* [on-line], especial, No. 557, 4 de março de 2018)

CONSTRUINDO RESILIÊNCIA

Um conceito novo e muito em voga nos tempos atuais é o da *resiliência*. A expressão vem sendo empregada em profusão pelas revistas de carreira profissional, terapeutas holísticos, palestrantes dos mais diversos campos, livros, artigos científicos e assim por diante. Não sem razão, resiliência tornou-se um dos tópicos mais estudados na área de ciências sociais.^[1] Portanto, entender e desenvolver nossa capacidade de resiliência constitui mais um desafio ao rol dos muitos já colocados a nós pela vida moderna. Posto isto, cumpre inicialmente esclarecer que escrevi esse texto em março de 2021 sob o pesado clima emocional gerado pela Covid-19, que se propagou em nosso território por meio de novas cepas ceifando centenas de vidas diariamente. O governador do meu estado, São Paulo, tomou medidas severas para tentar debelar a pandemia, que afetou a vida de milhões de pessoas. Profissionais autônomos, trabalhadores, comerciantes e empresários viveram, em decorrência do lúgubre quadro, momentos altamente desalentadores em suas vidas. Na verdade, a maioria de nós, brasileiros, nunca viu nada parecido e talvez nunca verá. De qualquer maneira, certamente estará gravado em nossas memórias essa triste experiência.

Apesar do delicadíssimo momento, tivemos de seguir adiante com nossos deveres e obrigações, suportando da melhor maneira possível as condições que a existência nos proporcionou. Felizmente, se assim posso me expressar, não tivemos as agonias sentidas pelos nossos ancestrais, particularmente aqueles que viveram em tempos de guerra e enorme escassez. Mas, mesmo assim, tivemos de enfrentar a adversidade coletiva que nos exigiu muita determinação, fé e confiança. E a intrínseca capacidade de resiliência de muitos

certamente ajudou naquela fase.

A propósito, cumpre inicialmente destacar que o desafio existencial tem sido essencial para o nosso entendimento do conceito de resiliência como um processo.^[2] Na sua acepção mais básica, resiliência denota a capacidade psicológica positiva desenvolvida pelo indivíduo para se recuperar de eventos adversos, incertezas, conflitos, falhas ou até mesmo podendo abarcar mudanças positivas tais como progresso e responsabilidade ampliada.^[3] Desse modo, ter a habilidade de empregar padrões comportamentais positivos sob estresse constitui o foco da resiliência.^[4] Assim sendo, resiliência representa a capacidade de um indivíduo para responder ou mesmo prosperar diante de circunstâncias estressantes negativas ou positivas.^[5] A partir de tais premissas considera-se que:

[...] os indivíduos resilientes estão mais bem preparados do que os otimistas para superar a adversidade, porque um otimista, com seu estilo de atribuição positivo, pode não mergulhar no verdadeiro significado da adversidade e simplesmente ignorá-la. Além disso, as pessoas resilientes podem ter uma abordagem mais estratégica e pragmática para lidar com o estresse do que um otimista e, portanto, serem mais equipadas para se adaptar e superá-lo e até mesmo ir além do equilíbrio normal de desempenho.^[6]

Como esperado, tem-se como certo que indivíduos resilientes demonstrem mais emoções positivas do que os seus pares menos equipados com essa capacidade em situações ordinárias ou estressantes.^[7] Ademais, quando associada com a capacidade de esperança, indivíduos resilientes recuperam-se e vão além à medida que também ativam sua autoeficácia ao demonstrar que podem superar um desafio, assim como exibir otimismo para assim proceder no futuro se necessário.^[8] Importante também frisar que a resiliência no trabalho envolve

aspectos comportamentais e afetivos, assim como manifestações positivas de adaptação e crescimento profissional em contextos de extrema adversidade.^[9]

Posto isto, não há evidência de que teremos paz e tranquilidade nos próximos anos, talvez décadas, já que do ponto de vista espiritual estamos vivendo uma dolorosa – embora necessária – transição planetária. Quanto tempo durará tal experiência, que nos leva aos limites das forças, só Deus sabe. Sendo assim, não há muito o que fazer a não ser buscar construir força interior e fortaleza de ânimo. Nesse sentido, a proposta espírita – que visa, essencialmente, a transformação íntima dos seres humanos – pode nos ajudar a entender o momento presente, assim como desenvolver a necessária capacitação para lidarmos com as adversidades, reveses e todo o sofrimento que elas inevitavelmente trazem. Consideramos, por exemplo, o sofrimento daqueles que sobreviveram aos ataques terroristas às torres gêmeas em 11 de setembro de 2001, no qual sucumbiram 2996 pessoas, incluindo os perpetradores do ato ignominioso. Centenas de pessoas sobreviventes tiveram suas vidas profundamente abaladas. Muitos morreram posteriormente devido à inalação dos gases tóxicos – incluindo bombeiros –, sem falar nas sequelas psicológicas. De modo geral, as imagens dos prédios de 110 andares ruindo vão ficar para sempre em nossas memórias.

Nós, brasileiros, também tivemos as nossas desgraças coletivas (sem falar de outras agruras que têm afligido o novo povo há décadas, e que têm tornado nossas vidas extremamente difícil), como a queda das barragens de (1) Mariana, propriedade da empresa Samarco, em cinco de novembro de 2015 e posteriormente com (2) a de Brumadinho, da Cia. Vale do Rio Doce, em vinte e cinco de janeiro de 2019. Nesta última, por sinal, imagens aterradoras foram registradas para a posteridade. Afora a grande perda de vidas humanas geradas pelas duas tragédias, duríssimas consequências sociais e psicológicas foram legadas aos sobreviventes. Como a justiça

no país é extremamente lenta, retomar a vida parece um sonho ainda distante para muitas das vítimas, que perderam tudo ou no mínimo quase tudo que possuíam, sem falar na identidade social, nas amizades e nas caras lembranças destruídas.

Por outro lado, é inegável que as criaturas humanas têm sido vigorosamente testadas em sua fé, em suas esperanças e na sua paciência. A pleora de acontecimentos (negativos) que ora nos alcança de uma forma ou de outra, também serve – vendo-os pelo lado mais otimista – de estímulo para construirmos nossa força interior ou capacidade de resiliência, conforme acima delineado. Tais eventos, que não dão sinal de arrefecimento, provavelmente continuarão a nos golpear pela via do sofrimento que ocasionam. Desse modo, o sofrimento individual e coletivo deverão permanecer nas paisagens humanas ainda por um bom tempo. Frutos de decisões erradas, do egoísmo ou egolatria em alto grau, o fato é que não é possível deletá-los como num passe de mágica.

Há igualmente neles presentes outros elementos transcendentais que nos competem entender. Assim sendo, seja em nossa vida pessoal ou profissional precisamos desenvolver determinadas habilidades para não sucumbirmos. Creio que não estou exagerando ao assim afirmar. Por isso, nossas capacidades psicológicas precisam estar devidamente ativadas para a elas recorrermos quando necessário for. Precisamos ainda acionar outros mecanismos da nossa alma para resistir às “tempestades” que ora nos atingem. Sendo o sofrimento claramente onipresente na dimensão material em que estagiamos, forçoso, então, entender o seu significado.

O Espiritismo, por sua vez, absolutamente inspirado pelo ensinamento de Jesus nos dá orientações precisas e insofismáveis a respeito. Como assevera o Espírito Emmanuel: “Unicamente a reencarnação esclarece as questões do ser, do sofrimento e do destino. Em muitas ocasiões, falou-nos Jesus de seus belos e sábios princípios”.¹⁰¹ Para exemplificar o seu

raciocínio, ele recorreu a seguinte passagem evangélica: *“Portanto, se a tua mão ou o teu pé te escandalizar, corta-o, e atira-o para longe de ti; melhor te é entrar na vida coxo, ou aleijado, do que, tendo duas mãos ou dois pés, seres lançado no fogo eterno”* (Mateus, 18:8). Todavia, poderíamos igualmente mencionar o versículo seguinte que se pauta pelo mesmo diapasão: *“E, se o teu olho te escandalizar, arranca-o, e atira-o para longe de ti; melhor te é entrar na vida com um só olho, do que, tendo dois olhos, seres lançado no fogo do inferno”* (Mateus, 18:9).

Em comum ambos os versículos enfatizam a imperiosa necessidade de expungirmos nossas imperfeições. Exibir tamanha coragem moral, embora vital, não é suficiente, pois temos ainda que abraçar a causa do bem. Assim sendo, resiliência pode ser vista também como um instrumento transcendente com vista a tal deliberação. Ou seja, apesar do sofrimento que moldura, em maior ou menor grau, a vida humana nesse mundo, é imprescindível ter a capacidade de não desistir, de suportar os reveses, os fracassos e as responsabilidades crescentes. Ademais, se já somos embalados pelo ideal espírita-cristão, sabemos que o testemunho da fé faz parte do nosso roteiro evolutivo. Como ser forte sem ter passado por experiências ásperas? Nesse sentido, explica o Espírito Emmanuel:

“Naturalmente que o Mestre não folgará de ver seus discípulos mergulhados no sofrimento. Considerando, porém, as necessidades extensas dos homens da Terra, compreende o caráter indispensável das provações e dos obstáculos.

A pedagogia moderna está repleta de esforços seletivos, de concursos de capacidade, de testes da inteligência.

O Evangelho oferece situações semelhantes.

O amigo do Cristo não deve ser uma criatura sombria, à espera de padecimentos; entretanto, conhecendo a sua

posição de trabalho, num plano como a Terra, deve contar com dificuldades de toda sorte.

Para os gozos falsificados do mundo, o Planeta está cheio de condutores enganados.

Como invocar o Salvador para a continuidade de fantasias? Quando chamados para o Cristo, é para que aprendamos a executar o trabalho em favor da esfera maior, sem olvidarmos que o serviço começa em nós mesmos.

Existem muitos homens de valor cultural que se constituíram em mentores dos que desejam mentirosos regalos no plano físico.

No Evangelho, porém, não acontece assim. Quando o Mestre convida alguém ao seu trabalho, não é para que chore em desalento ou repouse em satisfação ociosa.

Se o Senhor te chamou, não te esqueças de que já te considera digno de testemunhar”.^[11]

Visto pelo ângulo acima discutido, portanto, a aquisição da resiliência parece nos dar energias, emoções e perspectivas mais saudáveis para o enfrentamento dos inapagáveis problemas existenciais. Use-a, então, para o seu fortalecimento íntimo e para o cumprimento da sua missão como Espírito encarnado.

Notas bibliográficas

1. Kossek, E.E. e Perrigino, M.B. (2016), “Resilience: a review using a grounded integrated occupational approach”, *The Academy of Management Annals*, Vol. No. 1, p. 730.
2. Ryff, C.D. e Singer, B. (2003), “Flourishing under fire: resilience as a prototype of challenged thriving”, in Keyes, C.L.M. e Haidt, J. (Eds.), *Flourishing: Positive Psychology and the Life Well-*

- Lived.* American Psychological Association, Washington, DC: p. 21.
3. Luthans, F. (2002), “The need for and meaning of positive organizational behavior”, *Journal of Organizational Behavior*, Vol. 23 No. 6, p. 702.
 4. Lopez, S.J., Prosser, E.C., Edwards, L.M., Magyar-Moe, J.L., Neufeld, J. E. e Rasmussen, H. N. (2005), “Putting positive psychology in a multicultural context”, in Snyder, C.R. e Lopez, S.J. (Eds.), *Handbook of Positive Psychology*. Oxford University Press, New York, NY, p. 706.
 5. Luthans, F., Volgelgesang, G.R. e Lester, P.B. (2006), “Developing the psychological capital of resilience”, *Human Resource development Review*, Vol. No. 1, p. 30.
 6. Ibid, pp. 30-31.
 7. Fredrickson, B.L. (2005), “Positive emotions” in: Snyder, C.R. e Lopez, S.J. (Eds.), *Handbook of Positive Psychology*. Oxford University Press, New York, NY, p. 126.
 8. Luthans, F., Avolio, B.J., Avey, J.B. e Norman, S.M. (2007), “Positive psychological capital: measurement and relationship with performance and satisfaction” *Personnel Psychology*, Vol. 60 No. 3, p. 550.
 9. Caza, B.B. and Milton, L.P. (2012), “Resilience at work: building capability in the face of adversity” in Cameron, K.S. e Spreitzer, G.M. (Eds.), *The Oxford Handbook of Positive Organizational Scholarship*. New York, NY, Oxford University Press, p. 896.
 10. Xavier, F.C. (Pelo Espírito Emmanuel). (1978), *Caminho, Verdade e Vida*, 7ª edição, FEB, Rio de Janeiro, RJ, p. 231.
 11. Ibid, pp. 157-158.

EXTERNANDO EMOÇÕES POSITIVAS

Outro aspecto a considerar nesse rol de capacitação e desenvolvimento espiritual do indivíduo com vistas a uma existência mais rica em experiências diz respeito à polaridade das suas emoções no trabalho. De fato, é indispensável conhecê-las e regulá-las para que seu desempenho seja positivo e a sua imagem seja agradável e/ou simpática aos demais membros organizacionais. Afinal de contas, não é difícil imaginar o quão difícil e complicado é compartilhar o nosso espaço de trabalho com alguém emocionalmente instável. Porém, é importante fazer algumas distinções conceituais antes de avançarmos nossa análise. Posto isto, emoções referem-se às reações do cérebro decorrentes de um estímulo ambiental. Como tal, elas geram alterações neurobiológicas, mais especificamente na região subcortical do cérebro e podem gerar mudanças no corpo tais como: palpitações, choro, suor e, eventualmente, dores inexplicáveis. Por exemplo, quando vemos uma injustiça no local de trabalho nossa sensibilidade é imediatamente ativada. O mesmo raciocínio é válido quando assistimos a um jogo de futebol, e o centroavante do nosso time perde um gol feito.

Já os sentimentos são resultantes de experiências emocionais. Em outras palavras, emoções despertam sentimentos. Usando o exemplo acima, se observarmos com frequência injustiça no local de trabalho, os sentimentos de indignação e revolta certamente serão acolhidos pela nossa mente. No entanto, se tivermos a habilidade de ocultá-los, eles podem passar despercebidos às pessoas ao nosso redor. No geral, sentimentos são menos intensos do que as emoções, mas duram muito mais por serem subprodutos de reflexão íntima. Por isso, os sentimentos são considerados uma disposição

mental do indivíduo, ou seja, operam lá dentro do ser.

Na atualidade muito se fala sobre inteligência emocional e a sua relevância para o ambiente organizacional. Com efeito, não somos, felizmente, cyborgs destituídos de sentimentos e emoções. Assim sendo, levamos diariamente para os ambientes de trabalho muito mais do que os nossos corpos físicos, ou seja: valores, motivação, fé, espiritualidade, inteligência, sentimentos e emoções. Nesse sentido, é pertinente recordar que a inteligência emocional compreende: conhecer as próprias emoções (autoconsciência), saber lidar com elas, motivar-se, reconhecê-las nos outros e desenvolver relacionamentos.^[1] Pretendo aqui examinar as ideias mais básicas e fundamentais que delineiam as emoções humanas propriamente ditas. Nesse sentido, duas coisas essenciais devem ser consideradas logo de início e que justificam a inserção do tema: (1) somos seres inerentemente emocionais; (2) as emoções fazem parte do *design* humano e, por essa razão, permeiam as interações sociais.^{[2], [3]}

Mais ainda: não há evidência de que as emoções afloram isoladamente ou como um simples fenômeno interior. Na verdade, acredita-se que elas são objetos e, como tal, se manifestem dentro de determinado contexto.^[4] Posto isto, há certo consenso entre os *scholars* de que elas estão abrigadas basicamente sob a seguinte classificação: interesse-entusiasmo; gozo-alegria; receio-surpresa; aflição-angústia; ira-raiva; aversão-repulsão; desrespeito-desprezo; medo-terror; vergonha-timidez-humilhação; e remorso-culpa. Nos locais de trabalho, assim como na vida em geral, as emoções podem ser utilizadas para motivar, organizar, dirigir e estimular comportamentos, mas podem igualmente ser disruptivas. Em resumo, tanto os estados emocionais positivos como os negativos podem melhorar ou interferir em nossos comportamentos no trabalho. Desse modo, não é aceitável a negação do fator emocional no ambiente laboral.^[5]

No seu seminal livro, *Inteligência Emocional*, o aclamado pesquisador americano, Daniel Goleman, faz um interessante comentário a respeito das pessoas portadoras de um alto grau de Q.I., mas absolutamente incompetentes em gerenciar as suas vidas privadas. Dito de outra maneira, pessoas altamente inteligentes são, às vezes, incapazes de enfrentar as dificuldades mais mezinhas, que permeiam a existência humana, com razoável grau de “jogo de cintura”. Desse modo, o mais inteligente pode não ser a melhor escolha para liderar um grupo se lhe falta a competência de lidar com o seu próprio universo emocional e dos outros que lhe cercam. Portanto, as emoções certamente exercem um papel nas rotinas e ambientes laborais à medida que influenciam as conexões e interações entre as pessoas. Na verdade, a experiência do trabalho afeta o nosso estado psicológico e emocional, assim como a nossa saúde física e espiritual. Na dimensão corpórea, emoções negativas elevam a pressão, aumentam o estresse, o batimento cardíaco (podendo levar a infartes), prejudicam o sistema digestivo e assim por diante. No aspecto espiritual, se frequentes, afastamos entidades desencarnadas que desejam o nosso bem, mas se veem bloqueadas em suas nobres iniciativas de nos ajudar e inspirar devido ao nosso emocional descontrolado.

Por outro lado, se as nossas emoções são positivas, elevam o moral das pessoas e protegem o ambiente de – na visão Espírita – entidades trevosas que se deleitam com o mal que solapa à paz e o equilíbrio das pessoas. Nessa perspectiva, as emoções negativas podem ser tachadas de toxinas que minam a confiança, motivação e a visão compartilhada entre as pessoas. Além de um problema crônico, as emoções tóxicas têm o poder de desencadear respostas defensivas por parte dos outros no local de trabalho, sensações ruins, desarticulação na comunicação interna e desgaste nas relações entre as pessoas. Infelizmente, as emoções tóxicas são partes inextrincáveis da condição humana, e o raciocínio é extensivo ao que acontece

nas empresas.^[6]

No entanto, os resultados desastrosos derivados das emoções negativas vão muito mais além. Voltando ao sagrado campo dos sentimentos, que, vale ressaltar uma vez mais, se nutre das nossas emoções, o Espírito Emmanuel pondera que:

“Urge reconhecer que no sentimento reside o controle da vida.

Na romagem terrestre, múltiplos são os caminhos que conduzem ao aperfeiçoamento.

Fartura e escassez, formosura e fealdade, alegria e sofrimento, liberdade e tolhimento, podem aliciar excelentes possibilidades de realização humana para a espiritualidade superior.

O homem de coração dobre [fingido, falso, astucioso, enfi], porém, é infiel às bênçãos divinas em todos os setores da luta construtiva.

Se recebe talentos da riqueza terrestre, entrega-se, comumente, às alucinações da vaidade.

Se detém os dons da pobreza, liga-se, quase sempre, aos monstros da inconformação.

Se possui belo corpo, dá-se, em via de regra, aos excessos destruidores.

Se dispõe de vaso orgânico defeituoso, na maioria dos casos perde o tempo em desespero inútil.

No prazer, é inconstante.

Na dor, é revoltado.

Quando livre, oprime os irmãos e escraviza-os.

Quando subalterno, perturba os semelhantes e insinua a indisciplina.

O sentimento é o santuário da criatura. Sem luz aí dentro, é impossível refletir a paz luminosa que flui

incessantemente de Cima.

Ofereçamos ao Senhor um coração firme e terno para que as Divinas Mãos nele gravem os Augustos Desígnios. Atendida semelhante disposição em nossa vida íntima, encontraremos em todos os caminhos o abençoado lugar de cooperadores da Divina Vontade.¹⁷¹

De modo geral, pessoas que acalentam sentimentos menos dignos não expressam igualmente emoções positivas. No sentido inverso, os bons gestores têm um “elevado senso de consciência emocional” e necessidade de controlá-la, já que são cientes do poder de exibição que delas flui. Por isso, acredita-se que gerenciar organizações é o mesmo que gerenciar emoções.¹⁸¹

Em outros termos ainda mais detalhados, sugere-se que:

“[...] O líder emocionalmente competente é aquele que está ciente de seus próprios sentimentos e emoções, bem como dos sentimentos e emoções das outras pessoas. Além dessa autoconsciência e de outras percepções, o líder emocionalmente competente é capaz de agir de maneira a administrar apropriadamente suas próprias emoções enquanto acomoda as emoções dos outros. A competência emocional ajuda o líder saudável a ser esperançoso, positivo e compassivo em suas ações e comportamentos”.¹⁹¹

Posto isto, conforme explica o Espírito Joanna de Ângelis, é importante ter em mente que “Pode-se medir, portanto, o grau de adiantamento moral do indivíduo pelos sentimentos de que se faz portador e que expressa no seu dia a dia”.¹⁰⁰ Em posição de comando ou não, o profissional espiritualizado necessita saber que os benefícios advindos do cultivo das emoções positivas são consideráveis. Portanto, tenha em mente que elas estão amplamente associadas a expansão da capacidade relacional, facilitadora à criação de

novas coisas pela sua cooperação transformadora, assim como indutoras ao funcionamento organizacional ótimo.^[11]

Em resumo, as emoções positivas têm indubitavelmente o poder de transformar pessoas, pequenos grupos e até mesmo as organizações como um todo, tanto a curto como a longo prazo.^[12] Portanto, a questão crucial é que é exatamente desse poder transformador positivo que necessitamos, alavancando os empreendimentos empresariais na direção da sustentabilidade e da noção de espiritualidade inspirando os negócios. Para tal, é vital que os indivíduos expressem conscientemente emoções positivas nas suas atividades diárias, para que sejam moldados climas organizacionais saudáveis e harmonizados nas empresas. Em termos espirituais, as emoções positivas dos empregados – e, por extensão, sentimentos – são imprescindíveis para que rompamos definitivamente com o estabelecimento de metas organizacionais obscuras e práticas empresariais egoístas e/ou abjetas.

Notas bibliográficas

1. Goleman, D. (1995), *Inteligência Emocional*, 15ª edição, Objetiva, Rio de Janeiro, RJ, pp. 55-56.
2. Frost, P.J., Dutton, J.E., Worline, M.C. and Wilson, A. (2006), “Narratives of compassion in organizations”, in Fineman, S. (ed.) *Emotions in Organizations*, 2nd edition, Sage, London, p. 26.
3. Sekerka, L.E. e Fredrickson, B.L. (2007), “Creating transformative cooperation through positive emotions” in Piderit, S.K., Fry, R.E. e Cooperrider, D.L. (Eds.), *Handbook of Transformative Cooperation*. Stanford University Press, Stanford, CA, p. 151.
4. Domasgalski, T. (1999), “Emotions in organizations: main currents”, *Human Relations*, Vol. 52 No. 6, p. 840.

5. Stanley, R.O. e Burrows, G.D. (2004), “Varieties and functions of human emotion”, in Payne, R.L. e Cooper, C.L. (Eds.) *Emotions at Work: Theory, Research and Applications for Management*. John Wiley & Sons, West Sussex, England, p. 5, 9 e 10.
6. Quick, J.C., Macik-Frey, M., Mack, D.A., Keller, N., Gray, D.A. e Cooper, C.L. (2008), “Líderes saudáveis, organizações saudáveis: prevenção primária e efeitos positivos da competência emocional”, in Rossi, A.M., Perrewé, P.L. e Sauter, S.L. (Eds.), *Stress e Qualidade de Vida no Trabalho: Perspectivas Atuais da Saúde Ocupacional*. Editora Atlas, São Paulo, SP, pp. 140-142 e 152.
7. Xavier, F.C. (Pelo Espírito Emmanuel). (1977), *Vinha de Luz*, 4ª edição, FEB, Rio de Janeiro, RJ, pp. 69-70.
8. Krone, K.J. e Morgan, J.M. (2006), “Emotion metaphors in management: the hinese experience” in Fineman, S. (Ed.) *Emotions in Organizations*, 2nd edition, Sage, London, p. 95.
9. Quick, J.C., Macik-Frey, M. e Cooper, C.L. (2007), “Managerial dimensions of organizational health: the healthy leader at work” *Journal of Management Studies*, Vol. 44 No. 2, p. 195.
10. Franco, D.P. (Pelo Espírito Joanna de Ângelis. (2002), *Triunfo Pessoal*, LEAL, Salvador, BA, p. 39.
11. Sekerka, L.E. e Fredrickson, B.L. (2007), “Creating transformative cooperation through positive emotions” in Piderit, S.K., Fry, R.E. e Cooperrider, D.L. (Eds.), *Handbook of Transformative Cooperation*. Stanford University Press, Stanford, CA, p. 164.
12. Sekerka, L.E., Vacharkulksemsuk, T. e Fredrickson, B.L. (2012), “Positive emotions: Broadening and building upward spirals of sustainable enterprise”, in Cameron, K.S. e Spreitzer, G.M. (Eds.), *The Oxford Handbook of Positive Organizational Scholarship*. Oxford University Press, New York, NY, p. 175.

DESENVOLVER EMPATIA

Creio firmemente que a maioria de nós já deve ter passado por alguma situação na qual tenha se sentido menosprezado em seus direitos. Afinal de contas, não chegamos a esse estado de desajustes nas relações entre empresas e consumidores por acaso. Com efeito, as evidências mostram que as organizações têm usado todo o seu poder para obter vantagens – muitas vezes, sem o menor escrúpulo. A ganância corporativa tem sido especialmente observada nas últimas duas décadas na qual a orientação financeira-econômica alcançou patamares assustadores.

Nesse sentido, vale citar um caso ocorrido com esse escriba. Ao comprar pela internet um blazer de determinada marca internacional, tive o dissabor de receber o produto alguns dias depois completamente amarrotado, pois estava embalado numa capa de dimensões claramente incompatíveis com o produto. Decepcionado, já que aguardava produto com expectativa, liguei para o SAC a fim de reclamar. Expliquei a situação, a falta de respeito e desleixo em se enviar uma roupa em tão precárias condições etc. As soluções dadas eram todas na direção de devolução do produto pelo correio ou do crédito correspondente na minha conta.

Protestei veementemente, pois queria o produto (já tinha me imaginado vestindo-o prazerosamente) e aventei ao atendente que eles poderiam ir muito mais além, trazendo um produto novo, ou seja, uma solução não aventada por eles. Era uma sexta-feira chuvosa e estávamos, para complicar as coisas, em plena pandemia. Diante de tantos empecilhos, considerei levar o blazer a uma lavanderia para ser passado novamente. O serviço não ficou bom e nem poderia, já que o forro –

claramente defeituoso – estava com excesso de tecido alterando, assim, toda a estrutura da roupa. Posto isto, levei a um alfaiate do meu bairro do tipo que faz-tudo e ele fez os ajustes necessários. Obviamente, tive de gastar um pouco mais – sem necessidade.

Por que estou relatando tal dissabor? Porque fiquei muito decepcionado com o atendimento recebido dado pela empresa. Não houve ali, na minha opinião, o real interesse em se consertar rapidamente um erro de má-fé, pois ter qualidade é uma obrigação. Creio que, essencialmente, faltou-lhes empatia. Errar é humano, mas não consertar o deslize adequadamente é negligência ou improficiência. Fui do “encanto” ao “desencanto”. A “reluzente” marca internacional de roupas está gravada em minha mente como uma empresa carente de empatia. Seu funcionário não teve a sensibilidade – ou não foi treinado – para reverter uma situação adversa como se deveria. Faltou-lhe capacidade ou orientação para rapidamente empregar uma solução empática.

Parece-me que essa tem sido – em maior ou menor grau – a contribuição empresarial ao país e aos consumidores, apesar de existir legislação a respeito há um bom tempo. Cumpre lembrar, aliás, que desde o governo FHC as empresas que aqui atuam têm sistematicamente mudado a padronagem dos pesos e medidas dos seus produtos. Chegou-se ao desprazer de reduzir até o peso das balas, doces e guloseimas, como já recordei em capítulos anteriores. Categorias inteiras de produtos foram vergonhosamente alteradas em detrimento dos consumidores. Os mais atentos certamente constataram tal estratégia. Desse modo soez, uma onda de desrespeito e ganância tem varrido o nosso sistema empresarial. Organizações da área da saúde – outro setor de negócios onde prevalece chocante grau de vilania –, com a conivência da agência de saúde, têm elevados os preços dos seus planos às alturas, tornando a vida das pessoas um pesadelo.

Enfim, no terceiro milênio da era cristã ecoa, paradoxalmente, a falta de humanidade e empatia por parte das organizações empresariais. As experiências negativas se avolumam dia após dia dando a clara impressão de que estamos retrocedendo em muitos aspectos. O ser humano é não mais visto como o centro de tudo ou o “rei”, como no passado não muito distante, mas apenas alguém a ser explorado. Nesse sentido, as organizações têm demonstrado enorme eficiência.

Vale ainda recordar as enormes filas e os enormes aborrecimentos que as pessoas tiveram que enfrentar – pelo menos em São Paulo – nas lojas da concessionária de energia por conta de erros brutais no valor das suas contas. Não bastasse o sofrimento decorrente da pandemia, que obrigou o fechamento compulsório de praticamente tudo em mais de uma vez, ainda tiveram que “provar” que os valores cobrados em suas contas estavam incorretos. Portanto, não é viável realizar às indispensáveis transformações no tecido social humano sem a demonstração da empatia.

Ora, o planeta está visivelmente doente porque a humanidade também está. O reflexo é direto. Perdemos em nossa ânsia descontrolada por desfrutar de crescente e insopitável ganhos materiais. O que importa efetivamente é ganhar, acumular, dominar, controlar, sem muita atenção para as consequências. Cumpre lembrar também que no auge da pandemia, a inflação de alimentos no Brasil atingiu níveis intoleráveis. Pessoas não tinham trabalho e nem dinheiro para comprar comida. Oito em cada dez favelados precisavam de ajuda social (leia-se: caridade) para se alimentar. Mesmo assim, os nossos exportadores de commodities não foram capazes de, pelo menos, equalizar os preços internos às reais necessidades da população do país. Enriqueceram mais e mais, não obstante a penúria reinante. Não conheço palavra mais adequada para expressar tal comportamento miserável do que *egoísmo*.

Desse modo, se o caro(a) leitor(a) já está embalado pelo pensamento cristão-espírita, é hora, então, de se conscientizar que *“E como vós quereis que os homens vos façam, da mesma maneira lhes fazei vós, também”* (Lucas 6:31). Essa frase denota a chamada regra de ouro. Deus pede a nossa ajuda através da adoção de ações e medidas empáticas, que beneficiem os nossos companheiros de jornada (amor ao próximo, como preceitua o Evangelho de Jesus, aliás, perpassa por essa prática). Recordemos, assim, que “Empatia se refere àquela capacidade notável que nós, humanos, temos de experimentar o que outras pessoas estão sentindo, de nos imaginarmos no lugar psicológico de outra pessoa e sentir suas alegrias e tristezas como se fossem nossas”.^[1] Assim sendo, empatia representa uma fonte de motivação moral à medida que impulsiona atos altruísticos para que alguém se sinta melhor.^[2] Mais ainda: empatia é vista como uma virtude fundamental ao desenvolvimento pessoal.^[3]

Muitos autores sugerem que as empresas deveriam alocar parte dos seus lucros em atividades empáticas tais como: empréstimos; perdão de dívidas ou atraso de pagamentos; esquemas de comércio favorável; serviços ou conselhos gratuitos; concessões definitivas de fundos; criação de anuidades; subsídio especial para tratamento de doença ou privações; assistência educacional aos desfavorecidos; assistência familiar para circunstâncias especiais; suporte às necessidades; treinamento em caso de demissão por motivos não relacionados ao trabalho; suporte em caso de desastres específicos como eventos naturais em áreas nas quais a empresa está presente; ajuda específica para eventos ocorridos devido a guerras ou outras tragédias em áreas nas quais a empresa está presente.^[4] Além disso, sugere-se que programas de desenvolvimento gerencial ou coaching executivo podem ser melhorados se neles forem incorporados o desenvolvimento de habilidades interpessoais como a empatia.^[5]

Há, de certo, clara deficiência na educação executiva,

particularmente na questão da empatia. A propósito, um interessante e revelador estudo apontou que estudantes de administração de empresas e líderes organizacionais apresentam baixo grau de empatia.¹⁶¹ Dito isto, parece-me que sem o intenso emprego dessa virtude pouco poderemos fazer para minorar os males que afligem a humanidade. Assim sendo, podemos exercitar tal competência nos perguntando em todas as situações que requerem a nossa ajuda ou suporte aos outros: e se fosse comigo? Como gostaria de ser tratado? Por outro lado, não tenho dúvidas que algo também podemos fazer no âmbito do trabalho seja corrigindo distorções ou propondo ações benéficas. Aí me parece que o campo de trabalho é extremamente fértil. Certamente, elas voltarão para nós através da sensação de dever cumprido e paz na consciência. Afinal de contas, é o que muito provavelmente o Pai celestial espera de nós.

Notas bibliográficas

1. Schulman, M. (2005), “How to become moral: the sources of moral motivation”, in Snyder, C. R. and Lopez, S. J. (Eds.), *Handbook of Positive Psychology*. Oxford University Press, New York, NY, p. 501.
2. Ibid.
3. Natale, S.M. e Sora, S.A. (2010), “Ethics in strategic thinking: business processes and the global market collapse”, *Journal of Business Ethics*, Vol. 94 No. 3, p. 310.
4. Ibid, p. 314.
5. Mahsud, R., Yukl, G. e Prussia, G. (2010), “Leader empathy, ethical leadership, and relations-oriented behaviors as antecedents of leader-member exchange quality”, *Journal of Managerial Psychology*, Vol. 25 No. 6, p. 572.

6. Holt, S. e Marques, J. (2012), "Empathy in Leadership: appropriate or Misplaced? An empirical study on a topic that is asking for attention. *Journal of Business Ethics*, Vol. 105 No. 1, p. 100.

AMPLIANDO A NOSSA SABEDORIA

Há um movimento lento, mas consistente de despertar e interesse pelo tema da sabedoria nos dias que correm. Importantes e esclarecedoras obras têm sido publicadas nas últimas décadas referentes ao tema. Observa-se que cientistas renomados do mundo inteiro, das mais variadas áreas do saber humano, estão trabalhando com afinco para melhor entender o significado desse construto (ideia), e os seus achados têm sido reveladores. A maioria deles tem “bebido” nas fontes do passado da civilização humana, mais especificamente na Grécia antiga. Nesse sentido, cumpre ressaltar que foi o filósofo Aristóteles (384 a.C.–322 a.C.) que nos legou as primeiras noções de sabedoria prática (*phronesis*). E baseado nas suas ideias, temos hodiernamente um sólido arcabouço teórico-conceitual e empírico que vem guiando os estudiosos do assunto.

No plano prático, também houve um *revival* do assunto e, assim, passou-se a escrever e falar mais a respeito. Nada mais apropriado, já que a civilização humana não pode ser classificada de sábia por nenhum ângulo de análise ou inquirição. Mas o que é sabedoria, afinal? Por que ela é tão relevante? O que podemos aproveitar do livre-pensador grego na atualidade tão conturbada na qual que vivemos? Começamos por esclarecer que, na visão aristoteliana, sabedoria tem íntima ligação com nossa capacidade de deliberação com o que se acredita ser correto e benéfico. Ou seja, agir ou decidir a respeito da coisa certa, no jeito certo e no tempo certo.^[1]

Dito de outra maneira, “A sabedoria prática é o hábito da mente pelo qual se é excelente em cada caso por encontrar

os meios disponíveis para realizar um fim digno”.^[2] Note, então, que deter sabedoria significa possuir recursos cognitivos (conhecimento) à solução de problemas pontuais visando o bem comum. Em outras palavras, não se pensa ou se usa sabedoria para realização de qualquer tipo de maldade. Aliás, Aristóteles, seu idealizador, focava seu trabalho altamente intelectual no desenvolvimento de coisas positivas como caráter e virtudes. Em resumo, quando falamos a respeito de uma pessoa sábia estamos nos referindo fundamentalmente a alguém que possui atributos ou qualidades elogiáveis.

Há pouco tempo concluí que temos a necessidade de nos desenvolvermos muito mais nessa competência, especialmente diante dos descabros e desajustes observáveis presentemente em nosso mundo. Infelizmente, para qualquer ponto que mirarmos nossa atenção, se formos realmente bons observadores, repararemos na quase absoluta deficiência ou imperfeição dos nossos sistemas e modos de organização em sociedade. Assim sendo, propus que devemos igualmente desenvolver um *capital de sabedoria*. Em minha opinião, tal capacitação está associada ao agir sabiamente, pensar sabiamente e comportar-se sabiamente nos locais de trabalho. Ademais, assim ao menos considere, de uma pessoa supostamente sábia espera-se a capacidade de acumular conhecimento, experiência, percepções, visão, virtudes, emoções positivas, valores, empatia, capacidade de solidariedade e espiritualidade, entre outras coisas, ao longo da sua vida.^[3]

Ao que tudo indica, portanto, indivíduos dotados de sabedoria prática geralmente são: (1) portadores do conhecimento e da expertise para lidar com concretos problemas e desafios; (2) aptos a conectar *inputs* distintos e elaborar soluções apropriadas, assim como tomar decisões em situações inusitadas; (3) capazes de navegar em cenários tumultuados e/ou indefinidos e encontrar respostas para questões intrincadas. Em poucas palavras, pessoas sábias são

capazes de enxergar o todo, o quadro geral e prever o que vai acontecer de maneira relativamente fácil.¹⁴¹

Ao que me consta, ainda não há uma clara associação científica entre sabedoria e espiritualidade. Alguns *scholars*, a propósito, estão avaliando tal possibilidade; no entanto, de minha parte, entendo que as pessoas espiritualizadas são altamente propensas a dispor dessa capacidade. Não há ainda cursos que nos ensinem a praticar sabedoria, embora estejam sendo arquitetados, e brevemente teremos novidades nessa área. De qualquer maneira, ter sabedoria é uma grande conquista da alma. Acrescentar esse tema pareceu-me lógico à medida que somos diariamente lembrados – desde que tenhamos “olhos de ver e ouvidos de ouvir” – pela sabedoria divina, que a tudo observa, de que fazemos parte de algo substancialmente maior.

Nesse sentido, sábios são aqueles que já entenderam o seu papel na vida como modestos cooperadores da seara de Deus. Infelizmente, muitos homens e mulheres não perceberam isso ainda. Por isso, são crescentes os desajustes e as disrupções que atingem a humanidade e o planeta. Seja como for, estamos todos nós situados, assim nos esclarecem os maiores da espiritualidade, nos lugares certos e na hora certa para fazermos as coisas certas. Ou seja, estamos na dimensão material sobretudo para ajudar, amparar e assistir os nossos irmãos de jornada com as nossas capacidades e talentos. Independentemente da nossa ocupação ou profissão, o fato é que todos somos instados a agir e proceder de maneira sábia em todos os momentos.

Desse modo, sugiro-lhes que façam um inventário das suas atividades e tarefas diuturnas e averiguem se as suas condutas estão alinhadas a esse parâmetro. Estou convicto que todos nós temos a oportunidade de construir o nosso próprio capital de sabedoria. Este, sim, será o nosso patrimônio perante a espiritualidade. Empreguemos, pois, a beleza da vida e da

encarnação para a realização de propósitos superiores. Não nos apeguemos às coisas que não apresentam significado espiritual ou que não agreguem valor às nossas almas.

Vemos diariamente dezenas de personagens destilando medidas, ações e comportamentos insipientes. Julgam-se donos da verdade, da razão e das coisas que lhes cabem apenas zelar. Não somos donos de nada, mas responderemos pela sabedoria (ou falta dela) de nossas decisões e deliberações. Olhem, então, para frente, além dessa existência. Pensemos em Deus e sejamos guiados por ele. Amarmos a Deus e aos nossos semelhantes são passos basilares para quem aspira ter uma conduta sábia.

Sejamos, enfim, sábios!

Notas bibliográficas

1. Aristotle. (2019), *Nicomachean Ethics*, 3rd edition, Translated for Terence Irwin, Hackett, Indianapolis, Book VI, Chapter 10, p. 1143a.
2. Beabout, G.R. (2012), “Management as a domain-relative practice that requires and develops practical wisdom”, *Business Ethics Quarterly*, Vol. 22 No. 2, p. 427.
3. Vasconcelos, A.F. (2018a), “Older workers as a source of wisdom capital: broadening perspectives”, *Revista de Gestão*, Vol. 25 No. 1, p. 114.
4. Vasconcelos, A.F. (2021), “The wisdom capital: definitions, meaning, and a two-level model”, *International Journal of Organizational Analysis*.

NOVAMENTE: O DEVER DE NOS INSTRUIRMOS

No capítulo VI do *Evangelho Segundo o Espiritismo*, obra seminal da doutrina espírita escrita por Allan Kardec, há uma mensagem do chamado Espírito de Verdade, que o assessorou durante toda a elaboração do pentateuco. Nela encontra-se a importante recomendação: “Espíritas! amai-vos, este o primeiro ensinamento; *instrui-vos*, este o segundo”. Referir-me-ei neste capítulo à segunda proposição da destacada entidade espiritual. Ao assim proceder não quero menosprezar, em hipótese alguma, o ato de amar. Parto apenas da premissa de que todos nós já temos alguma noção da relevância e do desafio de implantar o amor (altruístico e desinteressado) nos corações humanos. Creio que muito poucos duvidariam dessa necessidade humana.

Assim sendo, o meu foco aqui é na segunda propositura, isto é, na necessidade de nos instruírmos. Ao meu ver, não conseguiremos obter tão significativa realização sem (muito) esforço pessoal e estudo. Nem poderia ser diferente uma vez que a vida moderna nos concita ao permanente aprendizado. Com efeito, tal exigência faz sentido se considerarmos os passos céleres advindos do progresso tecnológico. De minha parte, entendo que chega a ser meio assustador ter de lidar com tantas discontinuidades e mudanças. A impressão que tenho é que nada mais parecer ser definitivo. Não obstante tantos avanços, parece que a vida humana ainda carece de elementos básicos para, pelo menos, ser tachada de razoável. Quero dizer com isso, uma vez mais, é que não tivemos a capacidade de ainda nos consertarmos.

Não vejo como o lançamento de um novo App ou serviço on-line, por exemplo, possam arrumar o já

extremamente desajustado interior humano. Por isso, considero fervorosamente que estamos, sim, perdidos, pois não fomos capazes de transformar o nosso mundo para melhor. O paradoxo é que apesar de “termos tudo”, ainda nos faltam coisas essenciais. Explicando melhor: falta-nos vontade e desejo para trabalhar por uma causa maior. A resposta para o nosso fracasso civilizatório reside no vazio das nossas almas, que ainda não conseguiram visualizar as finalidades nobres da existência. Segue daí, portanto, a nossa obsessão em nos fixar em coisas sem real valor para os nossos Espíritos carentes de luz e sabedoria. É, pois, hora de mudar, primeiramente mudando a nós mesmos. Entendo que só abraçando valores e conhecimentos superiores poderemos ser úteis à causa divina na Terra.

Assim sendo, é vital igualmente adquirir competência no domínio do conhecimento transcendental e seu impacto em nossas vidas. Desse modo, aloquemos tempo, sim, para as nossas obrigações e deveres, mas não nos esqueçamos de que somos, antes de tudo, Espíritos imortais momentaneamente encarnados. Nossa individualidade não terminará com a morte do nosso corpo físico. A nossa existência continuará em outra dimensão: a espiritual. Tem sido assim ao longo dos milênios e só se encerrará esse ciclo de morrer e renascer quando finalmente atingirmos a perfeição recomendada por Jesus. Busquemos compreender o significado disso, e abramos nossas mentes para outros patamares existenciais ainda mais elevados. Deus espera mais de nós, ou seja, a nossa cooperação.

Se as pessoas já tivessem assimilado a implicação do fenômeno da reencarnação – hoje devidamente atestada pela ciência humana –, haveria certamente mais sensatez em suas atitudes e decisões. Tenhamos em mente, pois, que tudo aqui é efêmero. Um dia deixaremos absolutamente tudo para trás: o nosso corpo físico, nossos bens materiais, nossos títulos, nossa família etc. Levaremos apenas e tão somente o registro das nossas obras para o além-túmulo. Se elas forem boas e

construtivas, se o nosso legado foi de luz, melhor para nós, pois teremos cumprido a nossa missão. Do contrário, se fomos irresponsáveis, levianos ou maldosos, muito sofrimento nos aguardará. No plano espiritual, como prescreve a sabedoria divina, nos apresentaremos como realmente somos em nossa essência. Nestes tempos de deplorável corrupção e interesses rasteiros, os protagonistas de ações perversas não imaginam o que lhes aguarda do lado de lá... Nos tacanhos limites da justiça da Terra, um lesa-pátria ou malfeitor, por exemplo, pode, através da sua nociva influência, distorcer as sentenças jurídicas a seu favor. Como se diz popularmente: “o dinheiro compra tudo”.

Todavia, no mundo espiritual tal estratégia não funciona. Lá, a transparência é absoluta, e cada um recebe de acordo com as suas “obras”, conforme esclareceu Jesus. Assim sendo, a criatura humana necessita urgentemente desvendar a sua origem espiritual – adquirindo alfabetização nessa área – para que evite erros comportamentais que só lhe trarão desgraças e sofrimentos sem conta. O Espiritismo vem sendo há mais de 160 anos o farol da humanidade através das suas elucidações. Desse modo, ler, estudar e entender sobre a nossa condição representa uma obrigação.

Há farta literatura a respeito oriunda de respeitáveis entidades espirituais psicografadas por médiuns extraordinários como Francisco Cândido Xavier, Divaldo Pereira Franco e muitos outros. É chegada, portanto, a hora de abraçar esse manancial de revelações e conhecimentos para que a nossa existência seja espiritualmente sadia, para que sejamos, enfim, verdadeiros(as) vencedores(as) aos olhos de Deus.

Como um dia sabiamente recomendou-nos Sócrates: “Conheça a ti mesmo!”.

CONCLUSÕES

Diante do perene desafio de se aperfeiçoar, a humanidade enfrenta momentos espinhosos em sua trajetória com vistas à plenitude. Avançando inexoravelmente à etapa da regeneração planetária, temos igualmente a felicidade de dispor de ferramentas e ideias comprovadamente eficazes à nossa transformação íntima. Assim sendo, explorei neste modesto empreendimento, inspirado pela moldura cristã-espírita acolitada pelas novas descobertas científicas na área comportamental, alguns temas pertinentes à hora presente. Assim o fiz consoante o meu entendimento de que o Espiritismo tem muito a oferecer às pessoas, especialmente àquelas que buscam obter ou encontrar significado em suas existências. Conforme esclareceu Allan Kardec, na obra *A Gênese*, “*Caminhando de par com o progresso, o Espiritismo jamais será ultrapassado, porque, se novas descobertas lhe demonstrassem estar em erro acerca de um ponto qualquer, ele se modificaria nesse ponto. Se uma verdade nova se revelar, ele a aceitará*”.

De fato, muitos dos assuntos aqui discutidos são concepções e formulações mais recentes, que não tinham vindo a lume no tempo da codificação. No entanto, a literatura espírita continua indiscutivelmente avançando em várias frentes, inclusive na ora escrutinizada. Suas ideias, princípios e recomendações são atemporais, pois advém da fonte mais pura: Jesus e seus prepostos da espiritualidade. Conforme deduziu Kardec na referida obra, “o *elemento espiritual* tem parte ativa na economia do universo”. Tomando por base essa premissa e o fato de que somos Espíritos temporariamente encarnados, é preciso, então, entender melhor as forças que regem a vida, a fim de torná-la mais rica e produtiva.

Com efeito, Kardec também identificou que a *lei do trabalho* faz parte das cogitações divinas. Considerando o quão importante é a atividade laboral em nossas existências, melhor para nós empreender ações ou nos vincularmos às instituições que visem o bem-estar geral. Outrossim, esclareço que não tive a pretensão de escrever um tratado a respeito ou ditar normas específicas. Meu objetivo foi de, no máximo, sugerir alguns “remédios” e capacitações adicionais. Mais especificamente, o que desejo é que o(a) leitor(a), sobretudo, medite e reflita sobre *o que faz e como faz*. Convido-o(a) a posicionar-se diante de tudo o que está acontecendo nesse mundo. Creio que não lhe constituí nenhuma novidade mais de que vivemos horas difíceis...

No entanto, parece-me claro que não nos empenhamos em consertar os problemas contemporâneos como deveríamos. A partir dessa constatação sugiro-lhe que avalie – e seja muito crítico consigo mesmo – a sua conduta em relação à sua ocupação ou atividade profissional. Afinal de contas, é hora de olharmos para dentro e descobrir de que lado estamos. Nesse exercício, se você detectar anomalias ou desarmonias em sua alma e maneira de proceder, não as aceite passivamente. Recomendo-lhe que tenha a coragem moral de enfrentá-las. Só assim estará apto a alcançar um estado de felicidade e bem-estar geral um dia.

De minha parte, penso que é mais do que hora de trabalhar para a conquista da nossa saúde espiritual. Tal façanha não será obtida se estivermos envolvidos ou engajados na prática de coisas obscuras e/ou eticamente reprováveis. Ao que me consta, Jesus necessita de pessoas verdadeiramente comprometidas com a implantação do bem na Terra. Seja, pois, um desses colaboradores fiéis. Mostre o seu valor espiritual. Seja melhor, seja mais magnânimo, seja mais compassivo, seja mais empático. No seu trabalho você tem oportunidade de externar tais qualidades, então, mostre-as e seja feliz.

O AUTOR

Anselmo Ferreira Vasconcelos foi por muitos anos profissional da área de marketing e vendas tendo exercido funções-chave em várias empresas nacionais e internacionais. Seu trabalho como pesquisador independente tem focado na área de comportamento organizacional e na convergência entre o Espiritismo e *management*. Possui Bacharelado em Comunicação Social pela Escola Superior de Propaganda e Marketing de São Paulo e mestrado Acadêmico em Administração de Empresas pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo.

O seu trabalho tem sido publicado por respeitáveis periódicos acadêmicos internacionais e nacionais tais como: *European Journal of Marketing*, *International Journal of Organizational Analysis*, *International Journal of Workplace Health Management*, *Journal of Business Ethics*, *Journal of Management & Organization*, *Journal of Management Development*, *Journal of Work-Applied Management*, *Management & Marketing*, *Management Decision*, *Management Research*, *Management Research Review*, *The Qualitative Report*, Cadernos EBAPE.BR, Organizações & Sociedade, Revista de Gestão, Revista de Economia e Administração, Revista Eletrônica de Administração e Revista da ESPM.

Além disso, é revisor *ad-hoc* de vários jornais acadêmicos internacionais nas áreas acima destacadas. Já como articulista tem contribuído regularmente, com crônicas e ensaios a respeito da Doutrina Espírita e tópicos de autoajuda, para as revistas: *O Consolador* (on-line), *Revista Internacional de Espiritismo*, *O Clarim*, entre outras. Por fim, é autor dos livros *Espiritualidade no Ambiente de Trabalho: Dimensões, Reflexões e Desafios* (Editora Atlas, 2008) e *Talentos Maduros, Diversidade e Inclusão: Uma Visão Crítica* (Editora UFRGS, 2020).